

SISBI/UFU



1000208558



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ÁLISON VELOSO DA CUNHA

**A FAVELA CABANA DO PAI TOMÁS: A OCUPAÇÃO CONSENTIDA –
MEMÓRIA E HISTÓRIA.**

**UBERLÂNDIA
2003**

ÁLISSON VELOSO DA CUNHA

11/01/00
316.334.56(815.11)
C 3127
TES/MEM

**A FAVELA CABANA DO PAI TOMÁS: A OCUPAÇÃO CONSENTIDA –
MEMÓRIA E HISTÓRIA.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós –
Graduação em História da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção
do título de mestre em História.

Área de concentração: História Social
Linha de Pesquisa: Política e Imaginário

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacy Alves Seixas

UBERLÂNDIA – MG

2003

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de
Catalogação e Classificação / mg

C972f Cunha, Álisson Veloso da, 1972-

A favela Cabana do Pai Tomás: a ocupação consentida : memória e história / Álisson Veloso da Cunha. -

150f. : il.

Orientador: Jacy Alves Seixas.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui bibliografia.

1. Belo Horizonte (MG) - História - Teses. 2. Favelas (MG) - Belo Horizonte (MG) - Teses. I. Seixas, Jacy Alves. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 981.511(041.3)

316.334.56(815.11)(041.3)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Álison Veloso da Cunha

**A FAVELA CABANA DO PAI TOMÁS: A OCUPAÇÃO CONSENTIDA –
MEMÓRIA E HISTÓRIA .**

Dissertação aprovada em 11 de abril de 2003 para a obtenção do título de mestre em
História.

Área de concentração: História Social

Linha de Pesquisa: Política e Imaginário

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Jacy Alves Seixas (Orientadora) - UFU

Prof. Dr. Wolney Honório Filho- UFG

Prof.^aDr.^a Christina da Silva Roquette Lopreato - UFU

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida - UFU

GRATIDÃO

Reconhecer historicamente a existência do outro é negar o eu e se tornar o outro (Rui Edmar Ribas). Nesse momento, expresso em palavras esse reconhecimento, mas tenho a consciência que essas palavras não são suficientes fortes e necessárias para expressar meu sentimento de gratidão.

Ao meu pai, Geraldo, do qual herdei, entre outras qualidades, o seu espírito de desbravador e descobridor de novos ares.

A minha mãe, Maria, nome que expressa fibra e magia. Companheira de todas as horas. Aquela que mesmo com a voz embargada de choro, sempre dizia: vai meu filho, vai realizar seu sonho. E, eu fui ... mas chorando ...

Aos meus irmãos: Aloísio, Jaime, Afrânio, “Zé” Itamar, Magno, Wagner e Geraldo, pelo apoio e compreensão da necessidade da ausência.

Aos meus familiares e sobrinhos, pelas vezes que compreendiam onde estava o “sujeito oculto” da seguinte frase: “Cadê o tio Álisson?”.

Uma gratidão especial ao grande companheiro de caminhada, meu irmão Magno. Companheiro de sonhos e realizações.

A minha namorada, pela compreensão e incentivo.

Aos companheiros de caminhada: Alex, Maria da Conceição (Pithu), Denise Falcão, Denise Abreu, José Santos, Ildenilson, Ramiro, Carlos, Edmilson, Gustavo, Wilton, Wellington, Carlos Ozanam e Rui Ribas.

E em especial, a companheira Roselle’s.

Aos companheiros de Uberlândia, que fizeram a distância entre Uberlândia a Belo Horizonte e Uberlândia a Januária se tornar “menor”: Geilson, Odorico, Jane, João Hilton, Vladimir, “seu” Lenísio, Luciana e Alexandre.

Aos professores da “UFU”: Jacy, Maria Clara, Paulo Roberto, Antônio de Almeida, Christina Lopreato, Karla Bessa, Heloisa e Júlio César, pela compreensão e orientações no trabalho.

Agradecimentos especiais à professora Christina Lopreato.

A minha orientadora e companheira de caminhada, Jacy, pela paciência, pelas orientações imprescindíveis para a realização do trabalho e pelos laços de amizade que fomos construindo ao longo da jornada.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os moradores da favela Cabana do Pai Tomás, que gentilmente me cederam suas lembranças e suas memórias para a realização do trabalho.

“Tinha um brejo ali ... e quando eu dizia que a água vinha no meu joelho, ela vinha mais ou menos. Pra gente atravessar aqui, tudo era matagal, era eucaliptal, era tudo. Então eu ajudei a derrubar isso aqui e graças a Deus, tou satisfeito, reunido com meu povo e nós todos que tamos aqui, uai. Amém!”

(Afonso José de Oliveira, morador da favela Cabana do Pai Tomás)

RESUMO

Ao problematizar sobre o tema “A favela Cabana do Pai do Tomás: a ocupação consentida – memória e história”, pretendo construir a memória e a história de uma das maiores favelas de Belo Horizonte, rememorando e lembrando as lutas cotidianas dos moradores pela conquista de seu espaço para morar, começando com a derrubada do imenso eucaliptal que fora plantado pelo empresário e deputado federal Antônio Luciano Pereira Filho, considerado por eles como o primeiro invasor.

No trabalho procuro mostrar, através das lembranças presentes na memória dos moradores, como era a área habitada antes da ocupação, as dificuldades encontradas na construção dos barracos, como por exemplo a repressão policial, as conquistas como água, energia elétrica, transporte, educação, os sentimentos existentes, quem os auxiliava no processo de ocupação, as disputas internas pela liderança do movimento, bem como cenas do cotidiano.

Procuro também relacionar o movimento de ocupação da favela Cabana do Pai Tomás às questões políticas, sociais e econômicas que estavam acontecendo em Belo Horizonte no momento, questões que podem ser consideradas responsáveis pelo início do processo de ocupação da área.

Neste trabalho procuro valorizar e preservar as lembranças presentes na memória dos primeiros moradores que contribuíram enormemente para o seu surgimento e crescimento, bem como das pessoas que os auxiliaram no processo de ocupação.

O trabalho tem como principal fonte de pesquisa os depoimentos dos moradores, dando prioridade para os moradores que participaram da ocupação e de pessoas que estavam ligadas a ela, além de bibliografias de referência, fotos e mapas.

ABSTRACT

Studying one of the biggest slums of Belo Horizonte city, *Cabana do Pai Tomás*, I intended to construct its memory and its history, reminding and remembering the inhabitants' diary fights for the conquer of their space to live, starting with the downfall of an immense *Eucalyptus* area planted by the businessman and Federal Congressman Antônio Luciano Pereira Filho, considered by them as the first invader.

I aim to show, by means of the remembrances present in the inhabitants' memory, how was the inhabited area before the occupation, the troubles faced on the building of the shanties, as for example the police's repression, conquests like water, electrical energy, transport, education, the existent feelings, who helped them with the occupation process, the internal fights for the leadership of the Movement, as like the quotidian scenes.

I intended to relate the occupation movement of the *Cabana do Pai Tomás* shantytown to the political, social, economic questions that was occurring into Belo Horizonte city at that moment, questions which can be considered directly responsible for the start of the area's occupation process.

In this study I also aim to valorize and preserve the remembrances present in the memories of memories of the inhabitants, who contributed immensely for its arising and growing, and of the people whose help was important for the occupation process.

This study has as the main research's source the inhabitants' depositions, giving priority to those who participated of the occupation and the people joined to them, besides of bibliographical references, pictures and maps.

Sumário

Introdução.....	12
Capítulo 1: Surge a Favela do Pai Tomás – memória e história.....	24
1.1 O local e a ocupação.....	31
1.2 Antecedentes da ocupação.....	51
1.3 Industrialização, “favelização” e urbanização.....	68
Capítulo 2: A ocupação consentida.....	73
2.1 A derrubada dos eucaliptos e a construção dos primeiros barracos.....	73
2.2 Os “tubarões de tamanco”	96
2.3 De onde vinham e porque vinham.....	99
2.4 Quem ajudava.....	106
2.5 Os (re) sentimentos.....	113
Capítulo 3: Viver e morar na favela Cabana do Pai Tomás.....	117
3.1 Disputa interna pela liderança da favela.....	129
Considerações Finais.....	138
Bibliografia.....	143
Anexos.....	146

INTRODUÇÃO

“FAVELA MINEIRA É A MAIS APERTADA DO PAÍS

A favela Cabana do Pai Tomás em Belo Horizonte (MG) é o lugar mais populoso do Brasil, segundo o I.B.G.E. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Se todos os moradores estiverem juntos na favela ao mesmo tempo, o espaço que sobrar para cada um é de 5,8 metros quadrados, quase a mesma área ocupada por um carro Gol.

A densidade demográfica é de 0,17 habitantes por metro quadrado, 32,6 vezes maior que o da região metropolitana de Belo Horizonte. De acordo com o presidente da Associação de Moradores, Vicente Gonçalves de Almeida, em cada um dos lotes de 360 metros quadrados, chega a morar até 80 pessoas.

(Jornal *Folha de São Paulo*, 29 de maio de 1994)

“TOQUE DE RECOLHER

TRAFICANTES PROIBIRAM MORADORES DA CABANA DO PAI TOMÁS DE SAIR DE CASA, ONTEM. AS DUAS QUADRILHAS QUE DOMINAM A REGIÃO UTILIZAM FUZIS 762, METRALHADORA AHK, PISTOLAS 9MM E GRANADAS, E DESAFIAM A PM, QUE INVADIU OS BECOS SEM PRENDER NINGUÉM.

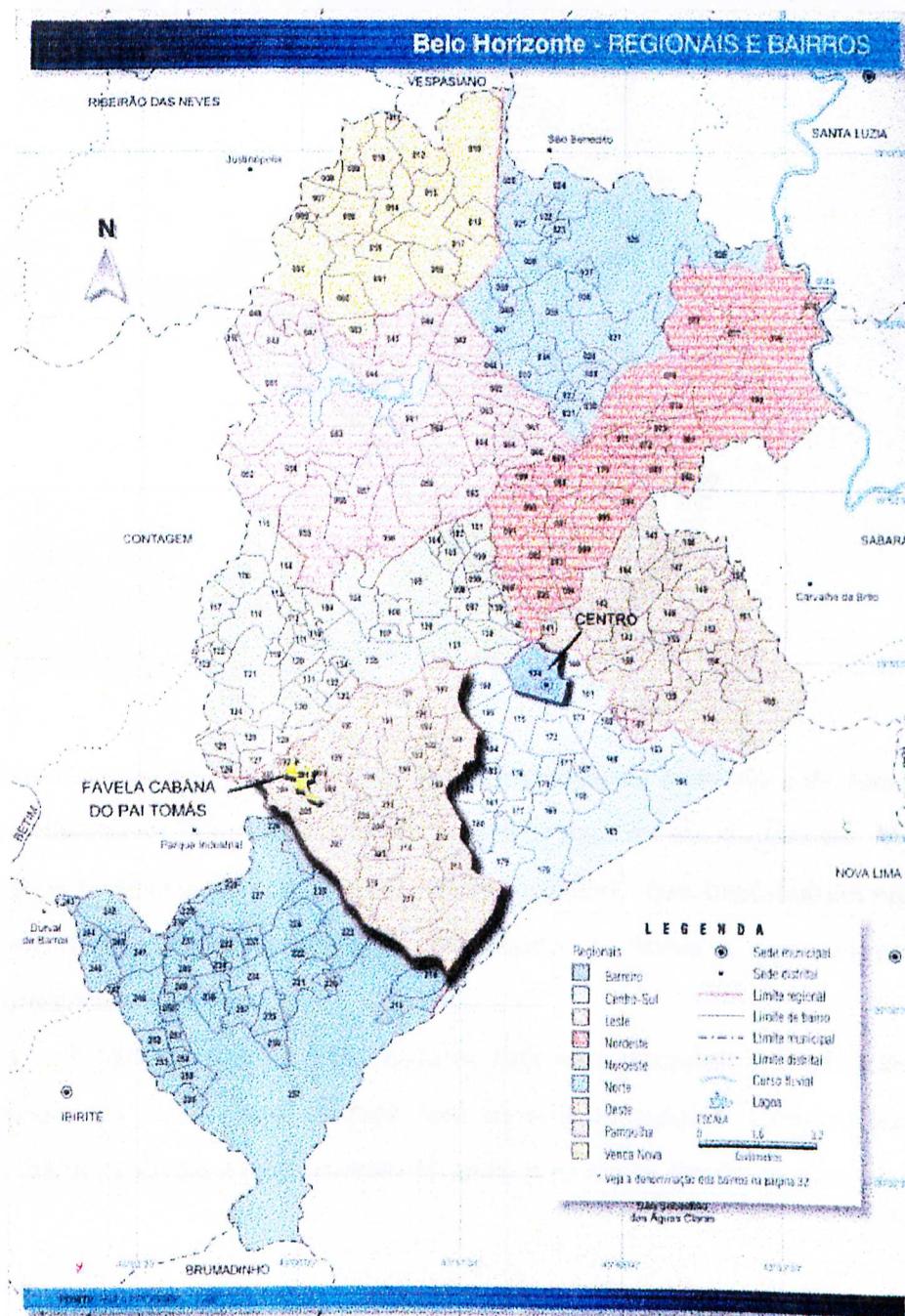
O clima de insegurança na favela Cabana do Pai Tomás, na região Oeste de Belo Horizonte, foi agravado, ontem, quando traficantes impuseram um toque de recolher aos moradores e aos comerciantes, por volta das 17h30. A guerra está declarada nos becos da favela de 66 mil habitantes que assistem à disputa pelos pontos do tráfico entre duas gangues armadas. A polícia apela a denúncias anônimas para intervir na região.”

(JORNAL *Estado de Minas*, 04/07/02)

A favela começou a surgir e a expandir – se em agosto de 1963 quando um grupo de homens, mulheres e crianças invadiram e derrubaram uma área plantada de eucaliptos que, supostamente, pertencia ao empresário e deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho¹, começando aí a construção dos barracos daquela que seria conhecida como favela Cabana do Pai Tomás.

A favela Cabana do Pai Tomás está localizada na região Oeste de Belo Horizonte, pertencendo a Regional Oeste da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Tem como principais limites o cemitério Parque da Colina, a avenida Amazonas (uma das principais

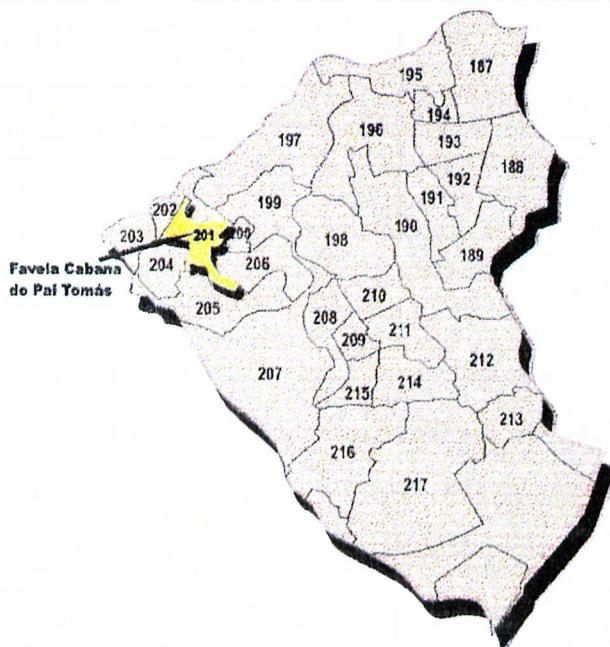
avenidas de Belo Horizonte, que liga o centro Comercial ao centro Industrial da cidade) e a rua Independência. Possui uma área de aproximadamente 500.000 m², com uma população estimada de 70 mil habitantes, sendo considerada uma das favelas mais povoadas do Brasil. Está situada também, à aproximadamente três quilômetros da cidade Industrial Juventino Dias, mais conhecida como Cidade Industrial.



¹ Antônio Luciano Pereira Filho, médico, industrial, empresário do ramo de cinemas e hotelaria. Foi

A Favela Cabana do Pai Tomás, faz limítrofes com os seguintes bairros: Jardinópolis (202); Glarijá ou Vila Oeste (203); Madre Gertrudes ou Vila MAGNESITA (204); Vista Alegre (205); Nova Cintra (206); Patrocínio (200)².

Belo Horizonte - REGIONAL OESTE



O presente trabalho tem por objetivo a construção da memória e da história de uma das maiores favelas de Belo Horizonte nos primeiros anos de seu surgimento. Visa, ainda, à preservação e à valorização da memória dos moradores que contribuíram enormemente para o surgimento, desenvolvimento e crescimento da favela e que não possuem sua memória preservada e valorizada.

Torna – se particularmente muito sedutor para mim pesquisar a favela Cabana do Pai Tomás devido aos fortes laços afetivos com os seus moradores. Convivo numa relação quase que diária na favela a praticamente 30 anos, pois minha família mudou para um bairro

deputado Federal pelo PSD entre 1963 a 1967.

² A relação completa dos números correspondentes aos bairros de Belo Horizonte, por regional, encontra – se nos documentos em anexo.

limítrofe (bairro Jardimópolis) em 1972³. Essa estreita ligação com os moradores aumentou com minha participação nos movimentos sociais da região, com destaque para os movimentos ligados a Igreja Católica (Pastoral da Juventude; Comunidades Eclesiais de Base)⁴.

Em relação a essas lembranças presentes em minha memória sobre a convivência com os moradores, cito HALBAWACHS, quando ele afirma:

quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer que todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse substituir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele, confundir nosso passado com o seu (HALBWACHS:1990:28).

E esse espírito de ter nascido na região, ter convivido com os moradores, de ter feito parte do grupo, de ter me identificado com ele, de ter participado dos movimentos sociais na favela, de permanecer em permanente contato com seus ocupantes, são motivos que despertam para essa vontade de pesquisar a memória e a história da favela Cabana do Pai Tomás nos primeiros anos de seu surgimento.

No trabalho, procuro não utilizar o termo invasão quando refiro ao ato praticado pelos moradores e sim ocupação, por acreditar que o primeiro invasor da área foi o deputado Federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho.

O trabalho foi feito tendo como uma das principais fontes de pesquisa os depoimentos das pessoas que participaram e presenciaram a invasão da área em que estavam plantados os eucaliptos. YARA KHOURY afirma que

os estudos sobre algumas cidades, lembranças narradas por seus moradores auxiliam na recuperação de outros contornos e viveres da cidade (KHOURY;2001:83).

Devido ao nível de instrução dos moradores, a linguagem utilizada pelos moradores é uma linguagem coloquial. No entanto, vou preservá-las porque tal linguagem não interfere na compreensão do texto e na realização do trabalho.

³ Costumo brincar que literalmente nasci na região, pois até na Certidão de Nascimento estão os seguintes dados: Local de Nascimento: Parque Industrial – Contagem.

No trabalho foram entrevistados 20 moradores que participaram do movimento de invasão e que atualmente estão morando na favela; 01 morador que mudou para um bairro limítrofe e que acompanhou todo o processo de invasão, 01 morador que chegou à favela após a derrubada dos eucaliptos; o prefeito na época da invasão; 01 estudante que participou do movimento de invasão; um dos líderes da Federação dos Trabalhadores Favelados; o comandante do policiamento na época da invasão; o proprietário da primeira linha de ônibus que circulava na região, totalizando 26 entrevistas que resultaram em 29 fitas cassetes gravadas e 260 páginas transcritas.

Foi constituído também um acervo de fotos, retiradas das edições do *Jornal Diário de Minas* datadas entre os meses de Agosto a Outubro de 1963. Essas fotos foram scaneadas e trabalhadas a sua qualidade de impressão, pois os jornais não se encontram em bom estado de conservação. Além das fotos das edições do *Jornal Diário de Minas*, consegui, também, junto aos moradores algumas fotos..

Acrescenta – se, ainda, o “Levantamento Histórico do Aglomerado Cabana do Pai Tomás”, que se constitui em um conjunto de aproximadamente 120 reportagens sobre o processo de surgimento e ocupação da favela Cabana do Pai Tomás entre Julho e Dezembro de 1963. Esse levantamento se constituiu de reportagens publicadas pelos jornais na época e que foram fotocopiadas e organizadas pela Secretaria do Trabalho e Ação Social.

Diante do material de pesquisa levantado, meu “grande trabalho” foi “filtrar” tal material para a problemática a ser desenvolvida: a construção da memória e da história da favela, envolta nas discussões feitas nas linhas de Pesquisa de Política e Imaginário e Trabalho e Movimento Social.

A seleção dos depoentes foi feita tendo como referência os moradores que de fato participaram da invasão. A primeira pergunta para “descobrir” quem de fato estava morando na favela desde a invasão e a derrubada dos eucaliptos era:

“Você participou da invasão e derrubada dos eucaliptos?”

A pergunta funcionava como um “estopim” para detonar as lembranças que estavam guardadas e presentes na mente dos moradores. Sendo assim, não eram raras as vezes que esses moradores sentiam a necessidade de registrar como surgiu a favela. Essa preocupação

aparece de uma forma clara e objetiva na lembrança do morador Raimundo Apolinário da Silva, ao afirmar que:

“A prática da coisa por exemplo é ... a gente é analfabeto sabe? A gente num sabe nem lê para ser sincero, mais o que você acha por exemplo, você mora aqui, eu fico sempre preocupado com isso né. Porque a Cabana ta servindo para nós tudo e quando nós miora a cabeça um pouquinho, nós num que participar de nada, porque eu já tou satisfeito com aquilo que tenho. Eu num tinha um carro e tem um carro, eu num tinha um armazém e agora tem um comércio e quando eu chego a ter tudo isso, eu esqueço do passado? Então pra mim a faia da Cabana é isso, né? Porque hoje ocê num vê ninguém contar uma história da Cabana, quando ocê fala assim ...”⁵

Ao problematizar a memória da Favela Cabana do Pai Tomás utilizando principalmente as fontes orais, esta pesquisa pretende construir a história de uma das maiores favelas de Belo Horizonte rememorando as lutas cotidianas dos moradores para conquistar seu espaço de morar, a transformação desse espaço e as cenas do cotidiano que estavam presentes nele. A proposta é “contar a história da Cabana”⁶ com os depoimentos dos moradores, problematizar esses depoimentos, dar forma e significados para as situações acontecidas. Por um outro lado, também, visa separar a ligação existente entre favela e criminalidade, tão comum nos dias de hoje, onde a favela não pode ser somente sinônimo de criminalidade e marginalidade, como mostra a seguinte reportagem publicadas nos jornais de Belo Horizonte⁷:

“Cabana

Militares são acusados de matar pedreiro e agredir moradores.

PM apura denúncias

Traficantes travam guerra com a polícia”

(Jornal Estado de Minas, 03/04/02)

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, denominado “Surge a Favela Cabana do Pai Tomás”, procura explicar como surgiu a favela Cabana do Pai Tomás em Belo Horizonte, tendo como ponto de partida a origem do seu nome. Após esse questionamento alguns outros se tornam pertinentes como, por exemplo, como era o

⁵ Raimundo Apolinário da Silva, 67 anos, entrevista concedida ao autor em 15/04/01.

⁶ Essa necessidade de “contar a história” da favela Cabana do Pai Tomás passa a ser um ponto comum em praticamente todos os moradores entrevistados. Existe por parte deles a cobrança de “escrever um livro” de como surgiu a favela Cabana do Pai Tomás, no intuito de preservar a memória daquelas pessoas que contribuíram para o surgimento da favela e de mostrar para os “mais novos” que a favela não pode ser lembrada somente pela criminalidade e a marginalidade existente.

local antes da invasão e quais foram os antecedentes da invasão. O capítulo termina com a trilogia industrialização, “favelização” e urbanização, uma vez que essa trilogia também foi uma das responsáveis pelo surgimento da favela Cabana do Pai Tomás.

O segundo capítulo denominado “A Ocupação Consentida”, começa com a derrubada dos eucaliptos e a construção dos primeiros barracos na favela. Explica também o nome “Ocupação Consentida”. Esse capítulo trata ainda dos “tubarões de tamanco”, de onde vinham e porque vinham esses moradores, quem os ajudava, os sentimentos que possuíam.

“Viver e morar na favela Cabana do Pai Tomás”, terceiro capítulo, procura mostrar como era o cotidiano dos moradores da favela naquela época, a disputa interna pela liderança do movimento de ocupação, a ampliação dos barracos, lazer e as conquistas.

A palavra favela sempre foi carregada de preconceitos. Antes era sinônimo de ocupação irregular, de crescimento desordenado da cidade, de habitações improvisadas, hoje é sinônimo de marginalidade, de exclusão social. Jean – Charles Depaule e Chistian Topalov afirmam que:

de início era um nome próprio: pouco tempo depois que os moradores dos bairros do Rio de Janeiro, vítimas da “era das demolições”, tinham começado a invadir com seus casebres o Morro da Providência, o uso popular rebatiza uma das colinas do centro da cidade, em torno de 1897, de “Morro da Favela”. Um novo tipo de habitação improvisada surgiu, distinto por sua morfologia e pela ilegalidade das habitações coletivas deformadas do tecido antigo, designadas por estalagens e cortiços. Tanto para as autoridades quanto para a imprensa, “A Favela” é de início um (anti)modelo, associado ao crime e à desordem, ao qual serão cada vez com mais frequência comparados outros sítios. Construções similares multiplicaram – se, de fato, nas encostas da cidade, mas será preciso esperar os anos 1920 pra que o topônimo seja substantivado: favela perde então sua maiúscula, depois as aspas utilizadas inicialmente, para tornar-se um nome comum. Favelas dá então nascimento a favelados, uma população sendo assim designada por seu habitat (Depaule & Topalov;2001:30)

Sobre o surgimento das favelas, MARCOS ALVITO e ALBA ZALUAR afirmam que

falar em favelas é falar da história do Brasil desde a virada do século passado. É falar particularmente da cidade do Rio de Janeiro nos primeiros anos do estabelecimento da República (Alvito & Zaluar;1988:07) .⁸

⁷ As reportagens na íntegra encontram – se nos documentos em anexo.

⁸ Sobre o surgimento das favelas no Rio de Janeiro, ver entre outras obras: ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba. *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1998.

A palavra favela origina - se de um arbusto com sementes oleaginosas, freqüentes no sertão brasileiro do Nordeste. Nos fins do século XIX, soldados retornados de Canudos não tinham onde morar e foram ocupando, no Rio de Janeiro, os morros da Providência e Santo Antônio nos fundos dos quartéis. Dizia - se que as barracas pipocavam como arbustos (favelas) no sertão, vindo daí o nome.

O tempo foi passando e o termo favela passou a ser registrado para designar as áreas geográficas que possuíam habitações irregulares, sem planejamento urbano, que não possuíam infra - estrutura necessária como água, luz, esgoto, ou seja, regiões que geralmente estavam distantes dos centros urbanos e eram definidas socialmente no sentido pejorativo como populações que não tinham bons hábitos e bons costumes morais. Essa falta de infra - estrutura e a falta de apoio por parte dos órgãos governamentais com o passar do tempo irá gerar um conjunto de tensões sociais, à medida que a população que reside nessas áreas sente a necessidade de se organizar, de lutar por melhores condições de vida e até para sair desse estereótipo de não ter bons hábitos e bons costumes morais.

No final do século XIX, surge a nova capital de Minas Gerais Belo Horizonte. Fundada, desenhada e criada para ser uma capital que de fato mostrasse os verdadeiros ares da “Nova República” que estava se formando no Brasil, Belo Horizonte foi inaugurada em dezembro de 1897. Era necessária a inauguração de um marco para esse novo tempo pelo qual estava passando o país e esse marco pode ser representado pela mudança da Capital do estado de Minas Gerais, que até naquele momento era a cidade de Ouro Preto.

No planejamento do engenheiro - chefe da comissão construtora, engenheiro Aarão Reis, uma enorme avenida circularia a cidade, fixando os limites entre a zona urbana e a suburbana. A avenida do Contorno representava esse marco da construção de uma cidade entre a cidade planejada e organizada. No perímetro que estivesse do lado de dentro da avenida do Contorno estaria a cidade organizada, do lado de fora estaria a outra cidade.

De acordo com os planos do engenheiro Aarão Reis, chefe da comissão construtora, não estava prevista a construção de alojamentos ou moradias para os trabalhadores que trabalhavam na construção da nova Capital. Uma das únicas preocupações seria a

NOVAIS, Fernando, et.al. *História da Vida Privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, v.3;1998.

construção de um enorme barracão de madeira, coberto por folhas de zinco, havendo separações para os solteiros e para as famílias. Solução que não resolveu o problema devido ao grande número de trabalhadores envolvidos na construção.

No planejamento de Aarão Reis, a primeira preocupação seria a construção da zona urbana e logo depois da região suburbana da cidade. Os altos preços dos terrenos ocasionados, principalmente, pela especulação imobiliária fizeram com que grande parte dos moradores se deslocasse para as regiões suburbanas, onde os preços dos terrenos eram baixos. Por outro lado, esses terrenos não possuíam uma infra - estrutura mínima necessária para a construção das moradias.

A falta de acomodações para aqueles que migravam para a nova capital em construção, levou ao surgimento de cafuas⁹ e barracos por todo lado.

A própria comissão construtora da cidade, sentindo que não teria condições de resolver o problema, abriu mão da proibição de edificações provisórias e começou ela mesma a resolver o problema, construindo pequenas casas de pau - a - pique, cobertas de folhas de zinco, com acomodações para famílias e solteiros.

Começam a surgir de fato as primeiras favelas em Belo Horizonte que, a princípio, abrigavam os trabalhadores da construção da Capital. Essas favelas começaram a surgir então em torno do Córrego do Leitão, onde hoje está situado o bairro Barro Preto e a favela do Alto da Estação, atualmente bairro de Santa Tereza.

Nos primeiros anos após a inauguração da capital, o país começava a passar por uma crise econômica, ocorrida principalmente por causa da queda do preço do café. Os efeitos foram sentidos na diminuição do investimento por parte do governo federal na construção da nova Capital. A crise econômica trouxe quase como efeito imediato a paralisação das obras e consequentemente o desemprego, aumentando o problema da habitação.

Os empreiteiros, com receio de não receberem por seus serviços começaram a abandonar as obras que estavam em andamento. Os trabalhadores, em situações deploráveis, começaram a construir para si e sua famílias cabanas sem conforto nenhum nos bairros de Santa Teresa, Lagoinha e Barroca.

⁹ Habitações construídas rapidamente. não possuindo nenhum conforto.

Construir moradias para os trabalhadores não fazia parte do conjunto de preocupações da sociedade brasileira até aquele momento. Uma das justificativas alegadas pelos construtores por esse descaso para com as classes populares eram os problemas sanitários enfrentados pelas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, cidades essas que possuíam enormes quantidades de cafuas, barracos, barracões e habitações coletivas.

Para impedir a proliferação dos problemas sanitários, foram criadas leis que coibissem a proliferação das habitações populares. As leis criadas davam amplos poderes para a prefeitura realizar demolições das edificações consideradas insalubres e sem condições de habitação¹⁰.

A prefeitura começava a perseguir as habitações suspeitas com ameaças de demolição e remoção das cafuas, dos barracões e dos cortiços. Os habitantes dessas moradias vivam momentos de aflição e de desespero com medo de perderem sua moradia. De acordo com LETÍCIA JULIÃO, o que acontecia em Belo Horizonte era o seguinte:

logo após a inauguração da Capital, a Prefeitura já tomava providências para remover o núcleo de cafuas que se estabelecera no centro da cidade. Também se iniciou uma verdadeira guerra contra os barracões, construídos provisoriamente para servirem de depósitos de materiais, no fundo dos lotes urbanos, e que acabavam sendo alugados para os operários (JULIÃO;1996:91).

A preocupação central da prefeitura era de manter a “cidade limpa”; e manter a cidade limpa nesse caso, era a realização de um processo de seleção dos moradores. As áreas centrais, dentro dos limítrofes da avenida do Contorno, estavam muito valorizadas, fazendo com que a população de baixa renda se deslocasse para as regiões mais distantes do centro; áreas essas com poucas condições de infra - estrutura.

As favelas iam aumentando e aumentando com elas a preocupação da prefeitura em promover a “operação limpeza” na cidade, com a preocupação da remoção das favelas para regiões mais distantes do centro urbano.

¹⁰ As leis criadas foram inspiradas na Reforma Urbana que estavam acontecendo no Rio de Janeiro em 1906, coordenadas pelo engenheiro urbanista Pereira Passos. A reforma Pereira Passos como ficou sendo mais conhecida, colocou como principal alvo de atuação os cortiços, as casas de cômodos e as estalagens. Essas habitações foram associadas a antros de insalubridade e de doenças infecto - contagiosas. Para sanar o problema, definiu - se que a melhor solução seria a demolição das habitações. A reforma Pereira Passos reorganizou a cidade através de um processo de segregação sócio - espacial. As atividades comercial e financeira estavam concentradas na área central da cidade, com isso a população pobre foi sendo empurrada para as regiões mais periféricas da cidade.

Como exemplo da prática adotada pela prefeitura, foram assinados alguns decretos com esse intuito, com destaque para os de nº 1.516 de 1902 e o de nº 2486 de 1909.

Em 1902 é assinado o decreto de nº 1.516, no qual era destinada a 8ª seção urbana, seção onde hoje está localizado o bairro Barro Preto, no qual ficava a região destinada à construção da primeira vila Operária da Capital. Em 1909 é assinado o decreto de nº 2486, que determinava que os concessionários da área seriam obrigados a manter a área ocupada no mais completo asseio e limpeza. Determinava ainda a integração dos funcionários mais estáveis na zona urbana, afastando da zona urbana os invasores que deterioravam a paisagem urbana.

O número de barracões ia aumentando e com eles aumentava também a perseguição da prefeitura, que declarava guerra às cafuas, barracos, barracões e cortiços, promovendo - se a demolição e a remoção dos moradores. Para Leticia Julião, a demolição dos cafuas, dos barracos e dos casebres foi um dos recursos mais drásticos utilizados pela prefeitura no sentido de acabar com as moradias consideradas por ela como insalubres e moralmente condenáveis, LETÍCIA JULIÃO afirma ainda que

na representação imaginária do poder e das elites, a insalubridade era uma noção praticamente correlata às idéias de desordem e imoralidade. Esse tipo de discurso legitimou a perseguição sem tréguas dos agentes sanitários às casas habitadas por gente pobre, prostitutas, “desordeiros” ou vagabundos. A pobreza, sob todos os aspectos, maculava o cenário civilizado da capital, o que justificava, segundo o Relatório da Prefeitura de 1912, a expulsão desses verdadeiros “bairros chineses” do coração da cidade (JULIÃO;1996:91).

O que acontecia em Belo Horizonte com essas habitações iam de sentido contrário à idéia das pessoas que idealizaram a cidade, de formar o Belo ... Horizonte, passando a ficar mais claro nesse momento o caráter segregacionista da cidade, onde a pobreza “manchava” o “Belo ... Horizonte”.

A década de 20 é marcada, em Belo Horizonte, pelo elevado crescimento desordenado da cidade, onde as zonas suburbanas estavam sendo povoadas de uma forma muito rápida, devido a grande valorização dos terrenos da área central da cidade e em razão do grande processo migratório que estava acontecendo. Um dos fatores responsáveis por esse crescimento populacional estava relacionado à economia brasileira, principalmente nas grandes cidades onde naquele momento, estavam sendo instalados os pólos industriais.

A partir de 1930, com o crescimento da cidade, praticamente não existiam mais favelas nas proximidades do centro de Belo Horizonte. A especulação imobiliária, a política de combate às cafuas, barracos e barracões a remoção das favelas, além do crescimento industrial e comercial por qual estava passando a cidade, podem ser considerados como responsáveis.

Por outro lado, as regiões periféricas da cidade estavam cada vez mais povoadas, sem condições de infra - estrutura que pudesse atender os moradores, atenuando ainda mais o surgimento das favelas na cidade. A prefeitura, por sua vez, começava a distribuir lotes para os trabalhadores, formando as vilas operárias. Essas vilas operárias vindo a ser uma novidade na questão habitacional em Belo Horizonte, passando a ser o local de “habitação natural” dos trabalhadores. Surgiam, então, as Vilas São Jorge, Santo André, Vila Conceição entre outras. As construções que seriam feitas na vila seguiriam uma determinação dada pela prefeitura, que ficaria encarregada de dar à licença para a construção das casas.

Os anos iam passando, a população ia aumentando e iam aumentando também os problemas de moradia, principalmente para as populações mais carentes. Essa população não tinha local para morar, fator que a levou a invadir terrenos que também passariam a ser chamados de “Vilas Favelas”, composta de um grande número de casas sem nenhuma infra - estrutura. Ao lado das “Vilas Favelas” aumentavam também o número de favelas na cidade, iam aparecendo várias favelas, como por exemplo às favelas da Barroca, que em 1932 estava situada nas proximidades do bairro Gutierrez, Pedreira Prado Lopez, Favela Pindura Saia e outras

1º CAPÍTULO

“SURGE”¹¹ A FAVELA CABANA DO PAI TOMÁS – MEMÓRIA E HISTÓRIA.

Belo Horizonte, em 1940, possuía duas grandes favelas: A favela da Barroca, situada mais na área central da cidade e a Pedreira Prado Lopes¹², situada no bairro Lagoinha, nas proximidades da onde seria construído o conjunto IAPI¹³ (Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Industriários). Ambas possuíam uma população de 3500 habitantes.

As favelas existentes causavam preocupações ao prefeito da época, Juscelino Kubistchek. Este afirmava que a cidade deveria dar atenção também para o problema das moradias populares e não somente aos bairros nobres que estavam sendo criados em volta da lagoa da Pampulha¹⁴. Para confirmar essa preocupação, o prefeito assina o decreto - lei ° 75, de 24 de outubro de 1940, onde estava prevista a construção de um bairro para os moradores, surgindo daí o conjunto IAPI (Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Industriários).

¹¹ A favela Cabana do Pai Tomás, bem como as outras favelas surgidas naquele momento em Belo Horizonte, foi uma das conseqüências das questões sociais e políticas que estavam acontecendo em Belo Horizonte e no Brasil naquele momento, como a problemática do desfavelamento; o processo de urbanização e industrialização, a situação econômica e política do país. Assim, a favela Cabana do Pai Tomás não surge de repente na Capital, mas surge como um dos resultados desse conjunto de questões políticas e sociais na qual ela estava inserida.

¹² A favela Pedreira Prado Lopes estava localizada em uma enorme área pertencente à Prefeitura, onde a mesma já tinha proposto, através de um projeto de lei, a venda de seus lotes para os moradores, sendo suspensa, porque foi descoberto que várias pessoas utilizariam – se da lei para vender os terrenos.

¹³ Em 1942, O Instituto de Aposentadoria dos Industriários (IAPI) e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte assinaram um contrato para construir um conjunto de edifícios de apartamentos para servidores da prefeitura e contribuintes do IAPI. A prefeitura doou o terreno, urbanizou a área e dispensou os impostos. (BH 100 ANOS; 1997:55).

¹⁴ O prefeito Juscelino Kubistchek queria fazer da região um bairro de elite, com um lago artificial, margeado por equipamentos de turismo e lazer, com cassinos, clube, restaurante, capela, hotel e campo de golfe. Os dois últimos não foram construídos, mas o que foi construído, projetou Belo Horizonte no mundo. Com a Pampulha, a Capital Mineira tornou – se referência internacional da arquitetura moderna (BH 100 ANOS; 1997:51).

A favela da Barroca¹⁵, considerada a última das favelas situadas na zona urbana da cidade, teve seu processo de remoção iniciado em 1930, vindo terminar em 1942 com a formação de uma nova e imensa favela denominada “Vila dos Marmiteiros”¹⁶.

Com o desenvolvimento industrial e econômico da cidade, aumentava também a problemática habitacional, surgindo várias favelas presentes até hoje em Belo Horizonte ocupando o mesmo lugar, como por exemplo às favelas Cabana do Pai Tomás, Morro do Querosene, favela Prado Lopes, favela do Alto do Vera Cruz. Todas as favelas citadas tiveram seus embriões na década de 40, como afirma Berenice Guimarães:

Favela do Pombal (Serra). 1948/1949; Pedreira Prado Lopes (Lagoinha), 1920 e reconstituída a partir de 1945; Buraco Quente 1(Lagoinha), 1930; Buraco Quente (Carmo), 1940; Pindura Saia (Cruzeiro), 1940; Mato da Lenha (Salgado Filho), 1942; Universidade (Santo Agostinho), 1940; Marmiteiros (Gameleira), em 1942 com os remanescentes da Barroca; Pau Comeu-Comeu (São Lucas), 1948; Urubus (Santa Efigênia/Santa Teresa). 1945; Mendonça (Carmo). 1940; Faz quem quer (Horto), 1945 e Edgar Werneck (Horto), 1940. Além dessas, existiam ainda as favelas Acaba Mundo (Sion). Cabana do Pai Tomás (Vista Alegre). Morro do Querosene e Morro das Pedras (Grajaú) (GUIMARÃES;1991:230).

O local ocupado pela favela Cabana do Pai Tomás antes da invasão era conhecido como “Barroquinha”, devido à proximidade da então favela da Barroca. De acordo com as lembranças do Sr. Jair Rodrigues da Silva, cuja família mudou para a região bem antes da área ser invadida, toda ela era conhecida como “Barroquinha”:

*“... Aqui antigamente a gente chamava era de Barroquinha... depois de 1960 é que foi mudado o nome para Cabana do Pai Tomás...”*¹⁷

Dona Juraci Esteves de Castro¹⁸, considerada uma das moradoras mais antigas da favela Cabana do Pai Tomás, costuma dizer que praticamente nasceu na região, pois sua família era do bairro Betânia, bairro que antes da ocupação fazia limítrofes com o cemitério

¹⁵ A história da favela da Barroca, confunde – se um pouco com a história de Belo Horizonte, pois no princípio de sua formação, estava situadas às margens do Córrego do Leitão e sempre foi alvo do processo de remoção por parte da prefeitura. Depois foi transferida para as proximidades da Atual Assembléia Legislativa, também foi removida de lá, mudando – se para um aterro no bairro Gameleira, formando a Vila dos Marmiteiros.

¹⁶ A origem do nome vem da campanha do brigadeiro Eduardo Gomes, quando trocou insultos com a classe trabalhadora em sua campanha para presidente, afirmando que não precisaria de votos daqueles que comiam de marmitta. Essa favela estava situada em uma área próxima a avenida Raja Gabaglia, nas proximidades da avenida do Contorno.

¹⁷ Jair Rodrigues da Silva, 64 anos, entrevista concedida ao autor em 02/06/01.

¹⁸ Juraci Esteves de Castro, 70 anos, entrevista concedida ao autor em 16/06/01.

Parque da Colina. Toda a área onde hoje está localizado o cemitério Parque da Colina, o bairro Patrocínio e parte da área ocupada pela favela Cabana do Pai Tomás pertenciam aos seus familiares. O terreno foi dividido entre os familiares, algumas partes do terreno foram vendidas para o deputado federal Antônio Luciano Pereira Filho, outras vendidas para a construção do cemitério Parque da Colina, outras foram invadidas pelo mesmo deputado que plantava eucaliptos na área como forma de garantir a propriedade, ficando para a família somente a parte onde ela estava morando nas proximidades da favela Cabana do Pai Tomás e a parte da avó, também não foi vendida ou invadida a área onde estava situada a capela de São Geraldo.

Dona Juraci explica porque o primeiro nome da favela Cabana do Pai Tomás foi “Barroquinha”:

“...Mas aqui mesmo chamava era Barroquinha, que aqui era uma barroca onde é o Fundo da Colina, ali era um barro grande e então tinha o nome de Barroquinha e então tinha mais nome de Barroquinha, depois passou pra Cabana do Pai Tomás por causa desse home que veio pra cá e então eles chamava o lugar lá de Cabana, lá era uma Cabana e aqui ficou como Cabana do Pai Tomás...”¹⁹

Não se sabe explicar de forma precisa e única porque a favela possui esse nome, fato que permanece como uma incógnita para seus moradores, uma vez que as lembranças dos moradores divergem. Essas lembranças não possuem o compromisso único com a verdade, elas ambicionam a verdade. De acordo com JACY ALVES SEIXAS, a memória tem igualmente compromisso com a ação

a memória – ação evoca, em geral, uma dimensão coletiva das atividades humanas (ou divinas), articulando passado, presente e futuro (SEIXAS;54)²⁰.

No caso específico da dona Juraci, essa memória -ação demonstrada quando ela cita termos como “...aqui mesmo chamava...”, “...depois passou pra Cabana do Pai Tomás...” e “...aqui ficou ...”. O depoente constrói com esses termos essa articulação do passado com o presente com a memória.

Todas as justificativas para o nome Cabana do Pai Tomás são consideradas verdadeiras, pois são versões que estão presentes no meio dos moradores, sendo versões

¹⁹ Juraci Esteves de Castro, depoimento citado.

²⁰ Para prolongar discussão ver artigo: “Comemorar entre memória e esquecimento”, in: Revista História e Debates, 2000, UFPR.

construídas de uma forma coletiva por eles. JEAN DUVIGNAUD, na introdução do livro de MAURICE HALBWACHS, afirma que a memória coletiva “recompõe magicamente o passado”. Recompôr magicamente o passado é recompôr um passado não tendo o compromisso com a verdade, por mais que ele deseje. Por isso é que aparecem expressões como: “*Há pessoas que dizem...*”²¹; “*Tem umas pessoa que fala...*”²²; “*... conversando com as pessoa mais antiga...*”²³; “*... Uai! Eu num sei não. Eu via falar que era o velho da casa...*”²⁴; “*... e a história ficou sendo esta e aí pegou a tradição de Pai Tomás...*”²⁵

De acordo com os moradores, existem várias versões que explicam o nome: Que Pai Tomás era um curandeiro; que o nome do local está relacionado a um restaurante situado nas proximidades; que o nome pode se referir a um capataz que morava na fazenda Gameleira e existe ainda uma versão relacionando o nome da favela ao livro “A Cabana do Pai Tomás” de Harriet Stowe.

A origem do nome “Cabana do Pai Tomás” pode estar relacionada também ao curandeiro Joaquim Cândido Tomás, que era procurado por pessoas que possuíam alguma enfermidade e iam se “benzer”:

*“... O que eu sei é a questão do vei que eles chamava de Pai Tomás e que ele mexia com benzisão e tinha aquela lenga - lenga danada lá embaixo e aparecia muita gente né, pra ir lá e coisa... e a história ficou sendo esta e aí pegou a tradição de ir benzer no Pai Tomás...”*²⁶

*“... Ali embaixo, perto da igreja Deus e Amor tinha uma Cabana e aí tinha um senhor já de idade que o povo chamava ele de Pai Tomás ... e o pessoal dizia que ele benzia a gente, que ele era um homem benzedor e então batizaro o lugar como Cabana do Pai Tomás...”*²⁷

*“... Há pessoas que dizem que em algum ponto aqui morava um Preto Velho que chamava Pai Tomás e as pessoas vinha aqui para visitar a Cabana desse Preto Velho e ele fazia curas e etc... ele era curador ...”*²⁸

*“É, ele tava relacionado com o espiritismo esse nome. Acho que por ali eles faziam muito centro - espírita essa coisa, acho que tava relacionado com isso ...”*²⁹

²¹ José Martins Sobrinho, 59 anos, entrevista concedida ao autor em 30/05/01.

²² Maria da Conceição, entrevista concedida ao autor em 22/07/01

²³ José Martins Sobrinho, depoimento citado

²⁴ Maria da Conceição, depoimento citado

²⁵ Raimundo Apolinário, depoimento citado

²⁶ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado

²⁷ Geracino França Pinto, entrevista concedida ao autor em 05/05/01.

²⁸ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

“... Tem umas pessoa que fala que ele era um benzedor, que ele mexia com esse negócio de benzer e ele tinha uma cabaninha que o pessoal apididava de Cabana do Pai Tomás, a Cabana era dele...”³⁰

A segunda configuração³¹ desse conjunto de memórias presentes entre os moradores da favela Cabana do Pai Tomás sobre a origem do nome se refere a um restaurante situado nas proximidades da avenida Amazonas, que está situada próxima à favela. A avenida Amazonas é uma das avenidas mais movimentadas de Belo Horizonte, fazendo a ligação entre o centro comercial e o centro industrial da capital:

“...conversando com as pessoas mais antigas e elas falavam que aqui em algum lugar tinha um bar, um bar de noitadas né e as pessoas vinham passar a noite e então o bar chamava Cabana do Pai Tomás. Então as pessoas vinham, saiam de lá de Belo Horizonte e viero lá para a Cabana do Pai Tomás, pro Cabana do Pai Tomás e o nome ficou ...”³²

“...Eles pôs o nome de Cabana do Pai Tomás por causa de um senhor que tinha ali, o seu Zé Scarpelli, ali mesmo onde tinha aquele antigo CECI³³. Perto do CECI tinha uma casona grande que era desse moço, senhor Zé Scarpelli. Zé Scarpelli, ele era italiano e lá tinha um salão grande de dança e então eles pusero esse nome nesse home de Pai Tomás e ai ficou esse nome ...”³⁴

“... A Cabana do Pai Tomás era o nome velho disso aqui entendeu e de maneira que é seguinte, o negócio desse Cabana do Pai Tomás ... apesar que lá em baixo ter uma porcariada danada ali na coisa das flores, ali na rua das flores, ali naquele pedacinho tinha um ambiente lá que era só de pouca vergonha, que era palco de mulherada, dança, coisa assi, coisa tal, mais dominado por gente que tinha dinheiro memo que controlava o negócio lá e era o controle deles e eu próprio num gostava de entrar lá não...”³⁵

A terceira configuração dessas memórias sobre a origem do nome Cabana do Pai Tomás é que morava na fazenda Gameleira um capataz com idade avançada e que ficava em uma Cabana tomando conta dos animais dos viajantes, que iam para o Barreiro, bairro situado na região Oeste de Belo Horizonte, considerado um dos bairros mais antigos da

²⁹ Eustáquio Murilo da Silva, 80 anos, entrevista concedida ao autor em 03/06/01.

³⁰ Maria da Conceição, entrevista concedida ao autor em 22/07/01

³¹ Utilizo aqui o termo configuração, pois as memórias são aparentadas. A memória tem a capacidade de dar a um mesmo fato uma pluralidade de lembranças. Ela indica vários lugares, mas que divergem um pouco na forma como eles são apresentados.

³² Jose Martins Sobrinho, depoimento citado.

³³ CECI era o nome de um supermercado que funcionava no principio da rua Independência.

³⁴ Juraci Esteves de Castro, depoimento citado.

³⁵ Liberato Antônio Vieira, entrevista concedida ao autor em 05/08/01

capital e que possuía, na época, a fama de abrigar casas de prostituição. Por não possuir estradas, a viagem para Belo Horizonte demorava em torno de aproximadamente um dia e uma noite para ser chegar ao Barreiro. Essa versão é lembrada da seguinte maneira pelos moradores:

*“... aqui tinha um senhor muito velho que chamava Tomás e ele ficava ali perto do buracão, tomando conta dos cavalos dos viajantes que ficavam ali à noite e que se dirigiam para o Barreiro...”*³⁶

A quarta configuração da memória sobre a origem do nome Cabana do Pai Tomás relaciona o nome da favela ao livro “A Cabana do Pai Tomás” de HARRIET STOWE. O livro, traz as seguintes descrições de Pai Tomás:

A Cabana do Pai Tomás era uma pequena construção de madeira, perto da casa da família Shelby. Havia diante dela um pequeno e bem cuidado jardim, onde também se viam, além de flores, algumas árvores frutíferas: framboesas e groselhas. Begônias e roseiras ocultavam - lhe em parte a fachada. Em tudo se notava o zelo de mãe Clóe, mulher de Tomás (STOWE:1969:21)

Perto da Mesa se achava Pai Tomás, o mais fiel escravo de John Shelby. Era um preto retinto, forte, fisionomia aberta e inteligente, com todas as características do mais puro tipo africano. Seus gestos comedidos revelavam um sentido de respeito a que não faltava uma humilde e confiante simplicidade (STOWE;1969:21).

...Como se chama? Tomás. Na minha terra, porém, me tratam por Pai Tomás, talvez por causa da minha idade. Já sou velho.(STOWE;1969:56).

Entre os moradores essa versão é lembrada da seguinte maneira:

*“... A Cabana do Pai Tomás foi dada porque tinha uma casa velha ali na rua Independência próximo ali ao beco das flores onde é hoje a carpintaria do Itamar. Ali era o terreno desse casarão e esse casarão antigo e aí o pessoal falava assim: ali morava um velho e era um velho escurinho com a característica do Pai Tomás, mas ele não tinha nada de Pai Tomás, o nome dele não era esse não e a gente não sabia nem o nome dele. Logo eu vim para aqui eu não sabia nem o nome, então quando surgiu aquela novela Cabana de Pai Tomás né? Que era essa novela foi inspirada também no nome Cabana do Pai Tomás por ter aquele velho que fumava cachimbo, ele ficava sentadinho sempre lá na varanda da casa e tal e então eles falava assim: ali é uma cabana e aquela Cabana vai chamar Cabana do Pai Tomás. Então deu origem no nome Cabana do Pai Tomás, mas aqui não tinha casa velha não, só tinha primeira lá embaixo, essa casa velha de Cabana de Pai Tomás e Dom João Resende Costa que vinha celebrar e vinha muito aqui e quando a gente chegava lá, ele fazia o convite: Vou celebrar na Cabana do Pai Tomás...”*³⁷

³⁶ Divino Machado Ferreira, entrevista concedida ao autor em 11/08/01

³⁷ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado

“Cabana do Pai Tomás porque morava um velhinho lá perto daquele grupo, tinha uma casinha muito veia, grandona, umas janelinha pequena e lá ele morava lá, o nome dele é ... eles chamava ele era de Pai Tomás.”³⁸

“... Uai! Eu num sei não, eu via falar que era o velho da casa, tinha uma casinha baixinha, barreada ali assim e outra lá em baixo perto daquele motel que tem ali, mas eu mesmo não conheci não...”³⁹

Há uma analogia entre a descrição dos moradores e a narrativa literária do livro de Stowe sobre a origem do nome Cabana do Pai Tomás, presente na memória coletiva dos moradores. No livro de STOWE, Pai Tomás era um escravo velho, a mesma característica está presente na memória dos moradores, quando afirmam *“... morava um velhinho ...”⁴⁰*; uma outra analogia ao livro de STOWE presente na memória dos moradores é quanto a moradia. No livro de STOWE a residência de Pai Tomás é descrita como uma pequena construção de madeira, nas memórias dos moradores aparece de forma semelhante,

“eu via falar que ele era o velho da casa, tinha uma casinha baixinha, barreada ...”⁴¹.

Já aconteceram diversas tentativas de mudança do nome, como por exemplo para Barroquinha, nome que os mais antigos moradores chamavam a região antes de acontecer a invasão, Curral Del Rei ou então para Vila Operária Estudantil, nome proposto durante o período da invasão e resistência na posse da área, mas o nome “Cabana do Pai Tomás” já havia se cristalizado entre os moradores.

De acordo com o morador Raimundo Apolinário da Silva, o nome Cabana do Pai Tomás já virou uma tradição, com a população não aceitando mais a mudança para outro nome:

“...Eles chamava de Pai Tomás, que ele mexia com benzisão ... e a história ficou sendo esta aí e pegou a tradição de Pai Tomás ... e ninguém quis mudar o nome, foi uma proposta de mudar o nome para Curral Del Rei, os morador não aceitou, aí ficou sendo Cabana mesmo. Hoje procê muda o nome da Cabana é muito difícil, se for partir daqui pra lá não, é uma tradição! A população não aceita ...”⁴²

³⁸ Nelson Dias de Oliveira, entrevista concedida ao autor em 10/06/01.

³⁹ Maria da Conceição – Maria Capeta – depoimento citado.

⁴⁰ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado

⁴¹ Maria da Conceição, depoimento citado

⁴² Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

1.1 O LOCAL E A OCUPAÇÃO

“FAVELADOS INVADEM NOVA ÁREA NO BAIRRO DAS INDÚSTRIAS”



Com tochas acesas, feitas de folhas de eucalipto, favelados, posseiros estão derrubando sempre à noite um eucaliptal que vai da avenida Amazonas à Vila Nova Cintra, numa extensão de um milhão de metros quadrados. Constroem com os troncos os barracos, onde se instalam com crianças para garantir a posse dos lotes que a prefeitura desapropriou do deputado Antônio Luciano.

No terreno acidentado - quase todo tomado pelos favelados- , perto de 500 famílias passam a noite sob barracas com armações de troncos de eucaliptos e cobertos por folhas e trapos de pano. Durante o dia, as mulheres e as crianças devastam a mata e à noite - quando os operários voltam para a casa - o trabalho é mais intenso...”
(Diário de Minas, 11 de Setembro de 1963)

“FAVELADOS INVADIRAM E TOMARAM TERRAS NA GAMELEIRA”



velhos e crianças ocupam a terra: construíram barracas de pano e fazem tijolos de terra batida para levantar o casebre
(*Diário de Minas*, 22/08/63)

O local onde hoje está situada a favela Cabana do Pai Tomás, na descrição dos moradores e também da imprensa era um terreno de aproximadamente 1500 metros quadrados perto da Br – 31, na Gameleira, possuindo um imenso eucaliptal, com brejos enormes, perto da avenida Amazonas, ainda hoje uma das avenidas mais importantes de Belo Horizonte⁴³ e que faz a ligação com o município vizinho de Contagem onde está situada a Cidade Industrial Juventino Dias, mais conhecida como Cidade Industrial.⁴⁴

As imagens e as reportagens feitas demonstravam como era o local: cheio de eucaliptos, o chão era de “terra batida”, crianças e velhos participando da derrubada dos eucaliptos. Por outro lado, as imagens começam a despertar outros questionamentos, como por exemplo: por que estavam ocupando aquele local? De onde vinham? Por que utilizavam o trabalho das crianças na derrubada dos eucaliptos? MÍRIAM LEITE, cita as palavras de GOETHE, quando ele afirma:

⁴³ A avenida Amazonas foi aberta no princípio da década de 40, tendo um maior movimento no final da década com a instalação da Cidade Industrial, situada na região oeste da Capital. A avenida Amazonas transformaria na principal via de ligação externa da cidade Comercial com a cidade Industrial, ligando a estação ferroviária ao principal mercado nacional do país: São Paulo. Como a Avenida Amazonas foi aumentando gradativamente seu fluxo, aumentaram também as aglomerações populacionais ao longo de seu traçado.

⁴⁴ A Cidade Industrial Juventino Dias, criada em 1941, mais conhecida como Cidade Industrial, está situada no município de Contagem, estando distante aproximadamente a 03 quilômetros da favela Cabana do Pai Tomás.

“Olhar apenas para uma coisa não nos diz nada. Cada olhar leva a uma inspeção, cada inspeção a uma reflexão, cada reflexão a uma síntese, e então podemos dizer que, com cada olhar atento, estamos teorizando (LEITE:2001:40).

Para o senhor Jair Rodrigues da Silva, cuja família mudara para as imediações no final da década de 50, o terreno pertencia à Rede Ferroviária Federal⁴⁵. O deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho apropriou – se da área e começou a plantar eucalipto:

“... esse terreno pertencia à rede Ferroviária Federal né? Então foi aumentando esse número de pessoas e quando foi em meados lá de 50, 58 e 59, por aí, assim acho que até antes disso um pouco, fizeram aquele plantio de eucalipto, meu pai nessa época já tava desempregado e então ele começou a ajudar aqui nesse plantio e a coisa começou aqui. A invasão do terreno que o Luciano como se diz, chegou e apossou, diz que era o dono, então começou o plantio de eucalipto ...”⁴⁶

Dona Juraci Esteves de Castro afirma que os terrenos que receberam plantações de eucaliptos, antes pertenciam ao seu avô. O Deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, primeiro invasor da área, “invadiu” e aí plantou eucalipto:

“... Onde é o Parque da Colina, tudo era da minha avó ...depois o Luciano começou a invadir isso tudo aí, ele plantou eucalipto e meu pai foi forçado a vender o resto do terreno pra ele...”⁴⁷

A Avenida Amazonas é lembrada assim pela moradora Maria Sebastiana Elói Pinto, mais conhecida como Dona Zica, que invadiu uma área próxima a avenida Amazonas:

“...uns 03 metros e minha rua dava umas duas dela...”⁴⁸

Nas lembranças do Sr. Nelson Dias de Oliveira, mais conhecido como seu Nelson, a avenida Amazonas, principal via de acesso para se chegar a Favela Cabana do Pai Tomás, em alguns trechos não era pavimentada. Era uma avenida estreita, mais parecida com uma rua,

“... tinha aqueles quilômetros assim oh, num tinha asfalto não, era de cimento, era um quilometro ou outro...”⁴⁹

⁴⁵ Alguns moradores afirmam que antes da ocupação da favela, passava uma linha de trem que ia para região Oeste de Minas Gerais. No entanto, foi feita pesquisa no arquivo da Rede Ferroviária Federal e não foram encontrados documentos ou mapas sobre tal afirmação.

⁴⁶ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

⁴⁷ Juraci Esteves de Castro, depoimento citado.

⁴⁸ Maria Sebastiana Elói Pinto – Dona Zica – 58 anos, entrevista concedida ao autor em 07/07/01.

⁴⁹ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

A Cidade Industrial, situada no município de Contagem, estava aproximadamente a 05 quilômetros da Favela Cabana do Pai Tomás e de acordo com o senhor Nelson era:

“... atrasada, pititinha... era aquele povo bondoso, tinha no caminho uns pé de jaboticaba (percebe - se no depoimento um certo ar de saudosismo), não era a Contagem do jeito que ia hoje não, sê tá doido! A cidade cresceu demais! Cresceu de lado a lado, ali do outro lado eles falava falava muito do ferrugem, no bairro da industrias, todo mundo falava ferrugem, estação ferrugem, quando a máquina parava lá. Num sei se eu te contei, acho que eu cheguei a te contar, a máquina de trem de ferro ela passava aqui, ela vinha do Waldomiro Lobo, atravessava pra cá, passava onde que o posto do Waldomiro Lobo, berava aqui, oh, da Independência pra baixo, ela ia berando, berando, até na Gameleira e na Gameleira ela passava de lá, depois que veio para a Vila Oeste...”⁵⁰

A Cidade de Contagem, de acordo com as lembranças de dona Juraci Esteves de Castro era muito pequena:

“...Eu vim pra cá em 1931, foi quando eu nasci (rindo), vou fazer agora 70 anos ... Contagem? Já tinha Contagem e Contagem era pequenininha e ficava logo ali ...”⁵¹

A primeira impressão do novo local de moradia é lembrada da seguinte maneira pelos novos moradores:

“... Era cheia de eucalipto e várias casa, assim umas casinha sarapicada, por exemplo, aqui bem baixo, numa encosta, pra lá do ponto de ônibus pouquinha “...coisa... ali era uma casa, aqui em cima era um grotá aqui, no lado de baixo tinha um uma de um capanga do Luciano, que era de um tal de Licínio, na outra parte aqui na grotá tinha algumas casas, uma casa maior que eles falava que era do Luciano, ali perto do Nova Gameleira tinha algumas casas que era falava que era do Luciano tamém, então foi por ai que a gente em vem nessa rodagem...”⁵²

“...essa região aqui só tinha mato né? Só existia eucalipto e mais nada, aqui você pegava lá perto da linha que varava na Amazonas e se ocê encontrasse duas ou três pessoas era muito...”⁵³

“... aqui tinha era aqueles coqueiro grandão né? De noite aqui era uma beleza, aqui era tudo escuro, não tinha luz elétrica, não tinha nada, era na base do rádio galena...”⁵⁴

⁵⁰ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

⁵¹ Juraci Esteves de Castro, depoimento citado.

⁵² Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

⁵³ Geracino França Pinto, depoimento citado.

⁵⁴ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

“... tinha um brejo ali (apontando para um local situado a 40 metros de sua residência) que ficava ali mais na frente, que era eu que fiz ponte com a própria madeira de eucalipiti...”⁵⁵

“... aqui era barro, barro mesmo, tinha um brejo, era um atoleiro aqui, nós fomos rasgando, tirando bambu, tinha muito bambu lá em cima, a gente jogava bambu com terra em cima e o terreno secava...”⁵⁶

“... aqui tinha um imenso eucaliptal, que aqui tudo era eucalipto, aqui era quase tudo eucalipto, quase tudo, num era só aqui na Cabana não, no vista Alegre e toda essa área aqui em volta”⁵⁷

“...isso aqui era uma área de terreno que fazia parte dessa fazenda Gameleira e da João Pires pra baixo é a área de eucalipto, foi da Chapinha e João Pires ali oh era toda área de eucalipto, era uma mata muito fechada, era assim que depois das 18:00 horas você precisava de lanterna par andar e a rua Independência nesse trecho que é hoje a Pisa (Concessionária de Automóveis), onde ela tá, tinha uma estrada antiga né a gente não sabe a data dela, mais é a primeira estrada que faz a ligação de Belo Horizonte com o Oeste de Minas...”⁵⁸

As lembranças presentes na memória dos moradores da favela quando se referem à cidade de Contagem e o novo local de moradia aparecem nas seguintes expressões: *“... atrasada, pititinha ... era aquele povo bondoso, tinha no caminho uns pé de jabuticaba ... não era a Contagem do jeito que tá hoje não, sê tá é doido!”⁵⁹; “... ali em cima tinha uma grotá...”⁶⁰; “... essa região só tinha mato...”⁶¹; “... aqui tinha era aqueles coqueiro grandão né? De noite aqui era uma beleza, aqui era tudo escuro, não tinha luz elétrica, não tinha nada era na base do rádio galena...”⁶²; “... era uma mata muito fechada...”⁶³.*

O que está acontecendo na mente dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás é o trabalho da construção da memória participando do tempo presente. Para JACY ALVES SEIXAS,

a memória constrói o real, muito mais muito mais do que o resgata (SEIXAS;2001:51).

⁵⁵ Afonso José de Oliveira, 68 anos, entrevista concedida ao autor em 12/08/01.

⁵⁶ Divino Machado Ferreira, , depoimento citado.

⁵⁷ Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

⁵⁸ Jose Martins Sobrinho, depoimento citado

⁵⁹ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado

⁶⁰ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado

⁶¹ Geracino França Pinto, depoimento citado

⁶² Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado

⁶³ José Martins Sobrinho, depoimento citado

Afirma ainda que,

a memória age tecendo fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos, mais do que recuperando - os, resgatando -os ou descrevendo os como "realmente"aconteceram. Atualizando os passados -- reencontrando o vivido "ao mesmo tempo no passado e no presente - a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória (SEIXAS:2001:51).

Essa recriação do real para os moradores da favela Cabana do Pai Tomás é uma afirmativa que o espaço ocupado por eles pode ser diferente, pode ser um espaço que possua uma qualidade de vida melhor, que não haja as questões de violência presentes no meio deles hoje. As mesmas características aparecem quando se referem à cidade de Contagem, um lugar que no caminho possuía árvores de Jabuticaba, uma cidade pequena, situação completamente diferente da realidade vivida hoje. Hoje, a cidade de Contagem é um dos maiores pólos industriais do país e a segunda maior cidade do estado de Minas Gerais.

Ao atualizar esse passado os moradores da favela Cabana do Pai Tomás encontram uma situação de vida no presente completamente diferente. Os matos, as grotas, os pés de jabuticaba, a avenida pequena sem asfalto e a cidade pequena não existem mais, foram substituídos pelas industriais, pelo crescimento do número de habitantes e conseqüentemente pelo crescimento da favela, sendo esta a realidade vivida e presente no deles.

Fico surpreso ao escutar os depoimentos dos moradores, quando eles recriam o passado de uma favela que existia uma mata muito fechada, uma favela praticamente desabitada, grandes coqueiros e brejos. O que está sendo recriado pela memória dos moradores é uma favela que, apesar de praticamente ter nascido na região, não conhecia. Diante de tais lembranças, passo a andar pelas suas ruas, pelos seus becos e passo a imaginar a favela descrita e como seria morar ali e viver ali naquele momento ...

Hoje, ao lembrarem da primeira visão do novo local de moradia, os moradores, falam de uma favela Cabana do Pai Tomás existente somente na memória, vindas à tona todas as dificuldades passadas por eles até chegarem e encontrarem aquele lugar que viria a ser o local definitivo de sua moradia. Para PIERRE NORA,

memória é sempre um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente (NORA,1984:09).

A lembrança de como era o lugar encontrado por eles despertam outras lembranças que podem ser consideradas como os motivos de estarem ali: os "apertos" ou dificuldades

financeiras, os aluguéis atrasados, a cidade de origem. Essas lembranças para eles tornam – se vida, reconstroem um passado daquilo que não existe mais, o passado dos eucaliptos, do brejo, dos bambus, do rádio Galena, lembram com um ar de saudosismo da avenida Amazonas que praticamente só tinha uma pista e nem asfaltada era e hoje se transformou na maior avenida de Belo Horizonte, do contraste existente entre a cidade de Contagem, cidade próxima à favela, que era uma cidade atrasada e hoje se transformou num dos maiores pólos industriais do país.

Essa reconstrução do passado feita pelos moradores da favela Cabana do Pai Tomás dá – se principalmente pela ausência da criminalidade presente no meio deles hoje e que praticamente não existia na época. É reconstruído um ambiente que não existe mais, a favela como um lugar bom para viver e para morar como lembra o Sr. Geracino França Pinto:

“... (Se existia a criminalidade como existe hoje?) Eu não lembro de nenhum não. As pessoa era pouca né? Podia até ter, mas que o cara nunca mostrou para a gente que tinha esse problema, nunca a gente ficou sabendo não. Podia até ter, mas eu não fiquei sabendo não desses tipo de pessoa não. Porque a gente assim, tinha muito conhecimento com as pessoa e andava seguro, agora se o cara tinha perto da gente, ele não mostrava esse problema, pelo contrário, mostrava ser amigo de verdade e a gente confirmava isso né?”⁶⁴

Sobre a problemática da criminalidade e da violência existente na favela, Dona Rosalina Silva, ou Rosa como é mais conhecida, lembra:

(marginalidade na época ?) Tinha não, a gente vivia tranqüilo. Antigamente, a gente podia colocar uma nota de 100 reais na testa e sair que não acontecia nada. Hoje, ocê não pode sair com 1 real...”⁶⁵

Existia sim a violência, mas que se contrapunha à violência atual. A violência na época se manifestava quando eles estavam construindo um barraco e eram impedidos de continuarem a construção pelas autoridades policiais, a violência de terem seus barracos destruídos, a violência da falta de condições dignas de vida, de não ter emprego, de não ter condições de possuir habitação própria e de não ter condições de pagar aluguel, a violência das prisões sofridas pelos líderes do movimento de ocupação.

⁶⁴ Geracino França Pinto, depoimento citado.

⁶⁵ Rosalina Silva – Rosa –, 79 anos, entrevista concedida ao autor em 06/05/01.

No entanto, não existia a criminalidade entendida por eles hoje. Antes eles tinham o direito de andar seguro pelas ruas e becos, pois conheciam todas as pessoas, todos praticamente eram “amigos de verdade”, e se existia algum problema de criminalidade no meio deles eles praticamente desconheciam. Hoje a situação existente contrapõe a situação encontrada anteriormente por eles na favela, sendo portanto, completamente diferente. Hoje, eles praticamente perderam o direito de andar tranquilamente pela favela, praticamente não conhecem todos os vizinhos, existindo um enorme clima de insegurança.

As lembranças que estão enraizadas na memória nos moradores, são essas contra – imagem da favela de hoje, imagem que permanece viva e de uma forma coletiva. Essa imagem dos eucaliptais, do brejo, da segurança, da amizade, dos “bons” vizinhos, de andar seguro pela favela. Essas lembranças são constantes nos depoimentos dos moradores, é uma imagem múltipla, coletiva e individualizada. A imagem é a mesma, da favela como um lugar aprazível para morar, o que difere são as particularidades e a capacidade de lembrança, de memória de cada morador.

Os lugares construídos pelas lembranças dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás passaram por um processo de mutação e transformação. Do imenso eucaliptal com brejos e bambus para a invasão e a construção dos primeiros barracos, a resistência ao suposto dono das terras e aos órgãos de repressão, a conquista da infra - estrutura como água, luz, escola, posto de saúde, etc. Os eucaliptos, as paredes feitas com tijolos de adobe que permanecem intactos, representam esse sinal de conquista, representam esse conjunto de lembranças presentes entre eles.

A primeira imagem da Cabana está “sacralizada” na memória dos moradores. A imensa mata de eucaliptal que foi derrubada dando origem à favela está viva na mente dos moradores bem como todos os acontecimentos que se sucederam.

Esse conjunto de imagens presentes na mentes dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás foram abstraídas do passado presente em suas lembranças. Podem ser consideradas por aqueles que presenciaram o momento da derrubada dos eucaliptos e da invasão da área como inúteis, mas importantes para aqueles que estavam participando do momento. De acordo com BERGSON,

para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair - se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo (BERGSON;1999:90).

Ainda de acordo com BERGSON,

a lembrança espontânea é imediatamente perfeita: o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data (BERGSON;1999:91).

Os moradores da Favela Cabana do Pai Tomás dão valor àquilo que outras pessoas que não participaram da ocupação da favela ou que não conheciam a região antes da invasão consideram inúteis. Assim, são mostrados com orgulho os eucaliptos que estão preservados, os brejos onde a água chegava à altura dos joelhos, as minas d'água, as trilhas que faziam para chegar à avenida Amazonas. Essas coisas "inúteis" para muitos, na mente dos moradores se transformam em sonhos e nostalgia. O Sr. Raimundo Apolinário, faz uma comparação do passado com o presente vivido:

*"...eu num tinha carro e tem carro; eu num tinha um armazém e agora tem um comércio e agora quando a ter tudo isso eu esqueço do passado?
... o criador é aquele que participa ativamente ... é preciso formar um jeito, de tar melhorando alguma coisa, que nós precisa na Cabana hoje? Ah, a Cabana tem tudo. Será que tem mesmo?
... antes ninguém falava em roubo aqui nessa época, se tinha isso, era um trem muito oculto, que a gente não via, não é igual hoje que ocê vê ai assalto, assalto a comércio né?"⁶⁶*

As afirmações do Sr. Raimundo Apolinário são uma nostalgia de futuro. Ao descrever a área ocupada, é para ele, como se passasse um filme em sua mente, um filme recheado de imagens cheias de significados para eles que vivenciaram toda uma história que, a partir de então, passa a pertencer a todos e a ninguém, passando dessa forma a ter um caráter universal, ou seja cada um tem seu passado, porém passa a ter seu caráter mais generalizante, pois inscrevem – se assim na memória coletiva, que é feita com a memória de cada um dos moradores. JACY ALVES SEIXAS afirma que:

a memória não é regressiva (algo que parte do presente fixando – se no passado); ela é prospectiva e, mais do que isso, é projetiva, lançando – se em direção ao futuro (SEIXAS;2002:45).

Continuando, SEIXAS faz a seguinte citação baseada nas obras de BERGSON:

⁶⁶ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

“A verdade é que a memória não consiste absolutamente em uma regressão do presente ao passado, mas ao contrário em um progresso do passado ao presente”(SEIXAS:2002:45).

Essa projeção da memória, que é lançada em direção ao futuro, aparece nos depoimentos do Sr. Raimundo Apolinário, quando ele utiliza as seguintes expressões: antes eu tinha e hoje eu tenho; a gente não via, não é igual hoje. O que se percebe na lembrança do morado Raimundo Apolinário é a nostalgia de futuro, ou seja, hoje apesar das conquistas, ele sente saudade do passado e essa saudade do passado se em virtude principalmente da problemática da violência enfrentada pelos moradores da favela. O morador não quer esquecer o passado, o que ele procura entender e compreender é a existência da criminalidade hoje, que na sua época não existia. Sobre tal questão, JACY ALVES SEIXAS, afirma que:

toda lembrança se transforma à medida que se atualiza e, ao fazê-lo, enriquece e desenvolve a percepção atual que, por sua vez, atrai um número crescente de lembranças complementares, podemos avaliar a elasticidade e a tensão constitutivas desses campos ou espaços de memória (SEIXAS:2002:45).

A memória dos moradores é atualizada pelas percepções do presente vivenciado, são as situações existentes que os fazem lembrar das lutas e das conquistas na época da invasão. Essas atualizações da memória se dão pelo fato de estarem morando no local até hoje. Para JACY ALVES SEIXAS,

A memória possui um primeiro e bem definido patamar: a memória é desencadeada de um lugar, e este se situa no presente. A memória do passado revela, de imediato, sua incontornável inscrição original: o tempo presente (SEIXAS;2002:62).

Dessa forma, quando descrevem o local habitado, o “lugar”⁶⁷ a que chegaram é para eles um ato de atualização da memória, é um ato de atualização constante das lutas cotidianas, da imensa mata fechada, dos brejos, da pequena capelinha de São Geraldo situada no meio do eucaliptal, da primeira impressão do lugar de moradia, da vida sofrida, mas ao mesmo tempo necessária, dos percursos e dificuldades que viriam encontrar pela frente.

A derrubada do imenso eucaliptal encontrado pelos representava a conquista de um espaço que havia sido invadido em sua grande parte pelo deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, mas que também os pertencia. O imenso eucaliptal encontrado por esses

⁶⁷ O termo “lugar” é ao mesmo tempo uma designação material e simbólica.

moradores representa o primeiro registro da memória, memória que se torna atual a cada questionamento feito a cerca do passado. De acordo com JACY ALVES SEIXAS,

o primeiro registro, incontornável, da memória é constituído pela atualidade. Toda memória, por mais remota que seja, é atual (SEIXAS:2002:70).

Os moradores da favela Cabana do Pai Tomás sentem - se orgulhosos, ficam envaidecidos todas as vezes que questionados sobre esse passado, falam com muito orgulho e com muita saudade das características físicas da área encontrada/conquistada.

Fato não percebido pelos moradores foi a destruição do imenso eucaliptal, que foi o princípio de todo o processo de ocupação da área. Talvez devido às necessidades e as circunstâncias do momento, não houve essa percepção, bem como essa preocupação ambiental. A derrubada dos eucaliptos naquele momento significava conquistar a área, desafiar os poderes do deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho. Hoje já existe entre os moradores essa preocupação com o meio ambiente, através de atos como por exemplo, melhorias na coleta de lixo, são reivindicadas pelos moradores, como explica o Sr. Raimundo Apolinário:

“Ahh, não a Cabana já tem tudo? Será que tem mesmo? Isso é uma pergunta que fazemos aí para o pessoal ... nós precisamos hoje de uma coleta de lixo, dum, dum, apuração de lixo assim, mais ...”⁶⁸

O trabalho de reconstrução e atualização da memória é que traz esses questionamentos da violência ambiental praticada com a derrubada dos eucaliptos, com a canalização das minas d'água, com o fim das grotas. Essas situações que não estavam presentes naquele momento, mas estão presentes hoje, quando os moradores pensam na melhoria da qualidade de vida, na necessidade de preservar o meio ambiente, melhorando por exemplo coleta de lixo.

Dona Rosalina Silva, ou Rosa como é mais conhecida, lembra esse sentimento; é um sentimento que ela guardará por toda a sua vida:

“... se eu for contar essa fundação (da favela Cabana do Pai Tomás) vai durar uns dois mês... porque o que nós ali sofreu, só Deus para dar força, nós moremo debaixo de eucalipto...”⁶⁹

⁶⁸ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado

⁶⁹ Rosalina Silva – Rosa – , depoimento citado.

Os dois meses referidos por Dona Rosa sobre a fundação da favela Cabana do Pai Tomás representam toda uma percepção de uma memória, de compreensão dos fatos e acontecimentos vividos, sentidos e lembrados por ela. Nesse momento, em sua memória aparecem uma série de lembranças e imagens, tais como a lembrança do marido, da dona amiga Dona Judite, amiga e companheira de invasão, amiga que ela nunca mais a viu, a moradia debaixo do eucalipto, a criação dos filhos. Essa percepção do presente traz o sentir que conduz a memória a uma série de lembranças.

A lembrança quando atualizada e transformada em imagem - lembrança representa para todos um momento único, irreversível. Para os moradores da Favela Cabana do Pai Tomás a lembrança do local de moradia não desaparecerá de sua memória. Vários transcorreram - se, anos mas a imagem - lembrança presente na mente do senhor Geracino França Pinto, era um local em que existia árvores de eucaliptos, mato e praticamente mais nada:

“...essa região aqui só tinha mato né? Só existia eucalipto e mais nada, aqui ocê pegava lá perto da linha que varava na Amazonas e se ocê encontrasse duas, três pessoa era muito...”⁷⁰

Essas “imagens- lembranças”, presentes na memória do Sr. Geracino, não desapareceram de sua memória porque tornaram - se lembranças isoladas, cristalizadas, únicas, autênticas, verdadeiras, que sempre ressurgem do passado quando evocadas pelo presente.

Para ECLÉA BOSI,

a lembrança é a sobrevivência do passado. O Passado, conservando - se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens - lembranças. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios (BOSI; 1993:53).

Essas imagens puras, quando solicitadas aos moradores da favela Cabana do Pai Tomás, ressurgem como um despertar de um sonho. Lembranças que estão presentes de uma maneira bem viva na memória e no imaginário dos moradores são percebidas de uma forma clara quando Rosalina Silva, ou dona Rosa, lembra que a favela Cabana do Pai Tomás, antes só tinha eucalipto, em alguns lugares tinha até animais:

⁷⁰ Geracino França Pinto, depoimento citado.

*“...isso aqui era tudo eucalipto, lá da Amazonas (avenida), até lá em cima no Gogó, tudo eucalipto, isso aqui era só bicho dentro desse buraco...”*⁷¹

O morador José Martins Sobrinho, destaca a dura realidade pela qual estavam passando os moradores e que fez com que estes ocupassem o local :

*“...o povo derrubava eucalipto e construía casa e era um sofrimento, porque essas pessoas deixavam tudo pra trás, deixou uma vida, deixou a vida deles e foi construir uma outra vida aqui...”*⁷²

Fazendo uma reflexão dos depoimentos dos moradores compreende - se o pensamento de BERGSON: a desse passado que aflorado, transforma -se em presente toda vez que solicitado como reconstrutor de um momento de vida através da memória, dando a essa memória um valor espiritual capaz de construir uma vida através dos sentimentos, das emoções, das lembranças, das imagens, etc...

Dessa forma, ao pedir que os moradores da favela Cabana do Pai Tomás desenharem um mapa da região encontrada por eles percebe - se, de uma forma bem clara, essas lembranças do lugar, dos sentimentos, dos marcos deixados pelo local como a imensa mata de eucaliptal citado como uma unanimidade por todos os moradores. Ao desenhar o mapa do local encontrado vem à tona uma série de acontecimentos que fizeram estes moradores chegar àquele local, ressurgem os problemas enfrentados como a falta de dinheiro para pagar o aluguel, a falta de emprego, a distância do local de trabalho e a necessidade de conseguir um local mais próximo para economizar a condução que os levaria até o local de trabalho.

Ao desenharem o mapa, os moradores vão sendo induzidos a lembrar dos locais que hoje não existem mais como a lagoa existente perto do bairro Nova Cintra, onde lavavam suas roupas e que hoje se transformou num cemitério; como as ruas e becos que existiam e hoje não existem mais, as transformações acontecidas no bairro, como o surgimento de escolas, postos de saúde, comércio; os locais onde aconteciam as resistências aos órgãos repressores. Essas lembranças são vividas com um certo ar de nostalgia pelos moradores, muitos inclusive afirmando que tinham vontade de começar tudo de novo, de reviver.

⁷¹ Rosalina Silva – Rosa – depoimento citado.

⁷² Jose Martins Sobrinho, depoimento citado.

O desenho dos mapas pelos moradores partiu de uma percepção do presente, dos lugares que já existiram e hoje não existem mais. É essa percepção do presente que orienta o espírito dos moradores, fazendo com que eles se lembrem cada vez mais de uma série de lembranças e imagens do seu passado. Essas lembranças vão se materializando e se fixando no presente e através do trabalho de memória, elas vão se detalhando e se reproduzindo a cada instante.

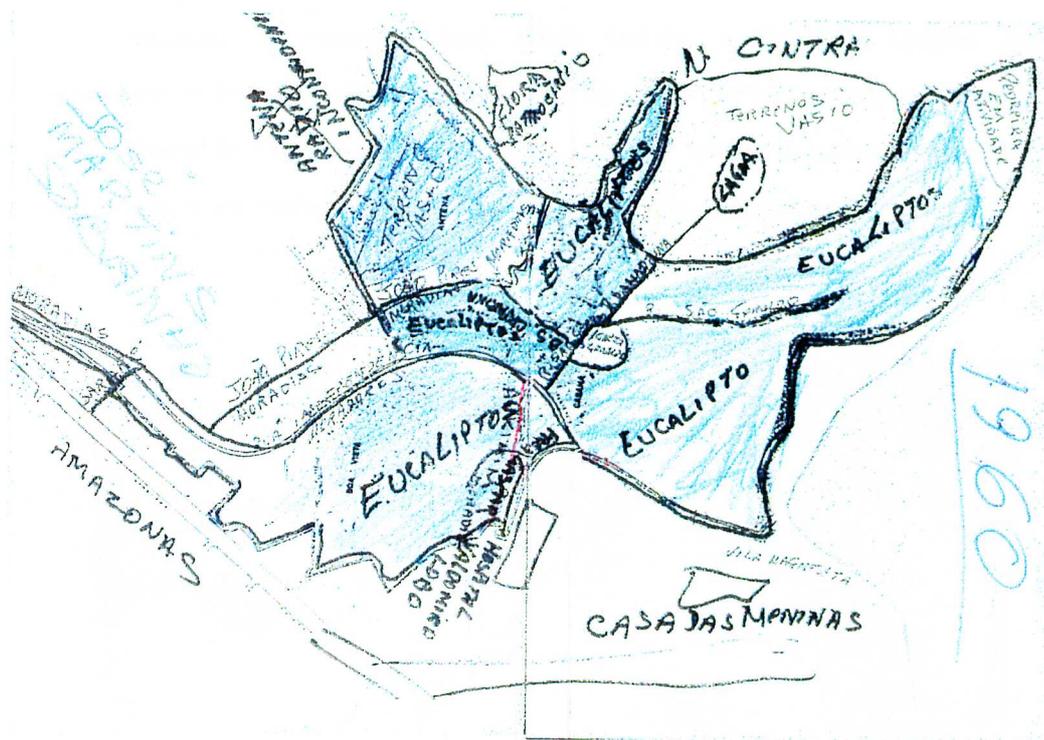
A cada traço desenhado, começam aparecer as lembranças da imensa área de eucaliptos, das ruas que foram surgindo e das transformações que foram acontecendo no local. Os moradores ao irem desenhando o mapa, tinham uma preocupação em comum: reproduzir o local encontrado da forma mais fidedigna possível. As lembranças repassadas através dos mapas conservam traços do período lembrado e do período que esses acontecimentos se realizaram.

A localização desses lugares está no presente; o trabalho de memória consiste em trazer à tona todos os acontecimentos vindos do passado; é preciso observar que aqui o tempo é importante para conservar e lembrar os acontecimentos que se sucederam no local.

Os mapas desenhados pelos moradores da favela Cabana do Pai Tomás trazem à tona um momento único, singular, irreversível da vida, não possuindo, de acordo com BERGSON, um caráter mecânico, mas de evocação da memória. A imagem - lembrança tem data certa, referindo - se a uma situação definida, individualizada; são memórias que ocorrem de uma forma isolada, independente. Ao fazer o mapa o morador José Martins Sobrinho, assim exprime - se:

“...me lembra de toda esta história, toda essa história importante que é a Cabana, que é uma comunidade que tem uma história cheia de detalhes, dos acontecimentos que tava aqui. pra mim importantes e quando ocê vê esse mapa aqui ocê lembra toda a resistência, das pessoas que chegaram aqui em 1963 e que ocuparam esses espaços onde é eucalipto, ocuparam aí onde é espaço vazio e construíram suas vidas e suas casas...e eu me sinto plenamente realizado porque participei de tudo isso aí e toda a família que eu vejo que passou por aqui e que criou suas raízes aqui e que eu fiz parte da vida de cada um, isso é muito importante...”⁷³

⁷³ José Martins Sobrinho, depoimento citado.



mapa desenhado pelo morador José Martins Sobrinho⁷⁴

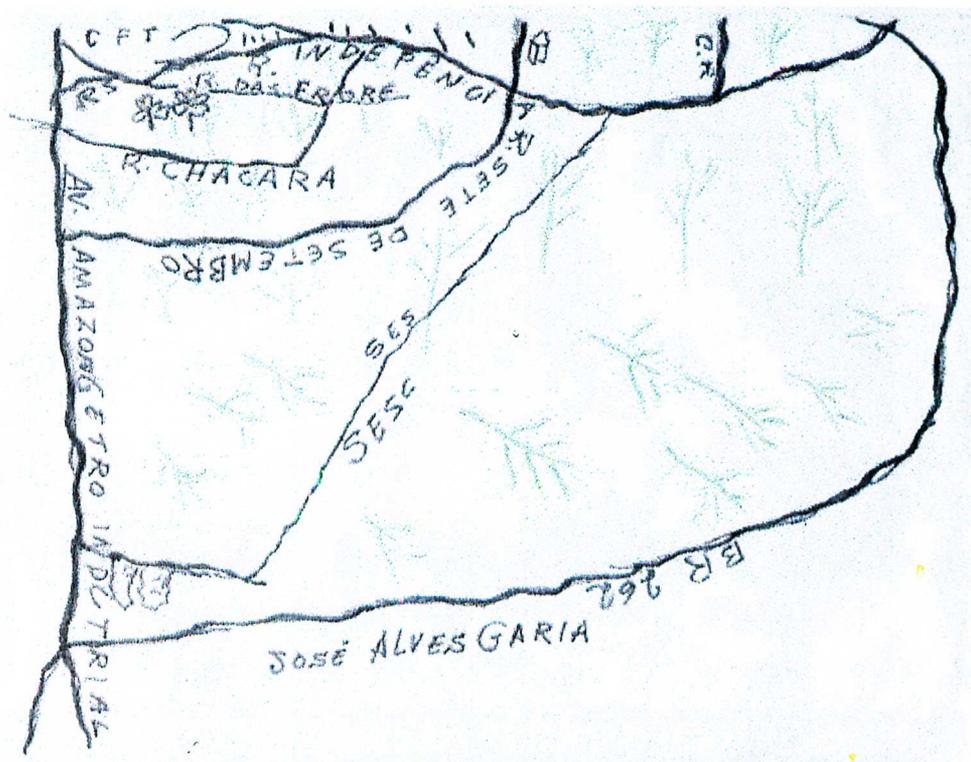
Quando estava desenhando o mapa o morador José Alves Garcia, o Sargento Garcia, lembrava da imensa área que foi desmatada, afirmando que a área poderia ter sido recortada de maneira diferente, preservando o verde, bem como a divisão dos lotes poderia ter sido feita de uma maneira diferente, para que o local tivesse uma apresentação diferente:

“A gente fica assim lembrando, pensando no desmatamento que houve, a falta de uma preservação da área ambiental né e a gente pensa que poderia ter sido recortado de uma forma diferente, loteado, fazer uma coisa com mais perfeição que valorizava muito mais a região. Muitas vezes nos perdemos nessa faixa de valorização por favela é um nome diferente, uma má impressão e todas as pessoas que vem de fora ele vai levar uma má impressão, porque quando fala na favela, ele logo pensa no crime, pensa no estupro, pensa no assalto, pensa no seqüestro e enfins nas pessoas más que vivem aqui e esquecem que no meio de tudo isso vivem pessoas boníssimas e muitas das vezes prejudicadas por causas das ações praticadas nos centros dos favelados vindo de fora aproveitando o ambiente porque é favela, simplesmente por que é favela.”⁷⁵

⁷⁴ Mapa desenhado pelo morador José Martins Sobrinho – acervo do autor -. O desenho do mapa pelo morador, foi feito utilizando um mapa atual da região, onde ele reduziu seu tamanho, apagou as caracterizações atuais e foi incorporando os traços da região na época presentes na sua memória.

⁷⁵ José Alves Garcia, - Sargento Garcia – depoimento citado.

As lembranças do morador José Alves Garcia, o Sargento Garcia, mostra a preocupação com as questões da marginalidade e da criminalidade existente hoje. Ele afirma que a favela Cabana do Pai Tomás não pode ser somente lembrada pela marginalidade. Para ele, a favela tem que ser lembrada também pelo caráter das pessoas que vivem ali.

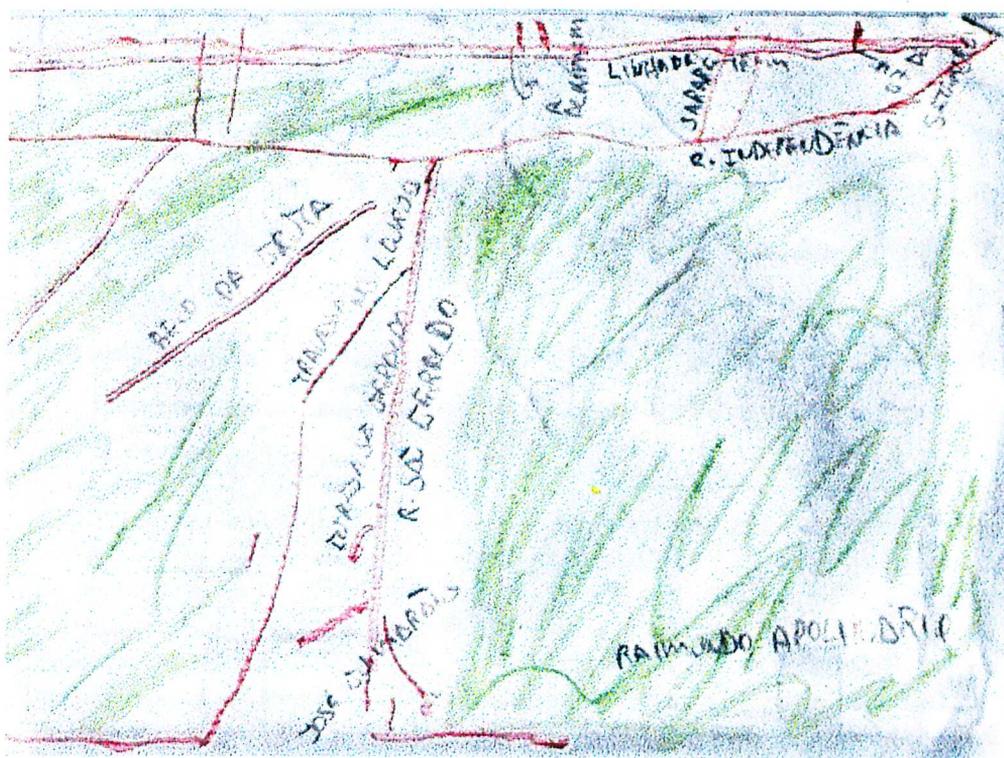


mapa desenhado pelo morador José Alves Garcia⁷⁶

O morador Raimundo Apolinário ao desenhar o mapa, procura traçar a favela na sua forma mais original, lembrando onde começava e terminava cada beco e cada rua, lembra ainda da linha de trem, da região cheia de mato, onde praticamente não existia casa nenhuma. Mas no entanto, o Sr. Raimundo Apolinário, não tem boas lembranças da época. Para ele, tudo foi uma questão de necessidade, a situação por qual estavam passando, exigia que se tomassem tais atitudes:

“Nós derrubamos (os eucaliptos) por necessidade, porque a força nossa era pouca na época e ninguém tinha condições de comprar né, tinha um tal de

num sei o que aí e que num tinha casa de jeito nenhum e obrigava a ter favela, ocê vê que hoje não tem favela”⁷⁷



mapa desenhado pelo morador Raimundo Apolinário da Silva⁷⁸

Segundo BERGSON, toda percepção, por mais breve que seja, supõe uma duração e estando por isso, cheia de lembranças, de memórias, de sentimentos, a percepção funciona como uma mola propulsora para as lembranças que estão vivas na mente dos moradores da Favela Cabana do Pai Tomás. A percepção dos locais modificados, das ruas que não existem mais, dos moradores que derrubaram os eucaliptos e que hoje não estão mais presentes na Favela, dos primeiros barracos construídos utilizando lona e os eucaliptos existentes, dos barracos construídos com tijolo de adobe e que hoje não existem mais. Essa percepção traz o sentir, traz a todo o momento o sentimento e esse sentimento é demonstrado a cada instante que é evocada a lembrança do local encontrado pelos moradores.

⁷⁶ Mapa desenhado pelo morador José Alves Garcia – acervo do autor - .

⁷⁷ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

⁷⁸ Mapa desenhado pelo morador Raimundo Apolinário da Silva - acervo do autor - .

Muitos moradores, ao desenharem o mapa da região encontrada, se emocionam, parecem estar revivendo naquele momento os primeiros instantes na favela. Muitos afirmam que ainda não acreditam na situação vivida hoje pela favela. Hoje a favela Cabana do Pai Tomás se tornou uma das maiores favelas de Belo Horizonte, com uma população de aproximadamente 70 mil habitantes. Ultimamente também têm se falado muito da favela sobre a onda de violência e criminalidade existente, fato que os moradores não gostam de comentar, que preferem falar da favela na época de seu início, uma favela onde praticamente não existia a criminalidade e a violência.

Ao desenharem o mapa, alguns moradores sentiam dificuldades em desenhar o mapa proposto, pediam um tempo para “lembrar” a Cabana como eles a encontraram. De acordo com JACY ALVES SEIXAS,

com a noção de memória involuntária (desconsiderada pelos estudos históricos) abrimos outra porta da memória, atravessando os umbrais que conduzem a uma memória mais elevada, à “memória por excelência”, à “verdadeira memória”. Espontânea, ela é feita de imagens que parecem e desaparecem independente de nossa vontade, revela – se por “lampejos bruscos, mas se afasta ao mínimo movimento da memória voluntária. Ambas as memórias para Bergson, a “ a memória que imagina e aquela que repete, vão “lado a lado e se apóiam mutuamente” (SEIXAS:2002:72).

Os moradores, iam aumentando o ritmo dos desenhos, de acordo com as lembranças que iam surgindo. Às vezes pediam para dar uma olhada no mapa atual da favela, outras vezes pediam um tempo para desenhar alguns detalhes considerados por eles imprescindíveis como o nome de alguma rua. Uma outra característica marcante nos mapas é que as maiorias dos locais citados e desenhados correspondem hoje à realidade, e quanto aqueles locais que não existem mais alguns moradores fazem questão de desenhar, dizendo que dessa forma estão preservando a história da Cabana.

A emoção e os sentimentos dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás são aflorados quando eles começam a fazer o desenho do “mapa”. Fica claro entre a preocupação de descrever todos os detalhes, em alguns momentos, utilizam a expressão “deu um branco”, pedem um tempo para lembrarem e depois começam novamente.

Em outras ocasiões é necessário utilizar - se de outros depoimentos, de fotografias da época, para que ocorra essa lembrança, para que as lembranças irrompam. E essa “erupção” que começa a surgir é repleta de sentimentos, de sonhos, de magia.

Depois de praticamente 40 anos do “surgimento” da favela, ainda existe entre os moradores essa relação de afetividade com o local encontrado. Para JACY ALVES SEIXAS,

a memória é algo que “atravessa”, que vence “obstáculos”, que “emerge”, os sentimentos associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes, dessa forma então toda a memória involuntária é carregada de afetividade (SEIXAS;2001:47).

A relação afetiva dos moradores com a área que hoje estão morando é demonstrada toda vez que são convocados a lembrar, a rememorar. Muitos afirmam que estavam vivendo novamente a experiência, outros mudam de semblante, outros choram.

A descrição do local feita pelos moradores fez “acordar” toda uma memória de uma comunidade, trazendo para o presente todas as imagens, lembranças, sentimentos, emoções de um passado que começa a ser construído a partir daquele momento. A memória involuntária, quando chamada a realizar “seu trabalho” de recuperar a identidade e construir a memória da comunidade.

Essa reconstrução do passado que começou com o desenho dos mapas feitos a partir do pedido do autor do trabalho exprime na realidade a proibição de não esquecer as origens da favela Cabana do Pai Tomás, esse passado que é praticamente recente e está vivo na memória desses moradores. Essas lembranças da favela Cabana do Pai Tomás se tornam difíceis de serem entendidas sem a compreensão desse direito e desse dever de memória por formas de lembranças.

A memória e a lembrança do local pertence a cada um dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás. Cada lembrança do local pertencente aos moradores, são fatos particulares de uma memória que é vivida de uma maneira coletiva, que tem necessidade de ser lembrada de uma forma individual. PIERRE NORA, faz a seguinte afirmação:

a atomização da memória geral em memória privada dá condições à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade (NORA,1984:18).

No mapa desenhado pelos moradores sobre a região que encontraram percebe - se uma certa lembrança afetiva com o local onde hoje estão morando. Essa lembrança afetiva se dá se pelo fato de estarem naquele local ou lugar um certo tempo, de terem vivido e

presenciado diversas circunstâncias de resistência, de luta. Essas circunstâncias fizeram esses moradores criarem um valor afetivo com o local que está vivo todas às vezes que as memórias são solicitadas e por isso renovadas.

Para HALBWACHS,

para que nossa memória se auxilie com a dos outros é necessário que ela ainda não tenha cansado de concordar com suas memórias e que haja bastantes pontos de contato entre umas e outras para que a lembrança que nos recordam possam ser reconstruídas sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto em nosso espírito, como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS:1990:34)

Os lugares comuns que estão dentro do espírito dos moradores da favela são demonstrados nos desenhos dos mapas propostos, quando eles começam a desenhar a imensa área de eucaliptal que se encontrava a favela, tais como a avenida Amazonas que, em relação aos dias de hoje, era praticamente inexistente; dos locais que existiam anteriormente e que são lembrados e que hoje não existem mais. Nos desenhos dos mapas, aparecem várias idéias em comum, várias lembranças que são reconstruídas ao desenharem o local. Para MÁRCIA D'ALESSIO,

renovação permanente das lembranças aponta um outro elemento que diferencia memória e história, qual seja, a forma como se relacionam uma e outra com o tempo. Citando Pierre Nora em "Entre Memória e História" quando ele afirma que a condição necessária para que haja memória é o sentimento de continuidade presente naquele que lembra (D'ALESSIO;1993:99).

Esses moradores do princípio da favela transformaram - se em homens - memória, pois carregam dentro de si toda uma memória da favela, do surgimento, das transformações. Diante de tal circunstância, hoje eles têm a preocupação de passar adiante essa memória, é um dos anseios dos moradores a preocupação dessa, até então, memória privada. Hoje devido a diversos fatores como a idade, as condições de saúde e outras mais, eles sentem a necessidade de transformar essa memória privada em uma memória pública.

Essa necessidade é expressa por José Martins Sobrinho:

"...eu tenho uma preocupação de que quando nós mais antigo morrer, a memória da Cabana também morra, pois num tem nada escrito de nós falando como ela era..."⁷⁹

1.2. ANTECEDENTES DA OCUPAÇÃO

No princípio da década de 60, começam a acontecer em Belo Horizonte diversas invasões de terrenos, fato que ganhava intensidade em todo o Brasil e que, a partir de 61, obteve mais força com o conjunto de medidas políticas propostas pelo presidente João Goulart. Tais medidas incluíam a Reforma Agrária e a Reforma Urbana, cujo objetivo principal era criar condições para que o inquilino tivesse condições de ser proprietário da própria casa que alugava, além da desapropriação das terras consideradas ociosas ou não produtivas para a implantação de conjunto ou unidades habitacionais, visando solucionar o problema da habitação enfrentado pelas grandes capitais do país.

A política habitacional do governo de João Goulart, compreendido entre os anos de 1961 a 1964 foi, em parte, prejudicada pela situação política e econômica pela qual estava passando o país, um dos motivos principais que agrava a problemática habitacional nas grandes cidades brasileiras. No governo de João Goulart, pode - se destacar como movimentos voltados para a habitação o apoio à construção civil, estudos e pesquisas sobre residência e a criação do Conselho Federal de Habitação.

De acordo com HELOISA COSTA, baseada em estudos feitos pela PLAMBEL em 1977,

em Belo Horizonte na década de 60, além de um acelerado processo de invasão de terras, a iniciativa de enfrentar a questão chega ao espaço institucional municipal através da criação de uma precocemente abortada Superintendência de Terras Urbanas, que visava estudar as possibilidades de promover uma reforma fundiária na cidade e de controlar o preço da terra urbana.

O crescente processo de favelização aparece como a principal manifestação da carência habitacional, cada vez mais agravada pelo constante aumento de preços da terra e pela intensidade das migrações para a metrópole que se consolida. Há favelas tanto nas áreas centrais quanto nas imediações da Cidade Industrial, numa clara evidência de que a habitação operária deixou de ser um item na agenda de necessidades, do ponto de vista do capital industrial (COSTA;1994:58).

⁷⁹ Jose Martins Sobrinho, depoimento citado.

O governador do Estado, Magalhães Pinto, já demonstrava sua preocupação para com os problemas da habitação desde quando candidato, afirmando para os órgãos de imprensa que:

“...a habitação é uma necessidade do homem, tendo uma repercussão direta na vida da família...”

(Jornal *O Diário*, 17 de junho de 1959, p.03)

Afirmava ainda no mesmo jornal que:

“...o favelamento é em principio o resultado da incapacidade material de acesso a uma habitação digna devido ao baixo poder aquisitivo da população...”

Eleito em 1960, Magalhães Pinto assume o governo do estado em 1961, criando em dezembro do mesmo ano o Conselho de Planejamento Popular que teria a função de planejar e coordenar entre o Estado, o Governo Federal e os Municípios ações conjuntas que solucionassem o problema da habitação popular. Estavam entre as atribuições do Conselho a elaboração de estudos e projetos habitacionais e urbanísticos para a construção de casas populares.

Em 1962 é criado o Departamento de Casas para o povo na Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais, com a finalidade de executar programas de habitação para as famílias que tinham poucos recursos financeiros, o que no entanto não teve a repercussão esperada porque excluía grande parcela da população que vivia com salários baixos e principalmente aquela população que residia na favela, não solucionando o grande problema habitacional que preocupava a população, principalmente a da Capital.

A prefeitura, naquele momento ocupada pelo prefeito Jorge Carone Filho, eleito pelo Partido Trabalhista Brasileiro (P.T.B.), preocupado com o crescimento populacional que estava acontecendo na cidade, promove a aplicação do “Decreto Lei nº 1105 de 08 de Julho de 1963 que declara de interesse social, para efeito de desapropriação áreas de terrenos destinados à construção de casas populares e obras e serviços públicos” .

O artigo 1º declarava de interesse social para efeito de desapropriação as seguintes áreas de acordo com a planta em poder da Prefeitura Municipal: na Vila São João Batista, perto do jardim Zoológico; Vila Santa Cruz e Humaitá, bairro Universitário, Vila Marília e Nova Era, Vila Nossa Senhora da Penha, Vila Humaitá, Engenho Nogueira; Vila São

Bernardo; Ribeirão do Onça; Vila Assunção e João Pinheiro; Barreiro de Cima; Alto Caiçaras; Horto; vila Canadá; Serra e São Lucas; Vila Oeste e Vista Alegre. Essas áreas estavam todas plantadas de eucaliptos, com áreas, limites e confrontações constantes da planta cadastral de Belo Horizonte de propriedade de FAYAL S/A e Antônio Luciano Pereira Filho; e especificamente no item 19 estava a área de terreno compreendida entre as ruas Coimbra, Juatuba, Sandôa e Crispim Jacques, entre as Vilas São José e Vista Alegre, que mais tarde de transformaria na favela Cabana do Pai Tomás.

Esse decreto - lei outorgado pelo prefeito Jorge Carone Filho era embasado na “Lei Federal de número 4132 de 10 de setembro de 1962 que no seu artigo 1º afirmava : A desapropriação por interesse social será decretada para promover a justa distribuição da propriedade ou condicionar o seu uso ao bem estar social na forma da Constituição Federal”. Esse decreto foi sancionado pelo então presidente da república João Goulart.

Para Jorge Carone, essas áreas plantadas de eucaliptos eram um entrave ao progresso da cidade e pela primeira vez no Brasil um prefeito aplica a lei 4132 de 10 de setembro de 1962, que permitia desapropriar áreas sempre que houvesse um interesse social. Sobre a aplicação da lei o prefeito lembra que:

“... O serviço público de água ia em direção a uma área dessas plantadas de eucaliptos e quando chegava na área, ele era obrigado a contornar às vezes 300, 400 metros e começar na frente. O mesmo acontecia com a rede de esgoto, acontecia com os ônibus e eles eram obrigados a dar uma volta enorme porque naquelas áreas ali tava plantada de eucalipto, embora fosse loteamentos aprovados pela prefeitura, mas na época, havia uma lei que dava isenção aos proprietários que plantavam eucaliptos e com isso os grandes proprietários para querer ganhar a valorização dos imóveis...”⁸⁰

A atitude tomada pelo prefeito Jorge Carone mereceu elogios; muitos destacavam que tal atitude era o que deveria ter sido ser feito há muito tempo em Belo Horizonte. O jornal *Estado de Minas* do dia 11 de julho de 1963, publicava a seguinte matéria:

“ DESAPROPRIAÇÕES

O decreto do prefeito Carone, declarando de interesse social, para efeito de desapropriação, as áreas plantadas de eucaliptos, está tendo a mais ampla repercussão nos meios de Minas. Vêem aqueles setores que a medida é uma verdadeira reforma urbana há muito tempo pleiteada por Belo Horizonte, daí centenas de mensagens congratulatórias que chegaram ontem à prefeitura cumprimentando o chefe do Executivo”

⁸⁰ Jorge Carone Filho, 80 anos, entrevista concedida ao autor em 09/01/02.

Também o suplemento “*O Barraco*”, órgão de comunicação da Federação dos Trabalhadores Favelados que circulava junto ao Jornal *Binômio*, na edição do dia 15 de Julho de 1963 afirmava que a atitude tomada pelo prefeito em relação aos terrenos que pertenciam ao deputado Federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho foi recebida com muito entusiasmo pelos favelados:

“FAVELADOS RECEBEM COM ENTUSIASMO DESAPROPRIAÇÃO DE EUCALIPTAIS

Na última reunião de nossa Federação foi comentada com muito entusiasmo a decisão do prefeito Jorge Carone de considerar de utilidade pública para desapropriação os lotes plantados de eucaliptos e que pertencem ao deputado Antônio Luciano.

Mensagem de congratulações ao prefeito foi aprovada, ao tempo em que os líderes das favelas assumiram o compromisso de promover a maior mobilização possível, no caso de uma investida dos latifundiários do asfalto contra o sr. Carone, o que é uma hipótese muito provável.”

Em nota divulgada à imprensa, o procurador geral da Prefeitura, senhor José Fernandes, afirmava que a desapropriação feita com base na lei 4132 de 10 de setembro de 1962 foi uma operação legal e autofinanciada, trazendo também benefícios para a cidade, uma vez que as áreas se destinavam à construção de casas populares, obras públicas como cemitérios, escolas, ligações entre vilas e bairros. A nota publicada no Jornal *Diário da Tarde* do dia 11 de Setembro de 1963, dizia o seguinte:

“DESAPROPRIAÇÃO DE TERRAS FOI LEGAL E SERÁ PAGA EM DINHEIRO

Declarando que a desapropriação das áreas plantadas de eucaliptos, o procurador geral da prefeitura, disse ontem que é esta a primeira vez em que a lei 4231 de 10-9-62 é aplicada, salientando que a desapropriação dos eucaliptos é auto - financiável, o sr. José Fernandes define o poder dos governos para a desapropriação e que a prefeitura está agindo dentro dos fundamentos legais.

Explicou o procurador que as áreas a serem expropriadas constituem “imensos espaços vazios, inproveitados”, dimensionando o problema social de Belo Horizonte entravando sua ânsia de progresso. Adiantou ainda que o decreto não tem poder confiscatório, porque estabelece a justa indenização ao proprietário.”

O prefeito Jorge Carone, populista e seguidor de Getúlio Vargas, *queremista*,⁸¹ afirmava que a decisão de desapropriar essas áreas, muitas das quais estavam entravando o

⁸¹ O significado do termo “queremista” está relacionado ao movimento organizado pelos setores reformistas nas eleições de 1945. Esses setores, organizaram um movimento denominado “queremismo” (do refrão

desenvolvimento da cidade, era o cumprimento de uma promessa antiga de campanha, feita aos trabalhadores e as pessoas mais humildes, no seu depoimento, o ex - prefeito lembra que:

*"...Quando eu fui candidato eu prometi ao operariado que se eu fosse eleito eu ia resolver o problema da habitação dos operários que naquela época eles tinham uma dificuldade muito grande porque os grandes proprietários, mais ou menos 20, não davam oportunidade ao operário, ao homem mais humilde de adquirir um lote, porque eles eram proprietários de grandes áreas, como é o caso do senhor Antônio Luciano, que plantava eucalipto em várias regiões de Belo Horizonte e colocava cerca de arame farpado e com homens vigiando para não permitir que a população tivesse acesso a essas áreas..."*⁸²

Essa promessa feita pelo então candidato a prefeito Jorge Carone Filho é lembrada da seguinte maneira pelo Sr. Afonso José de Oliveira, que na época trabalhava como operário da construção civil no bairro Pampulha, situado na zona norte de Belo Horizonte:

*"...Eu trabalhava na Pampulha e então o Jorge Carone na hora do armoço reuniu todo mundo e falou assim: Oh gente, tem tal lugar assim tem um eucaliptal, se for prefeito, eu vou liberar ocêis para derrubar esses eucaliptal tudo que tem em redor de Belo Horizonte. E então com aquela força que ele deu pra nós, nós reunii todo mundo e votemo no Jorge Carone ... e quando ele ganhou, nós partimo pra cima dele com toda a nossa coragem dada por Deus..."*⁸³

Também Vicente Gonçalves⁸⁴, o Vicentão, lembra que o candidato Jorge Carone Filho na sua campanha para prefeito, prometia que iria derrubar praticamente todas as áreas que estivessem plantadas de eucaliptos. Lembramos aqui um encontro com os trabalhadores favelados que aconteceu na antiga Secretaria de Saúde e Assistência, onde hoje está situado o Centro de Convenções de Minas Gerais, popularmente conhecido como Minas Centro:

queremos Getúlio).No decorrer da campanha eleitoral, Getulio Vargas fazia um jogo político contraditório. Apoiava de uma forma formal o general Eurico Gaspar Dutra, mas de uma maneira sutil e informal estimulava os movimentos populares que pediam sua permanência no poder. Esse movimento era apoiado pelos partidos P.T.B. e PCB. Em Minas, um dos principais líderes do movimento era o então deputado Estadual Jorge Carone Filho.

⁸² Jorge Carone Filho, depoimento citado.

⁸³ Afonso José de Oliveira, depoimento citado.

⁸⁴ Vicente Gonçalves, - Vicentão - 70 anos, entrevista concedida ao autor em 14/07/01. A história do depoente Vicente Gonçalves, mais conhecido como Vicentão, confunde - se um pouco com a história do movimento favelado na Capital. Vicentão foi um dos líderes da Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte, sendo considerado um dos líderes do movimento de invasão na favela Cabana do Pai Tomás. Sua ligação ao movimento dos favelados vem desde a década de 40, quando liderou os moradores da favela da Barroca contra o processo de remoção para outra área em Belo Horizonte.

“... o Carone era candidato a prefeito de Belo Horizonte e diz que ia derrubar todos os eucaliptos de Belo Horizonte e nós, os trabalhadores favelados de Belo Horizonte estávamos lá na Secretária de Saúde e Assistência, onde hoje é o Minas Centro e que na época da candidatura todos os prefeitos iam lá falar e nesse dia foi o Carone e o Carone quando chegou lá e eu já sabia da proposta dele e eu fui lá no mercado que era lá em frente e comprei um machado, pus cabo e peguei um nordestino que era ascensorista e o Carone ta lá falando que realizava mesmo, que ia derrubar e aí esse nordestino chegou e falou assim: Senhor prefeito, futuro prefeito (imitando a voz de um nordestino), nós favelados somos contra isso, queremos morar e o Luciano, esse grileiro ta assim, tomando terra e vendeu o peixe dele e ... nós vamos oferecer modestamente o machado com qual vossa excelência vai derrubar os eucaliptos e ... fervemos em cima do Carone e o Carone foi eleito e em 03 meses ele declarou em estado de utilidade pública aquele terreno lá...”⁸⁵

Ao lembrar do fato ocorrido, o Sr. Vicente Gonçalves, o Vicentão, começa a rememorar as lutas cotidianas, acontecimentos que estão presentes na sua memória. Ele reconstrói os lugares que hoje não existem mais ou foram modificados, como por exemplo a Secretária de Saúde e Assistência, onde hoje funciona no local o Centro de Convenções Minas Centro. De acordo com YARA AUN KHOURY,

as lembranças narradas de vivências nesses lugares traz modalidades de lutas diárias, de encontros diurnos ou noturnos de trabalhadores e moradores. Esses lugares trazidos pela memória aparecem como referências simbólicas de experiências vividas, de relações disputadas, da mesma forma que neles se produzem novas experiências (KHOURY;2001:95).

As lembranças do ex - prefeito Jorge Carone, de Vicente Gonçalves, o Vicentão, e do senhor Afonso acabam formando praticamente um só discurso quando se referem aos lugares da cidade que estavam plantados de eucaliptos. Ambos acabam chegando a um denominador comum: a falta de moradia para as famílias mais carentes em Belo Horizonte, a solução do problema que seria a desapropriação dessas áreas plantadas de eucaliptos para a construção das moradias.

As promessas feitas pelo então candidato a prefeito, Jorge Carone Filho, começavam a ser cobradas pela população favelada. Desapropriar lotes vagos e fazer a transformação das favelas em Belo Horizonte. Os favelados começavam a se manifestar por estarem sendo ameaçados de despejo das áreas onde moravam pelos supostos proprietários das terras que reclamavam a posse dos lotes na Justiça.

⁸⁵ Vicente Gonçalves – Vicentão – depoimento citado.

Os favelados reclamavam que estavam cansados de receberem promessas dos prefeitos e, no entanto, nada de fato ainda havia sido feito para solucionar o problema enfrentado por eles. Reclamavam ainda contra o descaso por parte do diretor do Departamento de Bairros Populares (DBP), senhor Raimundo Tinti, que fora diversas vezes às favelas, prometia que iria promover a retirada, mas que, no entanto, nunca cumpria o que havia prometido, ou então acontecia uma outra situação: quando os supostos donos dos lotes reclamavam, eles eram levados para áreas bem distantes do centro, onde eram péssimas as condições de habitação não existindo infra - estrutura.

As manifestações que ocorriam eram em grande parte coordenadas pela Federação dos Trabalhadores Favelados, que organizava manifestações que paravam a cidade inteira. A Federação dos Trabalhadores Favelados conseguia aglutinar grande parte dos líderes das favelas que estavam surgindo.

No outro lado da situação, o deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, dono das 19 áreas localizadas em diversos bairros de Belo Horizonte e que iriam ser desapropriadas pela prefeitura, dava entrevista à imprensa afirmando que por enquanto não tinha nada a declarar sobre o assunto. Prometia que comunicaria à imprensa sobre as decisões que viriam a ser tomadas, pois estava pensando em medidas para resguardar seus direitos e no valor que pediria para a indenização de seus terrenos.

Os terrenos, todos localizados dentro da área urbana, de acordo com especialistas teriam valor superior a Cr\$ 1 milhão e 500 em dinheiro da época. Para os entendidos, o valor total estipulado pela prefeitura de Cr\$ 1 bilhão era um valor bastante baixo e apenas demonstrativo do valor real de mercado que esses terrenos poderiam alcançar. No entanto, o alto valor que os terrenos foram atingido, levantou questionamentos por parte do setor imobiliário e opositoristas se a prefeitura teria verbas suficientes para pagar o valor das referidas desapropriações.

O valor definitivo que seria pago pelos terrenos desapropriados do empresário e deputado Federal estaria nas mãos da justiça, como afirmava o jornal *Diário de Minas* no dia 20 de Julho de 1963:

“ JUSTIÇA DIRÁ FUTURO DE DESPROPRIAÇÃO QUE VALE 1 BILHÃO
As áreas pertencentes a FAYAL S/A e ao deputado federal Antônio Luciano Pereira Filho, que foram desapropriadas pelo prefeito Jorge Carone

no decreto do dia 08, por serem consideradas de interesses social e destinadas à construção de casas populares e de obras públicas, são constituídas por cerca de 8 mil lotes de terreno e valem mais de Cr\$ 1 bilhão.

... Aguarda - se para os próximos dias um pronunciamento definitivo da prefeitura sobre a questão, sabendo - se que o caso será levado a juízo”..”

Ainda no final do mês de Julho de 1963, o então Vereador Dimas Anunciação Perrin apresenta na Câmara dos Vereadores o projeto de nº 132/63 que dispõe que todas as áreas ocupadas por favelados sejam entregues pela Prefeitura ao Departamento de Bairros Populares e este as loteie e venda em prestações aos próprios favelados. Essas prestações não poderiam ultrapassar o valor de 5% do salário mínimo vigente. Para terem direitos a esses lotes, os favelados deveriam residir na favela no mínimo 02 anos, serem trabalhadores e não possuir imóveis atualmente ou nos últimos 10 anos. O projeto tentava dessa maneira sanar o problema da habitação para os favelados em Belo Horizonte e excluir de qualquer benefício os exploradores de favela que levantam cômodos para depois alugarem.

Na opinião dos trabalhadores, o projeto Dimas Perrin como ficou conhecido, ao propor a venda dos lotes por valores que não poderiam ultrapassar 5% do salário mínimo vigente, seria uma solução oportuna e realista, porque, mais do que nunca, estava comprovada a impossibilidade financeira dos poderes públicos de construir bairros populares e eliminarem as favelas, sendo portanto, o mais indicado, já que a finalidade do projeto era vender o lote ao próprio ocupante da favela e com a renda adquirida, levar melhoramentos para a própria favela.

O Jornal *Estado de Minas* na sua edição do dia 02 de agosto de 1963, publicava matéria com o seguinte título:

“Reunião de Trabalhadores Favelados

A Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte vai promover segunda - feira às 19:30 horas na Lagoinha, um encontro com representantes de todas as favelas adjacentes a fim de debater o projeto de venda de lotes aos moradores locais. Ao encontro, além dos favelados, comparecerão autoridades e pessoas interessadas na solução do problema”.

Em entrevista ao Jornal *Diário de Minas* do dia 31 de Agosto de 1963, o vereador Dimas Perrin fazia diversas críticas ao deputado Federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho, Dimas Perrin afirmava que:

“... O senhor Antônio Luciano que tem espalhado por todos os lugares ser um homem caridoso, até agora só fez caridade com os terrenos da

PBH. Mas Agora vai ter que dar alguns de seus lotes aos favelados da Br-31 a mais de 600 famílias que se encontram em completa miséria...

Na mesma reportagem, o vereador acusava o deputado Federal e empresário de juntamente com seu irmão Jacques Luciano, superfaturar os terrenos que seriam desapropriados pela Prefeitura Municipal. O vereador fazia a seguinte afirmação:

"... Hoje, o senhor Antônio Luciano e seu irmão Jacques Luciano estão querendo vender os lotes (mais de mil) que comprou por Cr\$ 23 mil cada um a Cr\$ 500 e até 800 mil..."

A população favelada pressionava de todas as formas os vereadores para que fosse aprovado o projeto Dimas Perrin, participando de diversas reuniões na Câmara Municipal para saber como estava a tramitação do projeto, além de pedirem apoio para a aprovação do mesmo. Na reunião do dia 08 de novembro, em torno de mais ou menos 150 favelados foram a Câmara para novamente pressionar os vereadores, bem como para convidá-los para a concentração que aconteceria no dia 17 do corrente mês.

Os 04 últimos meses de 1963 foram de intensa mobilização para que fosse aprovado o projeto Dimas Perrin, havendo uma união de todos às organizações que lutavam pelos interesses sociais, como a Federação dos Trabalhadores Favelados, a União Nacional dos Estudantes e o Comando Estadual dos Trabalhadores. Essas organizações preparavam para a segunda quinzena do mês de novembro uma manifestação que visava protestar contra as irregularidades cometidas pelo diretor do Departamento de Bairros Populares, Raimundo Tinti e principalmente pressionar os vereadores para que fosse aprovado o mais rápido possível o projeto Dimas Perrin.

A imprensa destacava a mobilização dos favelados, o Jornal *Última Hora* na sua edição do dia 09 de novembro de 1963, publicava a seguinte matéria:

"CONCENTRAÇÃO DE FAVELADOS PELA APROVAÇÃO DO PROJETO DIMAS PERRIN

Para fazer aprovar o projeto Dimas Perrin que autorizava a venda dos lotes de favela aos próprios ocupantes, a Federação dos Trabalhadores Favelados vai promover uma concentração monstro na Secretária de Saúde e Assistência, dia 17, às 14 horas.

Alegando que a concentração não tem caráter político, mas apenas a defesa de legítimos interesses dos favelados, a Federação convidou para o encontro o Governador Magalhães Pinto, o prefeito Jorge Carone e todos os vereadores.

... O projeto visa não apenas a compra do lote, mas também soluções para o problema das favelas de um modo em geral. Entre essas soluções, destacam - se as seguintes: 1. Ajuda em material aos favelados para a melhoria do padrão de habitação nas favelas; 2. Fornecimento de material e se preciso, mão - de - obra para os favelados que possuem lotes fora da favela, neles levantarem seus barracos; 3. Melhoria das condições de habitabilidade na própria favela, dotando - as de água, luz, posto - médico e outras melhorias. "

No entanto, existiam alguns setores da sociedade contrários à aprovação do projeto Dimas Perrin, com destaque para aqueles que eram chamados de "Latifundiários Urbanos", como o deputado Federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho, o Banco de Crédito Real, que possuía em torno de 600 lotes, o Banco Hipotecário, o Banco Chase Manhattan Bank, os senhores Saint - Clair Valadares, dono de praticamente todo o bairro Santa Efigênia, o senhor José Maria Salles que tinha inúmeros lotes na Vila Santa Terezinha, além de várias companhias imobiliárias e da Companhia Mineira de terrenos e Construções (COMITECO).

A manifestação ocorrida no dia 15 de novembro reuniu, aproximadamente, 12 mil favelados, na qual os manifestantes presentes aprovavam o projeto do vereador Dimas Perrin que autorizava a venda dos lotes pela prefeitura para os favelados. Após a concentração os manifestantes saíram em passeata pelo centro da cidade. O projeto Dimas Perrin que pode ser considerado um marco na história de Belo Horizonte foi noticiado da seguinte maneira pela imprensa belorizontina:

"FAVELADOS APÓIAM PROJETO DE DIMAS

Cerca de dez mil favelados fizeram uma passeata pelas ruas da cidade, até a secretária da Saúde, onde houve uma assembléia - monstro de apoio ao projeto do vereador Dimas Perrin que autoriza a prefeitura a vender lotes - em boas condições- aos favelados de BH. Da reunião participaram o Deputado Sinval Bambirra, líder de associações e sindicatos e membros da secretária do Trabalho e Cultura Popular.

(Jornal Última Hora, 19 de Novembro de 1963)

"FAVELADOS REAFIRMAM LUTA POR DIREITO A CASAS

Milhares de favelados em concentração, domingo, na Secretária de Saúde, para apreciar o projeto do vereador Dimas Perrin - que autoriza à prefeitura a doar ao Departamento de Bairros Populares os lotes a serem vendidos em prestações máximas de Cr\$ 1mil - alegando que o projeto é o único capaz de resolver o problema da habitação popular em Belo Horizonte, decidiram lutar por sua aprovação, a fim de conseguirem segurança e tranqüilidade, evitando o despejo das famílias, que está sendo pleiteado na Justiça por supostos donos dos lotes.

(Jornal Diário de Minas, 19 de novembro de 1963)

Sobre o projeto Dimas Perrin, que viria a ser discutido pelos moradores da Favela Cabana do Pai Tomás somente após a sua ocupação e organização, o morador José Martins Sobrinho⁸⁶, lembra que :

*“... É a questão política do momento era muito forte e o projeto Dimas Perrin ele unia os moradores de favela em torno de um projeto que era muito importante que era a legalização das terras, a questão da moradia e se tivesse sido aprovado na época não teria tantos problema de favela como aconteceu em Belo Horizonte e então a questão política era muito forte, muita discussão, houve muita discussão e o projeto não deu solução e fosse aprovado, nós não teríamos tanto problema como tivemos aqui na Cabana, porque teria legalizado logo as terras...”*⁸⁷

Ainda de acordo com os moradores da Favela Cabana do Pai Tomás, o projeto Dimas Perrin, a princípio, traria benefícios para eles, mas o que causava um certo “medo” nos moradores era a presença da Construtora FAYAL S/A. Os moradores reunidos em Assembléia promovida pela Associação de Moradores decidiram não participar do projeto.

A explicação é lembrada da seguinte maneira pelo Sr. Raimundo Apolinário da Silva que na época participava da Associação:

*“...Eu num sei se era o Dimas o autor do projeto não, eu só sei que na hora que nós vimos que tava metendo no meio do trem era a FAYAL mesmo... e a proposta era uma proposta até muito boa, que ele falou que a gente iria pagar uma coisa insignificante, quer dizer, uma coisa praticamente pouca na época, a gente pensou bem e nós até concordamos com o negócio, mas tinha que passado em Assembléia e a Associação não podia fazer nada sem uma Assembléia e arrumaro aquele balaio de gato, porque fizeram um subsidio, ou melhor plebiscito, sim ou não, ou nós comprava ou num comprava e aí o povo decidiu pra num comprar e acabou num comprando...”*⁸⁸

A problemática habitacional ia aumentando com o crescimento populacional de Belo Horizonte. Algumas favelas foram removidas para a construção de obras que viessem dinamizar o desenvolvimento da cidade. Como exemplo temos a remoção da favela que estava situada na avenida Antônio Carlos, denominada Alto do Cruzeiro, localizada perto de um poço artesiano construído pela Prefeitura de Belo Horizonte, através do Departamento de Bairros Populares (DBP). No local onde estava situada a favela foi

⁸⁶ O morador José Martins Sobrinho tem uma história um pouco diferente dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás. Apesar de participar da invasão, ele não invadiu terrenos. Sua família havia comprado uma área ao lado do local onde estava plantadas as áreas de eucaliptos.

⁸⁷ Jose Martins Sobrinho, depoimento citado.

⁸⁸ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

construído o serviço de pavimentação, alargamento e canalização da avenida Antônio Carlos. Os moradores abandonaram os barracos de uma forma pacífica, destruindo eles mesmos os barracos, pois tinham a promessa do diretor do Departamento de Bairros Populares (DBP), Raimundo Tinti, que seriam transferidos para o bairro São Bernardo próximo do local onde moravam.

Com aumento do crescimento populacional em Belo Horizonte surgiam ocupações em terrenos particulares, bem como nas áreas plantadas de eucaliptos, principalmente naquelas “pertencentes” ao deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho.

A ocupação, “da noite para o dia” de terrenos (particularmente daqueles com eucaliptos plantados, pertencentes a conhecido especulador imobiliário da cidade) por parte da população mais carente, com o apoio de militantes políticos originários de estratos sociais médios, parece haver constituído o fato que mais diretamente contestou o “status quo”. (AFONSO, et. al; 1984:43).

Essa contestação do “status quo”, atingiu diversos movimentos de invasões que começava a modificar o espaço urbano de Belo Horizonte: favelas começaram a surgir por todos os lados, com destaque para as favelas “Frei Josafá”, “Padre Lage” e “João XXIII”.

Antônio Luciano Pereira Filho, para evitar a desapropriação de suas terras e também a invasão de aproximadamente 45 mil lotes, contratou através de sua empresa, a FAYAL S/A, funcionários que teriam a função de fazer a proteção das terras, evitando a presença de invasores. Para se candidatar ao cargo pretendido, a principal exigência era de que o candidato fosse “forte”. O anúncio publicado nos jornais tinha o seguinte pedido:

“PRECISAM - SE

De 20 homens fortes e dispostos para garantia de propriedades contra invasores. Ordenado: cr\$ 25.000.- Tratar: Av. Afonso Penna, 571, 4º andar.”
(Jornal Diário de Minas, 29.08.63)

No dia seguinte ao anúncio apareceram diversos candidatos, sendo selecionados, os mais fortes que receberiam como “material de trabalho” uma espingarda e um revólver municiados, além da promessa de receberem salário em dia se obtivessem êxito no trabalho. Perguntados pela imprensa porque aceitaram o emprego, os candidatos afirmavam que estavam ali porque não tinham conseguido outro emprego e, caso fossem admitidos, seguiriam à risca todas as instruções e recomendações dadas pelo deputado Federal Antônio Luciano para serem utilizadas contra os favelados.

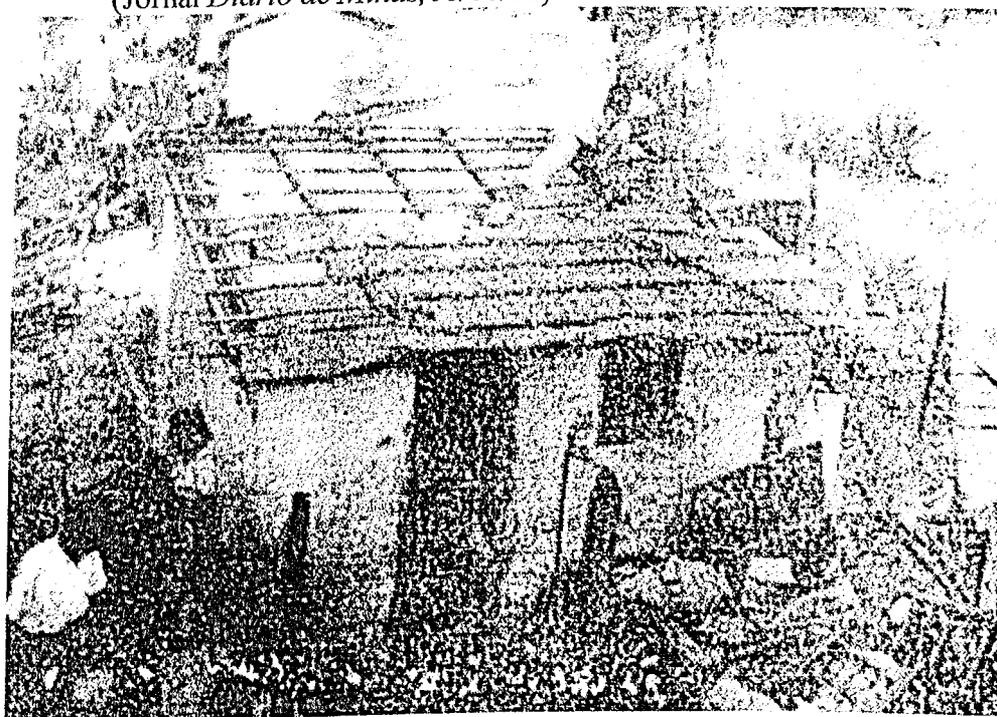
Belo Horizonte, nesse momento, continuava a ser uma cidade de contrastes, pois se de um lado da cidade os favelados eram removidos para que no local fossem construídas obras de canalização fluvial. Do outro lado, na região oeste de Belo Horizonte, um imenso grupo de favelados invadiu uma extensa área situada próxima ao anel rodoviário na BR - 31, mais conhecida como rodovia Fernão Dias, principal eixo de ligação de Belo Horizonte a São Paulo, onde iniciaram a construção de seus barracos.

Sobre a remoção dos favelados, a imprensa divulgava o seguinte noticiário:

“REMOÇÃO ESPONTÂNEA DE FAVELADOS

Dezenas de famílias que habitavam a favela denominada Alto do Cruzeiro, na Av. Antônio Carlos, em frente ao poço artesiano construído pela DBP e um pouco antes do trevo da BR-31, abandonaram pacificamente o local, destruindo elas próprias os seus barracos, a fim de possibilitar a Prefeitura a construção de canalização pluvial, obra complementar ao serviço de alargamento das pistas da importante e movimentada via pública”.

(Jornal *Diário de Minas*, 06/08/63)



Neste quadro, foi impossível evitar as invasões, que começaram a “pipocar” por toda a cidade, visando, principalmente, às terras que pertenciam ao Deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho.

O Jornal *Diário de Minas* publicava no dia 22 de Agosto de 1963 a seguinte matéria:

**“FAVELADOS INVADIRAM E TOMARAM TERRAS NA GAMELEIRA
REBELIÃO NA FAVELA:**

Favelados invadiram, ontem uma área de 1500 m², de propriedade do sr. Antônio Luciano, ao lado da BR - 31, na Gameleira, e já começaram a construir barracos de madeira e barro, afirmando que só saem de lá quando a Prefeitura conseguir outras terras para eles. A invasão foi pacífica, sem líderes, justificada pelos favelados com os atuais preços dos barracões nas favelas, que não podem pagar, e com a notícia de que a Prefeitura confiscara as terras do sr. Antônio Luciano Pereira Filho para distribuí - las ao povo”

A alegação de todas as pessoas que invadiam as terras era de que não dispunham de recursos suficientes para pagarem aluguel em outros lugares e que fizeram a opção de invadir os terrenos do Deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho porque ele ocupou diversos terrenos de forma irregular; e, especificamente no caso da BR- 31, porque o prefeito Jorge Carone determinara ordens ao diretor do Departamento de Bairros Populares, senhor Raimundo Tinti, que anunciasse na Associação dos Favelados que a prefeitura já havia confiscado os terrenos situados às margens da BR - 31.

Eles ocuparam toda a faixa direita da rodovia BR - 31, de aproximadamente 3 mil metros quadrados, além da margem esquerda da BR. A localização mais exata da área era entre a Vila dos Atrevidos e o Seminário do Coração Eucarístico de Jesus.

O movimento de ocupações que se iniciara em Belo Horizonte, com a ocupação das áreas da BR - 31, contava com apoio de políticos, como os deputados Sinval Bambirra e José Gomes Pimenta, os vereadores Henrique Novais e Dimas Perrin, da igreja, como os padres do Seminário Eucarístico de Jesus e dos participantes da Juventude Operária Católica (JOC), que chamaram para si a responsabilidade da liderança do movimento, além de militantes da Ação Popular.

Os barracos construídos eram feitos de pequenas tábuas e materiais como pedaços de latão, papelão, etc.. O material rudimentar utilizado devia - se ao receio de serem logo expulsos do terreno e de terem os barracos derrubados. O movimento não tinha líderes, porém contava com a participação dos Sacerdotes do Seminário Coração Eucarístico que “tiravam as batinas” no intuito de ajudar os invasores na limpeza e construção dos barracos.

Os moradores alegavam que não tinham condições de pagar aluguel, muitos estavam com as famílias, havendo, inclusive, muitas mulheres grávidas. Invadiram uma área que no entender deles era improdutiva, situada bem próxima ao centro da cidade.

A ocupação da BR - 31, por um outro lado, preocupava as autoridades municipais no sentido das medidas que poderiam ser tomadas pelo dono da terra, o Deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, através de suas empresas, a FAYAL LTDA e a LHANA S/A

Adiantando o que poderia ocorrer, o Secretário de Segurança, Caio Mário da Silva Pereira, enviou um ofício ao juiz da 8ª Vara Cível, senhor Silas dos Santos Coura, informando - o sobre os resultados dos levantamentos feitos na favela e as providências que possivelmente seriam tomadas. No ofício, o secretário afirmava que as providências a serem tomadas deveriam ainda ser estudadas, uma vez que na favela a população era numerosa, existindo elementos de várias "índoles", além do fato Belo Horizonte estar passando por uma grave crise habitacional.

Medidas foram tomadas de todos os lados para que o problema da invasão das terras situadas na BR - 31 tomasse proporções maiores. Do lado das empresas FAYAL LTDA E LHANA S/A, advogados entraram com recurso no fórum pedindo providências aos juízes para a desocupação da área e a intervenção direta do Exército Brasileiro. Quando questionado sobre a possível participação do Exército, o então general Carlos Luís Guedes que comandava a IV Divisão de Infantaria, informou que o Exército só tomaria partido na situação quando fosse solicitado pelo governo do Estado e essa solicitação deveria ser feita através do governo Federal. O empresário Antônio Luciano Pereira Filho impôs a presença de seus capangas na favela; estes, quando descobertos, foram quase linchados pelos moradores.

Para tentar solucionar o problema, o Secretário de Segurança Pública, Caio Mário da Silva Pereira convocou uma reunião com o Secretário do Trabalho Edgar da Mata Machado, o advogado geral do Estado, Gilberto Dolabela e o delegado do DOPS Fábio Bandeira de Melo para que juntos pensassem em medidas que deveriam ser tomadas no sentido de evitar o uso de forças federais e acelerar a desapropriação. Nesse sentido, foram pensadas medidas que dessem alojamentos para os que de fato necessitavam.

No entanto, o Departamento de Bairros Populares (DBP) agiu rápido, retirando as famílias invasoras do local, como informava o *Jornal Diário da Tarde* do dia 17 de agosto de 1963:

“DBP retirou favelados da Rodovia BR-31

“... O sr. Raimundo Tinti reuniu os invasores, argumentou sobre a inconveniência daquela atitude. Ponderou ainda o sr. Raimundo Tinti que o plano de habitação do prefeito Jorge Carone Filho dará oportunidade a todos os trabalhadores de construir a casa própria, citando o recente decreto de desapropriação de áreas plantadas de eucaliptos e sua próxima destinação aos que realmente precisam construir sua casa própria.

A desocupação dos terrenos às margens da rodovia BR - 31 foi feita de maneira pacífica, sem a necessidade do uso da coerção física por parte da Polícia Militar e sob o sentimento de derrota por parte dos ocupantes. Saíram com a promessa feita pelas assistentes sociais do Conselho Estadual de Planejamento e Habitação de que após a triagem para verificar quem de fato precisava de habitação, seriam doados terrenos em outras áreas cedidas pela Prefeitura e pelo governo do Estado.

A desocupação dos terrenos, apesar de não ter havido a coerção física por parte da Polícia Militar, foi um ato de violência, pois estes ocupantes estavam sendo desalojados do seu lugar de moradia. Além do mais, o ato da desocupação por si só, se torna ato de violência praticada contra esses ocupantes. Uma outra problemática percebida na questão é que para as autoridades públicas, foi mais fácil promover a desocupação dos terrenos invadidos, tanto que agiram rápido e promoveram logo a desocupação, do que solucionar o problema da habitação, dando habitação para as famílias que ocuparam as áreas na BR-31.

Para o deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, a desocupação dos terrenos representava uma vitória; este afirmava que as áreas ocupadas já haviam sido vendidas e que os novos proprietários reclamam da invasão.

Diante da situação encontrada pelas autoridades públicas que foram ao local onde estavam sendo demolidos os barracos, estas se comprometeram a solucionar o mais breve possível a situação presenciada. Uma das primeiras soluções tomadas foi a criação de uma comissão composta por representantes dos moradores, representantes da Federação dos Favelados e da Secretaria de Trabalho e Bem Estar Social. Também numa tentativa de amenizar o problema da habitação foram divididos 80 lotes situados próximos a BR - 31 e

ao viaduto do Progresso, num local denominado Cabana do Pai Tomás, perto do bairro Barreiro, na região Oeste de Belo Horizonte. Os invasores/moradores foram transferidos em caminhões da Secretaria do Trabalho. Foram levados também de uma maneira provisória e temporária, alguns moradores para a favela Pindura Saia, situada na região Leste da Capital.

No entanto, a solução encaminhada pela prefeitura não surtiu o efeito esperado. Dias depois um grupo de favelados reiniciou a invasão de terras na BR - 31, no terreno de propriedade do senhor Hilton Guez, que pediu ajuda a intervenção do Estado. Foi constatada a mesma situação anterior. Era grande a presença de crianças e mulheres, legitimando a alegação por parte dos moradores de que estavam ali porque não tinham condições de pagar pela habitação e também porque não foram atendidos com a doação de lotes feitos pela prefeitura.

Apesar da transferência de parte dos favelados da BR - 31 da decretação de reintegração de posse por parte da Justiça, a invasão no local não cessou. O movimento se fortaleceu, acontecendo inclusive a celebração de missa campal pelos padres Lage e Ozanan; que em seus sermões conclamavam a população resistir e a permanecer no local que passou a se chamar Vila Frei Josaphat.

Os moradores receberam a visita do governador Magalhães Pinto, que após percorrer e visitar a maioria dos barracos na favela, prometeu providências no sentido de melhorar as condições de vida. Uma das primeiras medidas seria a doação de materiais de construção para as famílias. Outras medidas prometidas foram a instalação de um posto - médico, a doação de medicamentos e a instalação de infra - estrutura básica como água, luz e esgoto. O governador determinou, ainda, que o secretário de Segurança Pública, Caio Mario da Silva Pereira, ficasse com a responsabilidade dos contatos com a prefeitura para possíveis entendimentos com o intuito de solucionar os problemas dos favelados.

Diante das ocupações acontecidas, principalmente em seus terrenos, o Deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho divulgou pela imprensa uma carta aberta⁸⁹ destinada ao povo de Belo Horizonte e do interior onde dava sua versão dos acontecimentos. Afirmava que a empresa LHANA S/A comprara os terrenos e que os mesmos estavam

⁸⁹ A carta na sua íntegra encontra - se nos documentos em anexo.

sendo alvos de “elementos de má – fé”. Criticava ainda a postura do governo do Estado e também da prefeitura.

De seu lado, o governo do Estado divulgou nota através da imprensa onde afirmava que em momento algum havia deixado de atender ao cumprimento de mandatos judiciais e que o Secretário de Segurança Pública já havia entrado em contato com a prefeitura e que estava aguardando resposta da mesma⁹⁰.

O problema das favelas em Belo Horizonte aumentava com os favelados organizando diversas passeatas exigindo principalmente do governo, melhorias na qualidade de vida nas favelas e uma repressão maior aos “Tubarões de Tamanco”⁹¹. Um outro alvo presente nas manifestações era o nome do empresário e Deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, considerado como o “inimigo número um dos favelados”, devido a grande quantidade de áreas que possuía em Belo Horizonte.

O governo do Estado, de acordo com o governador Magalhães Pinto, anunciava que determinava ordens ao Secretário Edgar da Mata Machado, responsável pelos entendimentos com a prefeitura de Belo Horizonte, como estava o processo de desapropriação das áreas, pois somente a partir da desapropriação das mesmas é que o governo do Estado poderia tomar algumas medidas. Uma outra solução no sentido de amenizar a crise habitacional seria o financiamento de pequenas moradias através do Departamento de Casas Populares sob o controle da Caixa Econômica Estadual.

1.3. INDUSTRIALIZAÇÃO, FAVELIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

O surgimento dos primeiros barracos da Favela Cabana do Pai Tomás está intimamente ligado a construção da Cidade Industrial Juventino Dias, criada em 1941, e mais conhecida como Cidade Industrial, situada no município de Contagem, a 15 quilômetros do centro comercial de Belo Horizonte e a aproximadamente 3 quilômetros da favela. A escolha desse local ermo esteve diretamente relacionada à expansão da Capital, pois, segundo as autoridades públicas, a paisagem urbana não ficaria comprometida.

⁹⁰ A nota em sua íntegra está nos documentos em anexo.

⁹¹ O termo Tubarões de Tamanco era dado para aquelas pessoas que aproveitavam do movimento dos favelados para obter lucros. Maiores explicações ver item 2.2.

A Cidade Industrial na década de 40, a princípio não oferecia tantos atrativos à instalação das indústrias, uma vez que eram grandes as dificuldades no abastecimento iminentes de energia e transporte, fator que desestimulava os empresários a investirem e a fixarem ali.

Em 1947 foi criado o Plano de Recuperação Econômica e Fomento da Produção, plano elaborado a partir de um diagnóstico da situação do Estado onde era listado um conjunto de programas e projetos que cobria praticamente todas as atividades econômicas e assistenciais, dando no entanto ênfase à industrialização. Pelos estudos realizados, 78% dos investimentos seriam destinados ao setor de transportes e apoio à industrialização e 67% exclusivamente à energia e transportes. Um dos desdobramentos desse plano foi à criação, em 1951, das Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG), com o objetivo de solucionar o problema da escassez de energia.

A iniciativa para dinamizar os setores industriais do Estado começou a dar resultado com o aumento considerável do número de indústrias na cidade Industrial que passava a ter, em 1947, aproximadamente 90 indústrias empregando em torno de 20 mil operários.

O crescimento industrial da cidade estava atrelada trouxe consigo o crescimento urbano, através dos movimentos migratórios que estavam intensificando. No entanto, naquele momento não havia por parte das autoridades públicas a preocupação em criar políticas públicas para o setor habitacional, naquele momento a preocupação era dar condições para que as indústrias se expandissem.

No entanto, a falta de políticas públicas voltadas para as correntes migratórias ocasionaria problemas de infra – estrutura básica para acomodar essa população, como explica PAULO CÉSAR GARCEZ MARINS:

O processo intenso de metropolização sofrido no Brasil a partir da instalação dos parques industriais e os surtos migratórios a eles associados inviabilizaram qualquer projeto de perpetuar o controle das formas de moradias e vizinhanças nas grandes capitais. Espaços públicos e privados passaram a se fundir a contragosto das intenções normativas, não apenas nas ruas e na configuração heterogênea dos bairros, mas no avanço sobre mananciais – fonte para todas as pias, chuveiros e vasos sanitários das cidades – ou na própria violência que passaria assaltar ruas e casas (MARINS;1997:212).

Até 1947 a ocupação da cidade Industrial foi lenta, com a implantação de apenas algumas indústrias. Um dos problemas alegados para a baixa ocupação era a falta de áreas

para alojar os funcionários das indústrias que se instalavam na região. Devemos acrescentar também que somente a partir da década de 50 é que o governo federal promoveu várias medidas de incentivo ao desenvolvimento econômico do país, tendo como ênfase a industrialização. A esse respeito foram feitos investimentos nos setores de transporte e energia, fato que proporcionou a instalação de grandes empresas na região, tais como: MANNESMAM, MARFESA, Estamparia SANTA ELIZABETE DE TECIDOS e outras.

A preocupação das empresas com a moradia dos funcionários tornou-se um fato real para empresas como a MAGNESITA, MANNESMAM, Companhia SANTA ELIZABETE DE TECIDOS e outras construíram habitações para seus funcionários nas proximidades da empresa. Algumas como a MAGNESITA construía e alugava ou vendia casas para seus funcionários por valores insignificantes. As “casas da MAGNESITA”, por exemplo, hoje se transformaram no bairro de mesmo nome, a Vila MAGNESITA bairro situado nas proximidades da Favela. Essas residências eram posteriormente vendidas para os funcionários com mais tempo de empresa ou que já moravam nas referidas habitações, por valores abaixo do preço de mercado.

A moradia se tornava um fator de atração para os escassos trabalhadores qualificados necessitados pela indústria. O trabalhador ao entrar nessa engrenagem não só vendia sua força de trabalho como as possibilidades de obter um valor mais alto pelo mesmo. A moradia construída pela empresa e que era ocupada pelo trabalhador era uma maneira indireta que a empresa utilizava para que o trabalhador criasse elos com o local em que estava trabalhando. Agindo dessa forma, a empresa evitava que o trabalhador procurasse outra empresa e reduzia, também, as possibilidades de o trabalhador lutar pelos seus próprios interesses, pois dessa forma, perder o emprego significava perder a casa. Além de que “dar habitação” para os funcionários era também uma forma de lucro, pois o capital investido na construção das habitações retornava na forma de aluguéis que eram pagos pelos operários.

Nos fins dos anos 50, a Cidade Industrial consolidava-se como o maior centro de desenvolvimento industrial de Minas e um dos maiores do Brasil, tendo como consequência imediata o aumento populacional nas áreas próximas, incluindo nesse contexto, as Vilas

Inconfidência e Vista Alegre, bairros próximos da então inexistente Favela Cabana do Pai Tomás.

Com a urbanização e a industrialização acelerada principalmente, após a 2ª Guerra Mundial, inicia - se o 2º momento na história da habitação no Brasil. Nas cidades, principalmente as que estão situadas na região centro - sul do país, se instala e se amplia um mercado de trabalho capaz de atrair os trabalhadores que desejam ou são obrigados a abandonar o meio rural.

Para os moradores que vinham do campo, com o objetivo de trabalhar nessas indústrias que surgiam, a moradia representava um fator de atração para os trabalhadores com pouca qualificação. A lembrança do senhor Nelson Dias de Oliveira que trabalhava na MAGNESITA exprime esta situação:

“...eu vim sozinho e fui trabalhar na Magnesita e aí a Magnesita arranjava um quartinho pra mim...primeiro era uma experiência de três mês, depois te chamava e assinava a carteira e aí eu perguntei pro chefe que chamava Paulinho se eu ia fixar , porque eu tenho muito medo de passar trabalho com a família e ele me respondeu que o dia que eu quisesse , eu podia buscar a mudança do senhor e que ele ainda arrumava o caminhão da firma...”⁹²

Assim, essas atitudes das grandes empresas, faziam com que o trabalhador se sentisse um “verdadeiro dono” da empresa, e ao mesmo tempo, atuava como força de coação porque ao fornecer habitação e outras vantagens para os funcionários, ele tinha inibido as condições de trabalho.

Com a urbanização e a industrialização concentrada na região centro - sul, inicia - se uma forte corrente migratória para os centros industriais surgidos nas grandes cidades brasileiras, com destaque para o ABC paulista e a Cidade Industrial de Contagem/Belo Horizonte. Esses centros industriais que surgiram foram capazes de atrair os trabalhadores que desejavam e necessitavam abandonar a região rural em que viviam. A cidade é vista dessa maneira como um “eldorado” que iria solucionar todos os problemas que existiam no campo. Na cidade essa população ira sobreviver do pequeno artesanato e, principalmente, como operários das indústrias que surgiam.

EVA BLAY afirma que,

⁹² Nelson Dias de Oliveira , depoimento citado.

é nesse período, fins da década de 50, que se inicia com clareza a grande inversão que marca até hoje a mentalidade do trabalhador urbano brasileiro: O importante é ter uma casa própria, ela garante a fixação nas cidades. Conseguir um emprego é difícil, instável, precário. A casa, porém, é a proteção para os momentos de desemprego, é a certeza de ter um teto enquanto se busca um novo trabalho (BLAY;1979:81).

A produção da habitação que varia de cidade para cidade está diretamente relacionada à concentração da indústria em um determinado local, onde essas empresas ao admitirem uma quantidade de mão - de- obra que em sua maioria, é de pouca especialização acabam produzindo habitações de um baixo padrão de qualidade, existindo uma carência enorme de infra - estrutura e necessitando de toda forma de ajuda por parte do Estado.

2º CAPÍTULO

A OCUPAÇÃO CONSENTIDA

2.1. A DERRUBADA DOS EUCALIPTOS E A CONSTRUÇÃO DOS PRIMEIROS BARRACOS

Os moradores retirados da rodovia BR – 31, através de uma medida judicial, foram alojados em um outro terreno de 4000m² que foi “doado”⁹³ pelo deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho. Essa área de 4000m² para a qual foram levados os ocupantes ficaria mais tarde conhecida como Cabana do Pai Tomás. A família do morador José Leônidas Resende, o Zezinho, foi uma das famílias “agraciadas” com essa doação:

“...Luciano resolveu tampa 40 casas para doar e na Independência, quando meus avôs veio da roça, nós fomo nele lá e meu pai né e meus irmão conseguiu uma doação onde é a Droganorte (Farmácia⁹⁴)... aquela casa ali é do meu tio até hoje, aquela casa ali foi assinada a carta de doação pro meu tio e pra minha avô...”⁹⁵

Os lotes “doados” pelo deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho eram poucos para a grande quantidade de famílias que necessitavam de moradia, uma vez que, nesse momento, Belo Horizonte passava por uma crise habitacional, com a ocorrência de invasões e ocupações de diversas áreas plantadas de eucaliptos. Há de se esclarecer que as áreas plantadas de eucaliptos serviam para demonstrar que o terreno tinha proprietário ou dono e que não poderia, dessa forma, ser considerado um terreno de terras devolutas ou improdutivas.

⁹³ Há uma controvérsia quando se refere a esses terrenos doados por Antônio Luciano Pereira Filho, pois como ele poderia doar um terreno se não tinha certeza se lhe pertencia de fato? Tal questionamento se faz necessário diante das formas utilizadas pelo referido deputado Federal e empresário para conseguir terrenos, como por exemplo, ameaças, expulsão e represálias aos verdadeiros proprietários. Por tomar essas atitudes, ele adquiriu a fama em Belo Horizonte de “grileiro urbano”.

⁹⁴ A farmácia citada pelo depoente, hoje chama – se Drogaria Independência e está localizada na rua Independência, rua que recebe esse nome por ter sido aberta pelos invasores/moradores no dia 07 de Setembro de 1963, dia da Independência do Brasil. A rua Independência hoje, é considerada a principal rua da favela. A farmácia é citada no depoimento dos invasores/moradores como um dos primeiros estabelecimentos comerciais da favela.

⁹⁵ Jose Leônidas Resende – Zezinho –, 48 anos, entrevista concedida ao autor em 30/05/01.

Ao final do mês de agosto, iniciou - se a derrubada do imenso eucaliptal, surgindo então a "Favela Cabana do Pai Tomás". A imprensa noticiou amplamente a derrubada dos eucaliptos e o início da ocupação da área:

"FAVELADOS OCUPAM E CONSTRÓEM CASAS NAS ÁREAS DE EUCALIPTOS".

Contando com ajuda de seminaristas, universitários do Centro de Cultura Popular, UNE e UEE, os quatro mil favelados que ocupam uma área de seis quilômetros de eucaliptos, em ambas as margens da BR - 31, perto do viaduto do Progresso, começaram a construir suas próprias casas, usando os próprios eucaliptos que estão sendo derrubados.

(*ÚLTIMA HORA*, 26/08/63)⁹⁶

"FAVELADOS INCEDEIAM EUCALIPTOS E INVADEM TERRAS ÀS MARGENS DA BR - 31".

Os invasores dizem estar tomando posse de terrenos que lhes já pertencem de direito, porque se trata de mata de eucaliptos de propriedade do deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho.

(*DIÁRIO DA TARDE*, 22/08/63)

"PROSEGUE A OCUPAÇÃO DE TERRENOS PARTICULARES

Clareiras se abrem em questão de horas nas plantações de eucalipto na Cabana do Pai Tomás. Limpo o terreno, os invasores começaram a levantar suas palhoças"

(*ESTADO DE MINAS* 08/09/63)

"OCUPAÇÃO CONTINUA: FAVELAS SURGEM EM ÁREAS DE EUCALIPTOS

... Uma extensa área situada ao lado da Fundação Waldomiro Lobo, no alto da Avenida Amazonas, foi devastada, sendo batidos de eucaliptos ali existentes. Um outro terreno, situado nas proximidades, entre a rua Inconfidência e avenida Amazonas, onde passava a antiga linha da RMV foi também invadido e já se transformou numa gigantesca favela..."

(*ESTADO DE MINAS*, 10/09/63)

"AINDA UMA VEZ, FAVELA

Construindo seus barracos com os troncos das árvores e cobrindo - os com folhas e panos de trapo, favelados - posseiros estão derrubando o eucaliptal que vai da Avenida Amazonas à Vila Nova Cintra, numa extensão de um milhão

⁹⁶ Em Belo Horizonte nessa época, possuía cinco jornais impressos que possuíam sede na Capital: Estado de Minas, Diário da Tarde, Diário de Minas, Última Hora e Binômio. O Estado de Minas e o Diário da Tarde, eram de cunho mais conservador, pois um de seus fundadores era o jornalista e deputado Assis Chateaubriant. O Diário de Minas, O Última Hora e o Binômio. Esses três jornais, tinham um caráter mais oposicionista, tanto que dentro do jornal Binômio, circulava o suplemento "O Barraco", órgão de comunicação da Federação dos Trabalhadores Favelados. Sendo assim, o movimento de invasão e ocupação dos terrenos será visto e noticiado de uma forma diferente pelos órgãos de imprensa. As manchetes dos jornais Diário de Minas, Última Hora e Binômio daram um caráter de apoio ao movimento, características que não são percebidas nos jornais Estado de Minas e Diário da Tarde.

de metros quadrados. Cerca de 500 famílias já estão morando naquela área que a prefeitura desapropriou do deputado Antônio Luciano...."

(DIÁRIO DE MINAS, 11/09/63)

"FAVELADOS INVADEM NOVA ÁREA NO BAIRRO DAS INDÚSTRIAS

Com tochas acesas feitas de folhas de eucaliptos, favelados - posseiros estão derrubando sempre à noite - o eucaliptal que vai da avenida Amazonas à Vila Nova Cintra, numa extensão de um milhão de metros quadrados. Constroem com troncos os barracos, onde se instalam com as crianças para garantir a posse dos lotes que a Prefeitura do deputado Antônio Luciano..."

(DIÁRIO DE MINAS, 12/09/63)

A derrubada dos eucaliptos para a construção dos primeiros barracos aconteceu durante todo o mês de agosto e setembro, com os cortes dos eucaliptos sendo feitos na maioria das vezes, à noite. Além dos moradores, participava também um grande número de moradores retirados pela Prefeitura de outras áreas invadidas. Essas famílias, em sua maioria, eram procedentes dos terrenos do Deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, situados às margens do anel rodoviário da BR - 31. Esses moradores foram retirados mediante um mandado de reintegração de posse expedido pelo juiz Silas Santos, que dava direito à empresa LHANNA S/A de readquirir os terrenos considerados de direito, conforme já discutido

Sobre as datas em que ocorreu a derrubada dos eucaliptos e a construção dos primeiros barracos há entre os moradores e também na imprensa, uma certa imprecisão. Alguns afirmam, com veemência, que a data exata e precisa da invasão foi o dia 07 de Setembro de 1963, dia da Independência do Brasil, originando - se daí, o nome de uma das principais ruas da favela. Na imprensa, no entanto, reportagens sugerem que a ocupação aconteceu a partir do dia 23 de agosto. Para os moradores a data correta é 07 de Setembro, como registram os depoimentos abaixo:

"...Foi 07 de Setembro que nós tava lutando nessa rua aqui..."⁹⁷

"...eu estava aqui na Cabana desde o começo que foi no dia 07 de Setembro de 1963, foi o dia que iniciou, era num domingo. Eu morava no bairro das industria e fiquei sabendo que tava começando a invadir aqui e chamei o cumpadre e falei: Vamo Lá! E ele falou: Vamo. Viemo pra cá sem nenhum canivete e num instante eu tava com um machado"⁹⁸

⁹⁷ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

⁹⁸ Divino Machado Ferreira, depoimento citado.

“...A invasão foi em 63, 07 de setembro de 63, que deu a invasão aqui pelo pessoal e foi marcado uma missa campal. Foi marcado uma missa campal em 03 lugares, aqui, uma na favela padre Alípio e outra na Nova Cintra e as pessoas participantes desse movimento, dessa missa campal, que era para todas as pessoas que participasse dessa missa trouxesse foice e machado, que depois da missa eles teriam uma surpresa que eles num tava sabendo e começou após essa missa a derrubada do eucalipto que dava da Amazonas até a margem da linha de ferro lá no Nova Cintra e isso se deu no 07 de Setembro de 1963...”⁹⁹

Devido à repressão dos órgãos responsáveis pela Segurança Pública a derrubada dos eucaliptos e a construção dos barracos era feita geralmente à noite, havendo a participação de homens, mulheres e até crianças.

A participação das mulheres no processo de ocupação da favela Cabana do Pai Tomás merece ser destacada. Elas atuavam na linha de frente do movimento, derrubando eucaliptos, enfrentando os policiais nas lutas de reivindicação, construindo tijolos de adobe, carregando água para os maridos fazerem os tijolos de adobe, buscando materiais de construção, abrindo ruas na favela, além de cuidar das crianças:

“... eu participei e era na base do machado, era só machado. Serra num tinha. Polícia num dava sossego ...”¹⁰⁰

“... a gente buscava ... eu pelo menos buscava material do outro lado da Amazonas e então a gente tinha que vim pelo meio da favela afora, que num podia passar na rua que ficava puliccia lá em baixo e em cá em cima e então a gente atravessava depressa para ele num ver, que se eles visse, eles vinha e embargava mesmo ...”¹⁰¹

“... é porque os home ficava com medo da policia prende né, então o único home que entrou na época lá (da derrubada da cerca) e eles até quisero prender foi o meu cunhado que morreu, mas nós mandamo sair fora porque se a policia viesse, as mulher era mais difícil de prender né ... foi nessa época que a Zulva, foi a Maria Magrela que a gente chamava, foi uma turma de mulher, foi umas 45 por aí que abrimo o quintal do Severo lá e fizemo a rua, ele veio e xingou e nós falamo com ele que nós queria abrir para beneficiar todo mundo ...”¹⁰²

“... Eu participei sabe, derrubando eucalipto, derrubei eucalipto demais ... quando num tinha luz aqui, a CEMIG alegava que a rua num tinha saída ... foi num 07 de Setembro, o pessoal tava lá envolvido lá, os policia tava envolvido e aí nós tinha combinado que só as mulheres que abriu lá a cerca ... aquele tanto de

⁹⁹ José Alves Garcia – Sargento Garcia -, entrevista concedida ao autor 17/11/01.

¹⁰⁰ Maria da Conceição – Maria Capeta – depoimento citado.

¹⁰¹ Juraci Esteves de Castro, depoimento citado.

¹⁰² Maria Sebastiana Elói Pinto – Dona Zica – depoimento citado.

*mulher com foice. enxada ... nós enfrentava a polícia, porque eles num ia bater em mulher né? É por isso que nós enfrentamos, eles num ia levar a gente presa ...*¹⁰³

A “luta” das mulheres para construir os barracos é digna e merece destaque pelo trabalho realizado. A dramaticidade está presente nas lembranças: derrubar eucaliptos utilizando somente o machado como ferramenta, enfrentar a polícia, derrubar cercas. Essas mulheres faziam trabalhos que na verdade seria trabalho de homem. Estrategicamente elas faziam esse trabalho. Usando a expressão da Dona Zúlvia Pereira,

*“...eles num ia bater em mulher né? É por isso que nós enfrentamos, eles num ia levar a gente presa...”*¹⁰⁴

Essa relação da polícia com os moradores tornou – se uma relação de “amor e ódio”, pois ao mesmo tempo que o policial era considerado algoz por não deixar construir os barracos, em alguns momentos ele se tornava “bonzinho” a ponto de passar nos barracos que estavam sendo construídos para “tomar um cafezinho”. Era uma relação ambígua, pois na realidade os policiais não deveriam sair pelos barracos “tomando cafezinho”, não era para executar tal “função” que estavam lá e sim para coibir a construção dos barracos.

A relação entre a polícia e os moradores nem sempre era amistosa, havendo reclamações por parte destes contra atos de arbitrariedade cometidos por alguns membros da polícia que os agrediam, faziam diversas ameaças e derrubavam os barracos e tomavam atitudes contestadas pelos moradores.

Os moradores lembram como era essa relação:

*“... Ué, era muito bom, só não deixava construir casa ... teve um dia que teve um moço tentado levantar umas parede lá pro moço e veio a polícia e falou com ele assim: Sê desse daí, senão eu te atiro; dando um pulo para trás. Eu vim isso e como era muito atrevida, toda vida fui ... eu falei com eles assim: Uai, seu guarda! Se o senhor ta falando e o menino ta descendo, agora porque o senhor vai matar ele? Ai ele falou: Num conversa muito não, senão eu te atiro. Então eu falei: Uai, então ocê vai atira agora!”*¹⁰⁵

“ ... eu tava com machado e cortando um pau e ai chegou um policial e falou para mim parar. E eu peguei e falei com ele que não ia desobedecer a ordem dele, mas não ia parar e eu tem necessidade e ele disse para mim não. Ele saiu e foi lá e trouxe mais um companheiro e mais soldado, ai eu falei para ele assim: Uma coisa eu vou falar proceis. Se ocês veio faze eu parar, eu não vou parar não, porque eu

¹⁰³ Zúlvia Pereira Dobrowosky, 66 anos, entrevista concedida ao autor em 17/01/01

¹⁰⁴ Zúlvia Pereira Dobrowosky, depoimento citado.

¹⁰⁵ Rosalina Silva, – Rosa –, depoimento citado.

tenho minhas necessidade. Eu abri o macacão assim, desabotoei e falei com eles se eles quisesse atirar, ocois ta armado e eu não tenho arma, eu sou tenho esse machado, mas eu não vou contra vocês, porque vocês são autoridade. Então eles disse: quando você ver nós, ocê para, quando nós for embora ocê recomeça, é questão de ordem ... aí quando ele falei com eles que ia respeita a opinião deles ... aí quando eles vinha eu chamava eles e dei um golo de café e eles foro embora”¹⁰⁶

“Olha, a relação da policia com o pessoal era até boa ...”¹⁰⁷

“ ... o policiamento começou a fazer muitas covardia com as pessoas aí, fazia covardia .Aqui tinha um tal de Miranda, tinha um tal de Juventino ... esse Miranda acho que ele foi lá para Governador Valadares e lá eles mataram ele ... achou que poderia fazer a mesma coisa ... Ah, batiam, batia e fazia o camarada carregar água , porque nesse buraco onde é o Fundo da Colina, esse buracão , ali tinha uma mina lá em baixo, eles fazia a pessoa pegar água lá em baixo, vinha com todo sacrificio e quando o cara chegava aqui em cima, eles jogava água no cara ou jogava a água fora, na rua ... e se não fizesse, o cassete comia ...”¹⁰⁸

“... passava por cima com cavalo, que usava mais antigamente era a cavalaria. Quando falava que a cavalaria tava vindo, podia corre todo mundo, que aí era problema ...”¹⁰⁹

“... Moço, no inicio da favela mesmo, eles era bruto demais, mas depois foi ambientando...”¹¹⁰

“... tinha que construir era a noite, mas tem um soldado que ele era baão de demais e ele deixava esse soldado tomando conta e ele era muito bonzinho e ainda iluminava com a lanterna pra nós construir a noite, sabe?”¹¹¹

“... Eles (os policiais), não fazia nada comigo ... teve um dia que eles queria até dar uma marmita de comida deles para os meninos, e os meninos num queria comer de jeito nenhum (rindo) e falava que num queria não, que num queria comida não, que num tava com fome não ... só Deus é quem sabe ... e eles num quis a marmita de comida, eles pelejou com eles pra tomar a marmita e eles num podia ficar ali sem susto ...”¹¹²

Nas lembranças dos moradores percebe - se a ambigüidade na relação existente entre os policiais e os moradores, numa relação de hostilidade e cumplicidade, ao mesmo em que eles ameaçam atirar, afirmavam que eles poderiam continuar a construção dos barracos

¹⁰⁶ Geracino França Pinto, depoimento citado.

¹⁰⁷ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

¹⁰⁸ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

¹⁰⁹ José Leônidas Resende - Zezinho -, depoimento citado.

¹¹⁰ José Leônidas Resende - Zezinho-, depoimento citado.

¹¹¹ Juraci Esteves de Castro, depoimento citado.

¹¹² Maria da Conceição Costa, 87 anos, entrevista concedida ao autor em 07/07/01

assim que fossem embora; afirmam ainda que a atitude deles é uma questão de ordem. Assim, quando chegassem era para parar a construção do barraco e quando fossem embora poderiam continuar. Tinham a função de reprimir mas ofereciam “comida de marmita” para “matar” a fome das crianças.

A relação de hostilidade é demonstrada nas atitudes dos policiais: passar por cima com cavalo, utilizar a coerção física, ameaçar de derrubar os barracos.

“Por conta da terra”, título da reportagem publicada no *Jornal Diário de Minas*:



“ A favela que está perto do bairro das industrias, ao longo da avenida Amazonas, cresceu menos ontem porque o dia foi quente e faltou água na área que estava sendo invadida pelos posseiros. Muitos cansaram cedo e preferiram deitar sob as choupanas de folhas de eucaliptos e trapos de pano, do que continuar a construção dos barracos feitos de adobe, terra batida e pau a pique. Os soldados da PM que continuam na área tomaram café ontem cedo com dos favelados porque seu almoço só chegou às 16 horas.”

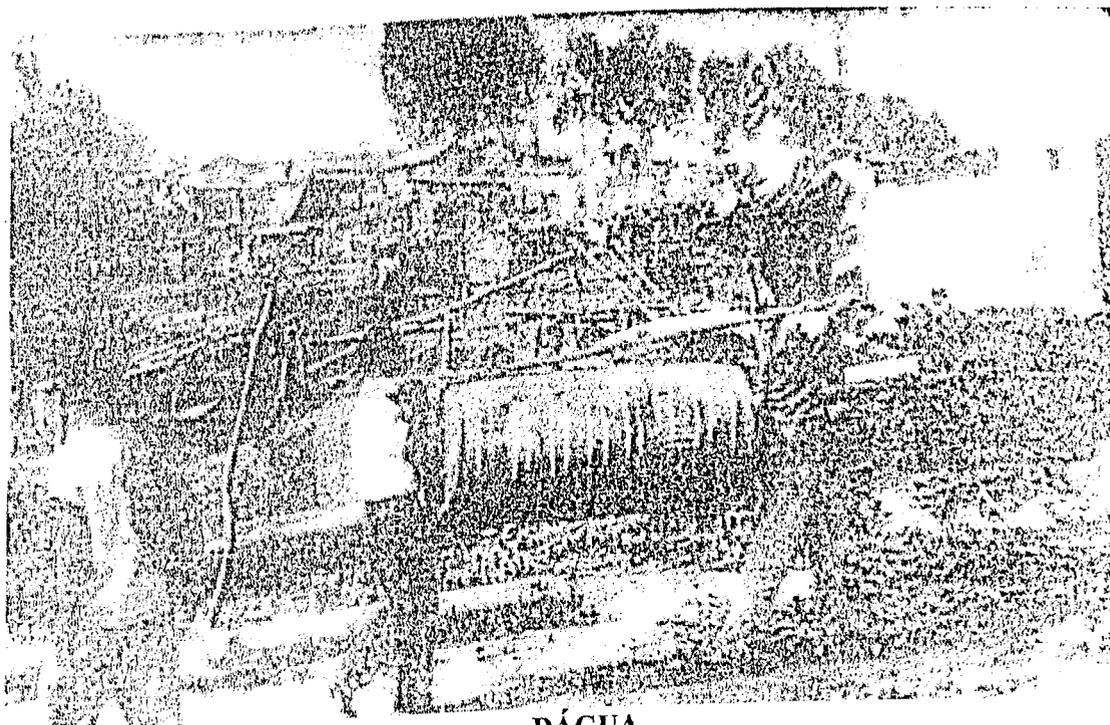
(Jornal Diário de Minas, 11/09/63)

A reportagem mostra mais uma vez a relação de cumplicidade e hostilidade existente entre os moradores e a Polícia Militar ao afirmar que os soldados que faziam a segurança da área e tinham a função de coibir as ocupações estavam descumprindo as funções ao tomar café com os moradores.

A foto chama a atenção também pelo fato de mostrar a presença de crianças tomando conta da terra e dos barracos construídos que, de acordo com a reportagem eram feitos com folhas de eucaliptos, tijolos de adobe, sobre a terra batida.

Também uma outra reportagem publicada pelo Jornal *Diário de Minas*, no dia 12/09/63, reforça essa relação de hostilidade e cumplicidade entre os moradores e a Polícia Militar:

“FAVELA CRESCEU MENOS COM SOL QUENTE E FALTA



DÁGUA

O sol quente e falta d'água impediram ontem, que 600 famílias de favelados – posseiros ocupassem toda a área de um milhão de metros quadrados de um eucaliptal ao longo da avenida Amazonas.

... Quarenta Cavalariados da PM dormiram na última noite na área que vem sendo ocupada e ontem à tarde ganharam pão com café dos favelados – posseiros, porque o almoço só foi servido às 16 horas.

A missão dos soldados da Cavalaria é unicamente impedir a saída por caminhões de toras de eucaliptos e evitar em choque com os invasores.”
(Jornal *Diário de Minas*, 12/09/63)

Novamente essa relação de hostilidade e cumplicidade entre os moradores e os policiais surge quando estes passavam a noite inteira na favela e se alimentavam - se de pão e café servidos pelos moradores. A reportagem chama a atenção também, pela denominação utilizada para se referir aos moradores: “favelados – posseiros”.

Afirma ainda, qual a função dos policiais na área: impedir a saída de caminhões ou carroças com toras de eucaliptos. Uma outra relação de cumplicidade destaca - se na reportagem: a afirmação de que os militares tinham a função de não entrar em choque com os moradores.

Em outras favelas também havia denúncias de arbitrariedades cometidas por policiais. O suplemento “O Barraco” - órgão de comunicação da Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte, que circulava junto ao Jornal *Binômio* na sua edição do dia 07 de outubro de 1963 publicava a seguinte matéria:

“FAVELA INCONFIDÊNCIA: HAVERÁ PASSEATAS SE NÃO PARAREM AS VIOLÊNCIAS DA POLÍCIA MILITAR
O cabo da PM José Gregório agrediu a senhorita Jandira, filha do companheiro Sebastião da Silva Pontes, da favela Tôrres da Inconfidência - foi preso e ameaçou de morte outros moradores, razão pela qual uma grande comissão desceu até o Palácio da Liberdade e Secretaria do Trabalho. O sr. Fernando Tupinambá, oficial do gabinete do sr. Magalhães Pinto, prometeu tomar providências enérgicas para evitar a repetição das agressões por elementos da PM. O companheiro Geraldo Alves do Nascimento, presidente da UDC, disse que, se prosseguirem as violências, os moradores da favela descirão em passeata, para o que já conseguiu, de antemão, apoio de outras favelas”.

(Jornal *Binômio*, 07/10/63)

Essas lembranças, carregadas primeiramente do sentimento de rancor, raiva e revolta em relação às atitudes tomadas pelos policiais, são lembranças que o tempo não apaga e que estão conservadas para sempre na memória dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás.

De acordo com BERGSON,

a lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnatura - la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data (BERGSON;1999:91).

MÁRCIA D'ALÉSSIO, baseada nos pensamentos de HALBWACHS, afirma que

A memória é a história viva e permanece no tempo, renovando – se. A história viva é, assim o lugar de permanência e nela o desaparecimento das criações grupais é apenas uma aparência. A memória é a possibilidade de re colocação das situações escondidas que residem na sociedade profunda (“províncias um pouco afastadas”), e na sensibilidade (“expressão dos rostos”) (D'ALÉSSIO,1993:98).

E esta história viva está presente até hoje na lembrança dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás quando estes se referem à presença do policiamento no meio da favela. As primeiras lembranças dos moradores referem-se às arbitrariedades cometidas pelos policiais, à derrubada dos barracos, à tentativa de impedir a construção. Depois é que vão aparecendo as outras relações com os policiais:

“... Ai eu disse, tudo bem, eu vou respeitar a opinião de vocês. Quando eles vinha, eu parava, quando eles ia embora eu continuava ... assim eles disse para mim. Ai eu chamei eles e dei um golo de café ... a gente tava morando numa barraca de pau né. A barraca era de pau, de lata né, mas a gente tinha um cafezinho né, eu trabalhava e ai eu dei eles um café e eles foro embora e a gente continuou aquela luta...”¹¹³

“... Deixa eu te falar, policia para trapalhar, num tinha. Porque eu acho assim, policia num trapalhava e também num dava aquela oportunidade a gente não, que eles achava que nós tava errado, a policia ... eu acho assim: Que a policia num apóia as cosia errada, ta entendendo? Eles apóia as coisa certo, nós é que fomo muito peitudo, que nós precisava, conforme precisamos até hoje em cia, nós precisamos ...”¹¹⁴

O comandante do Policiamento que atuava diretamente na favela Cabana do Pai Tomás, Eustáquio Murilo da Silva, e que sofreu inclusive, ameaça de morte por parte de um grupo de moradores que pediam sua saída, afirma numa só palavra como era a relação com a população:

“Ótima!”¹¹⁵

A declaração do comandante Eustáquio Murilo reforça a relação de hostilidade e cumplicidade existente entre os moradores e a polícia. O comandante sendo a maior autoridade constituída naquele momento na favela, lembra que a relação com os moradores

¹¹³ Geracino França Pinto, depoimento citado.

¹¹⁴ Afonso José de Oliveira, depoimento citado.

¹¹⁵ Eustáquio Murilo da Silva, depoimento citado

era ótima. Para ele a função da Polícia Militar na área seria uma função mais social, de ajudar aos moradores, e não a função de repressão.

Sua afirmação é baseada na relação com os moradores, como lembra:

“ eu tinha que dar a solução pra coisa né e então buscar a parte social da coisa né, deixava lá no próprio destacamento a pessoa, conversava com ela e então eu fui lá e tentava resolver, era sempre o problema de um entrando no lugar do outro, um pegando a comida do outro, um desrespeitando a família do outro e aquela coisa toda...”¹¹⁶

Uma outra relação de hostilidade e cumplicidade existente entre os moradores e os policiais surge quando os policiais que tinham a função de reprimir o movimento de ocupação, ajudavam os moradores com alimentos, assistência médica, colchões:

“ ... Eu ajudava sim, como por exemplo, alimentação e então eu tinha a missão de distribuir para os elementos, eu tinha que providenciar assistência médica que era pura miséria lá, sem nenhum recurso, às vezes tinha que levar pessoas enfermas na própria viatura da Polícia Militar e até no meio carro mesmo...”¹¹⁷

“ ... do exército veio colchão, veio alimentação, feijão, arroz, essas coisa tudo ...”¹¹⁸

Os moradores lembram das relações existentes com a polícia, porque viveram e presenciaram aquele momento. MÁRCIA D'ALÉSSIO afirma que

as situações vividas só se transformam em memória se aquele que se lembra sentir – se afetivamente ligado ao grupo ao qual pertenceu. Aliás, ao qual pertence, pois só se continua afetivamente a fazer parte dele no presente (D'ALÉSSIO;1993:98).

E essa relação existente entre os policiais e os moradores da favela foi transformada em memória pelas atitudes tomadas pelos policiais e pela situação em que estavam vivendo esses moradores.

As lembranças das relações com os policiais estão e estarão sempre presentes na memória dos moradores da favela, pois para eles o passado sempre se torna presente, quando tais lembranças são evocadas. MÁRCIA D'ALÉSSIO, citando PIERRE NORA afirma que:

¹¹⁶ Eustáquio Murilo da Silva, depoimento citado.

¹¹⁷ Eustáquio Murilo da Silva, depoimento citado.

¹¹⁸ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

*para as lembranças não há diferença entre passado e presente. Por ser vivida, a memória é um fenômeno sempre atual*¹¹⁹. (D'ALÉSSIO;1993:101).

A polícia, naquela época não tinha condições de inibir ou tentar impedir a derrubada dos eucaliptos e a construção dos barracos na favela. Um dos motivos era a falta de policiais para cumprir as ordens. Um outro motivo alegado era que naquele momento aconteciam diversas invasões em Belo Horizonte os policiais eram removidos de uma favela para outra.

O morador José Alves Garcia, mais conhecido como Sargento Garcia, que na época era militar, chegou inclusive a trabalhar na favela, tem a seguinte lembrança:

“... na ocasião, eu servia no 5º Batalhão, era militar, trabalhava e inclusive eu saí na primeira remessa de policiais que veio dar cobertura, eu saí e trabalhei aqui incansavelmente na proibição de construção. Num podia construir e eles construía aqui a maior parte, 90%, eles construía era à noite e não tinha como ocê coibir, o número de policiais era resumido, num tinha como e quando ocê tava proibindo aqui na entrada, na baixada da avenida Amazonas, eles tava construído lá em cima, porque os policiais era pouco e era muita gente e então não tinha como e acabou que a maior força das construção era feito a noite e quando o dia amanhecia ocê via duas, três, deiz, vinte casa amanhecia pronta e num tinha como coibir ...”¹²⁰

Encontramos aqui outras lembranças diferentes dos outros moradores da favela. José Alves Garcia reside na favela desde outubro de 1964 e, no princípio da ocupação, trabalhava impedindo a derrubada dos eucaliptos e a construção dos barracos. A sua mudança para a favela foi ocasionada dos altos preços dos aluguéis cobrados naquele momento em Belo Horizonte. De opressor ele se tornou favelado e por ser um policial militar que no princípio da ocupação coibia a construção dos barracos, tornou –se praticamente impossível sair fardado no meio dos moradores, uma vez que naquele momento existia uma revolta muito grande dos moradores para com as autoridades policiais. Assim, ao mesmo tempo ele se tornou sujeito e objeto da repressão. O princípio da convivência é lembrado da seguinte maneira por ele:

“... na época eu não podia sair fardado, porque eu tava morando no meio deles aqui, eu ficava proibindo eles e no entanto tava aqui, morando no meio deles ... futuramente eles podia ver, mas ai já tinha passado o perigo, porque naquele momento eles tava revoltado com a polícia .. eu tava tranquilo, saía de madrugada e chegava de madrugada na minha xôxa né ...”¹²¹

¹¹⁹ Pierre Nora, em D'ALÉSSIO, Márcia. op.cit.

¹²⁰ José Alves Garcia – Sargento Garcia – depoimento citado.

¹²¹ José Alves Garcia – Sargento Garcia – depoimento citado.

Nas lembranças do Sargento Garcia aparecem as contradições provocadas, principalmente, pela questão econômica. Para não pagar o aluguel, ele se vê obrigado a conviver com um grupo de pessoas que praticava atos que eram reprimidos pela polícia. As justificativas das pessoas também eram iguais às suas: não tinham condições de pagar aluguel e não tinham onde morar.

Além da coação das autoridades policiais, os moradores da favela eram também pressionados por seguranças ou “capangas”¹²² como eram mais conhecidos os homens contratados pelo empresário Antônio Luciano Pereira Filho, se retirarem das terras que supostamente pertenciam ao empresário.

Alguns dos “capangas” contratados eram policiais, como lembra o capitão Eustáquio Murilo da Silva:

“ O Luciano também criou o seu mini – exército, o seu time de briga e então o cara ia lá e dava o couro, o quando entrava nos eucaliptos do Luciano, no terreno, ele tinha e conseguia através de sua importância e talvez através de dinheiro também, ele alguns policiais, particularmente fazia parte do time. Conheci alguns, mas não vou falar o nome né? E a influência do DOPS e de outro lugar par deslocar elementos que estavam invadindo as terras dele e tudo né, porque ele tinha muito terreno, dizia ele que todo lugar que tinha eucalipto era do Luciano ”¹²³

A presença dos “capangas”, é lembrada da seguinte maneira pelos moradores:

“... só vir falar dos capanga dele (Antônio Luciano), que vinha aí encher o saco na época, as vez eles vinha com uma ordem aí, igual eles chegava, era uns cara autoritário pra dana né, chegava e mandava pra dana né ... era uns cara aborrecido, ele (Antônio Luciano), tinha um poder danado ”¹²⁴

“ ... os cara era mandado pelo Luciano, que o Luciano fazia pressão em cima ... esse terreno aqui que diz pertence ao Luciano. Num sei era era tudo ou uma parte e ele era um deputado federal e plantou eucaliptos aqui, como nós estávamos invadindo, ele fazia pressão em cima do povo. Essa pressão durou muito tempo, mesmo depois de organizado durou essa pressão em cima da gente e vai o pessoal já ficava assim assustado com medo de despejado de qualquer maneira, ou na marra, ou espancado ... Não a gente nem conhecia o Luciano. Só via falar dele ... via pela televisão ... ele tinha as pessoas que mandava vim entrevistar o povo, ver, fazer pressão né ”¹²⁵

¹²² Pessoas que se são contratadas para fazerem segurança e proteção, recebendo para isso um salário.

¹²³ Eustáquio Murilo da Silva, depoimento citado.

¹²⁴ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

¹²⁵ Geracino França Pinto, depoimento citado.

“ Não, o Luciano quase não vinha aqui, mais era pelos empregado dele que ele comunicava aqui, vim aqui era muito difícil. O Luciano era muito rico, ele era rico toda vida. Agora, os empregado dele é que num saiba agir, eles era muito valentão e eu achava aquilo muito errado, eles andava tudo armado, tinha hora que tava no mato sozinho e pra que andar armado? Eles andava armado para lá e pra cá ... ”¹²⁶

“ ... nós enfrentamos tudo, os bilhetes dos pistoleiros do Antônio Luciano... ”¹²⁷

Os bilhetes entregues pelos “capangas” do empresário Antônio Luciano Pereira Filho continham ameaças de desapropriação da área ocupada, além de ameaças físicas aos moradores. Apesar das tentativas feitas no sentido de retirar e amedrontar os moradores da favela, as ameaças tiveram praticamente um efeito contrário, pois serviu para unir a comunidade num mesmo objetivo, que era a luta pela posse da área.

Os moradores muitas vezes, se organizavam para o confronto com os “capangas” de Antônio Luciano, como lembra o Sr. Geracino França Pinto:

“Quando as coisa piorava para o nosso lado, nós reunia todo mundo, fazia reuniões, discutia as situações do povo que era ruim demais né, e quando precisava sair, sair sozinho nós tinha medo e em grupo ficava mais difícil de ser atingido né e então formava um grupo grade de dez, doze homens, tinha vez que tinha até vinte homens. Tinha dia que eu vinha do serviço com a marmita e parava lá embaixo e eles falava assim ó: Pode parar por aí e pega um pedaço de pau, porque a coisa hoje ta ruim. Eu jogava a marmita numa moita lá e ia lá no mato e pegava um pedaço de pau.. ”¹²⁸

Diante dos fatos ocorridos, a imagem que os moradores construíram do empresário Antônio Luciano Pereira Filho era a de “um sujeito rico”¹²⁹ a de seus “capangas”, era de “uns cara aborrecido”¹³⁰ e “muito valentão”¹³¹.

A derrubada dos eucaliptos é lembrada por todos os moradores porque ela representa, de fato, um marco na vida da comunidade, dando início ao processo de ocupação daquela que viria a ser uma das maiores favelas de Belo Horizonte. Esse marco inicial é lembrado por aqueles que participaram:

¹²⁶ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

¹²⁷ Vicente Gonçalves – Vicentão -, depoimento citado.

¹²⁸ Geracino França Pinto, depoimento citado.

¹²⁹ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

¹³⁰ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

¹³¹ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

“... Eu fui derruba um eucalipto, um calipão danado, marrei uma corda, pra ver se ele caía e eu num vim que tinha uma casinha perdida no meio do eucaliptal, aí na hora que eu cortei a coisa, deu um vento e num guntei segurar a corda e o pau caiu em cima da casa que partiu ela no meio certinho...”¹³²

“... o pessoal começou a derrubar os eucaliptos... a gente não participou assim da derrubada não, a gente entrou apoiando, não tendo muita ferramenta e quem pegasse na ferramenta tinha que assumir mesmo e como a gente era empregado, a gente num podia ficar dando boqueira não...”¹³³

“...os eucaliptos só podia cortar a noite por causa da polícia, os eucalipto que cortava ocê não podia mexer não, mas à noite era igualzinho rato, a polícia num dava conta não, arrastava eucalipto prum lado, pro outro...”¹³⁴

“... eu derrubava os eucaliptos era na base do machado e eu não vou te contar quantos eucaliptos que eu derrubava por dia, porque aqui nós e eu derrubava muito eucaliptal e quando eu via que o negócio tava muito perigoso, às vez conforme era o tamanho do eucalipto eu subia naquela árvore e desgaivava ela lá de cima pra baixo, sabe com é né?Pra num ter perigo nenhum... eu o negócio aqui era feito de dia e de noite, era machado, foice, facão veio, era mulher, era menino, era todo mundo derrubando aqui para arranjar um pedaço de terra, pra puder fazer sua casinha, pra fugir do aluguel...”¹³⁵

“... derrubei e desde as primeiras horas de vida da Cabana é que nós tamo aqui, derrubando eucalipto de tudo...”¹³⁶

“... eu participei e era na base do machado, era só machado. Serra num tinha...”¹³⁷

“... de noite aqui, ocê só escutava machado, pá,pá (fazendo barulho com a boca que imitava o corte do machado), batendo, derrubando eucalipto, os eucalipto caindo e isso era a noite inteira...”¹³⁸

“... a gente tinha que fazer a derrubada daquele eucalipto que num dava oportunidade que além de muito grande, era muito perto um do outro, era uma mata realmente de eucalipto e coisa muito grossa e aquelas torona que o machado custou a cortar, é custou a cortar, eu pelos menos num sei onde foi, mais uns 02 ou 03 machados meus conseguiu desaparecer daqui...”¹³⁹

¹³² Rosalina Silva – Rosa – depoimento citado.

¹³³ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

¹³⁴ José Leônidas Resende – Zezinho – depoimento citado.

¹³⁵ Afonso José de Oliveira, depoimento citado.

¹³⁶ Divino Machado Ferreira, depoimento citado.

¹³⁷ Maria da Conceição – Maria Capeta – depoimento citado.

¹³⁸ Juraci Esteves de Castro, depoimento citado.

¹³⁹ Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

Quando o morador Raimundo Apolinário da Silva afirma que “*quem pegasse as ferramenta tinha que assumir mesmo*”, demonstra o momento político pelo qual estava passando o país, onde estar ligado a esses movimentos contestatórios era sinal que poderia perder o emprego. No caso específico do Sr. Raimundo Apolinário, ele lembra que trabalhava na cidade de João Monlevade e perdeu o emprego por ser sindicalizado:

*“nessa época, quem era sindicalizado, tava avoando mesmo ... eu conversei com os cara lá e ele falou que todo mundo que é empregado da companhia e participa de movimento, vai ser mandado embora. Ai a gente deu pra perceber que a coisa tava complicando.”*¹⁴⁰

O prefeito de Belo Horizonte na época da ocupação da favela Cabana do Pai Tomás, Jorge Carone Filho, 80 anos, lembra o que aconteceu não pode ser chamado de invasão ou ocupação, pois a prefeitura doava os terrenos para serem construídos os barracos:

*“... No meu tempo não havia invasão e nem ocupação, porque eu dava os terrenos, cê entendeu? Eu dava os terrenos, quer dizer, a prefeitura desapropriou essas áreas, quer dizer, ninguém precisava invadir não, era só ir no Departamento de Habitação Popular e requerer o lote, certo?”*¹⁴¹

Sobre o corte dos eucaliptos, o ex - prefeito lembra que foi na sua época, sendo também uma “coisa espontânea”:

“...Eles cortaram os eucaliptos foi na minha época, não foi em 63? E não teve invasão, porque a invasão era autorizada pela prefeitura, teve foi ocupação. ...Eu dei o sinal e eles cortaram e foi um negócio espontâneo. Eu cheguei e eles tavam lá espremido na cerca do lado de baixo e policia aqui certo? E eu fui subindo no morro desde lá de baixo da Cabana e quando chegou mais ou menos uns 200 metros, pedi pra trazer o lider que eu precisava conversar e fiz assim oh (fazendo gesto com as mãos),arranjei 200 machados e mandei eles mandar brasa
...¹⁴²

A conclusão sobre os acontecimentos na favela Cabana do Pai Tomás, se foi invasão como afirmam os moradores ou uma “coisa espontânea” como diz o prefeito Jorge Carone Filho, é que o movimento foi uma “ocupação consentida”. *Consentida* pelo prefeito que estava cumprindo uma promessa de campanha. *Consentida* também pelo próprio deputado Federal empresário Antônio Luciano Pereira Filho que ao doar 40 casas na rua

¹⁴⁰ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

¹⁴¹ Jorge Carone Filho, depoimento citado.

¹⁴² Jorge Carone Filho, depoimento citado.

Independência, deveria imaginar que ele mesmo estaria dando um sinal para que outras famílias que não foram agraciadas com a doação dos lotes, ocupassem também a área.

Considerando – se o momento político por que passava o país, principalmente em relação ao problema da habitação, uma questão se impõe: será que a população que estava necessitada de casas para morar, ficariam de braços cruzados, vendo uma imensa área de eucalipto sendo derrubada para construir apenas 40 casas?

A postura dos órgãos responsáveis pela Segurança Pública, demonstra essa “*ocupação consentida*”, quando o comandante do exército dava entrevistas pela imprensa afirmando que o exército só interveria na questão quando fosse chamado de fato a participar.

A própria posição assumida pela secretária da Justiça reforça a idéia da “*ocupação consentida*”, que procurava fazer negociações com as famílias que invadiram as diversas áreas plantadas de eucaliptos, intermediando a troca da área anteriormente ocupada pelos invasores na BR-31 pela construção das 40 casas na área que seria denominada favela Cabana do Pai Tomás.

À “*ocupação consentida*” por parte das autoridades acrescenta – se ainda as reuniões feitas entre o Secretário do Trabalho e o Delegado do DOPS para que pensassem juntos medidas a serem tomadas no intuito de evitar a presença das forças federais, além da participação da Polícia Militar, que a todo momento estava na favela, e era consideradas por muitos moradores como “*policiais bonzinhos*”. No entanto, o deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, afirmava em carta aberta à população que as autoridades policiais não estavam dando a devida atenção ao caso.

Para a questão da “*ocupação consentida*” por parte da Polícia Militar, o morador Liberato Antônio Vieira ressalta que esta também tinha interesse na derrubada dos eucaliptos, pois os mesmos serviam de esconderijo para marginais. A derrubada desses eucaliptos facilitaria a atuação policial:

“... a policia achou bom os favelados ter entrado aqui pra Cabana, porque isso aqui era esconderijo de marginais e que se fazia coisa errada, roubo, ou coisa assim, eles corria para cá e as vez entrava pro mato aí de eucalipto velho desses e policial nenhum entrava atrás dele pra procurar e então a policia achou bom,

*porque falou que o povo vai acabar derrubando aqueles esconderijo de marginal, entendeu?*¹⁴³

A todas essas questões referentes à *ocupação consentida*, acrescenta – se as relações de hostilidade e cumplicidade existentes entre polícia e os moradores, pois aquela que tinha a função de não permitir a ocupação, auxiliavam os moradores na construção dos barracos.

A derrubada dos eucaliptos e a conseqüente ocupação, no caso específico da favela Cabana do Pai Tomás, foi uma resposta à falta de moradia para a população mais carente, aos altos preços dos aluguéis e à carência de políticas públicas que, de fato, viessem solucionar os problemas habitacionais que aconteciam em Belo Horizonte.

A falta da moradia despertou nos moradores a necessidade de se organizarem, de se unirem para garantir esse direito. Para HENRI LEFEBVRE,

o direito à moradia aflora na consciência social. Ele se faz reconhecer de fato na indignação provocada pelos casos dramáticos, no descontentamento engendrado pela crise. Entretanto, não é reconhecido formal e praticamente, a não ser como um apêndice dos “direitos do homem”. (LEFEBVRE, 1991:19).

Faz parte da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão “viver dignamente”; e viver dignamente no caso específico dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás é ter o direito à habitação. Também na Constituição Brasileira consta o direito à moradia, juntamente com outros direitos sociais como o direito à educação e a saúde.

A derrubada dos eucaliptos e a construção dos primeiros barracos representava um marco na vida dos moradores na medida em que eles se organizavam para enfrentar a resistência do empresário Antônio Luciano Pereira Filho. Cada barraco construído representava uma vitória para os moradores, sendo comemorada por todos, pois estavam suportando a pressão das autoridades policiais e do suposto dono das terras. Sobre tal questão, Sr. Geracino França Pinto, lembra :

“ ... quando era de noite, nós reunia, porque a pressão era muito grande, a pressão era para não deixar ficar o pessoal que necessitava daquilo, a pressão era de não deixar ficar mesmo e o Magalhães Pinto não mandou atirar em nada, mas mandou a polícia para amedrontar para que a gente com medo da polícia não

¹⁴³ Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

*construía e nós foi tentando ... quando foi chegando a certo ponto a população foi aumentando, eles viro que num adiantava mais ...*¹⁴⁴

Continuando suas lembranças, Sr. Geracino afirma:

*“ ... Quando as coisa piorava para o nosso lado, nós reunia todo mundo, fazia reuniões, discutia as situações do povo que era ruim demais né, e quando precisava de sair, saía era em grupo. nós tinha medo e em grupo ficava mais difícil de ser atingido né, então formava um grupo grande de dez, doze homens, tinha vez que tinha até vinte homens ... tinha dia que eu vinha do serviços com a marmita e parava lá lá embaixo e eles falava assim oh: Pode parar por aí e pega um pedaço de pau, porque a coisa hoje tá ruim. Eu jogava a marmita numa moita e ia lá no mato e pegava um pedaço de pau ... porque as coisa tava ruim? É porque os outro vinha para atacar nós, querendo que nós saísse de qualquer maneira, nós juntava aquele pelotão de homem para defender...”*¹⁴⁵

Percebe-se, nas lembranças do Sr. Geracino, como os moradores da favela Cabana do Pai Tomás se organizaram para defender a área ocupada. O medo só poderia ser superado se estivessem em grupo. Para tanto, havia a necessidade de se reunirem, de discutirem as situações pelas quais estavam passando e na necessidade de se organizarem.

Para Edson de Oliveira Fantini, denunciado pelos órgãos responsáveis pela Segurança Pública como o mentor intelectual da invasão¹⁴⁶, afirma que não houve no Brasil inteiro um movimento de ocupação igual ao da favela Cabana do Pai Tomás:

*“... cortamo os eucaliptos e invadimo e garantimo a posse do terreno para a população. Nós invadimos mesmo e então realmente no Brasil inteiro, acho que num teve um movimento igual a esse aí, eu desconheço qualquer lugar e hoje todo mundo tá na posse do terreno...”*¹⁴⁷

Edson Fantini lembra que, na favela Cabana do Pai Tomás, o movimento foi diferenciado porque lá houve o problema da reintegração de posse, o que serviu de estímulo para as outras ocupações. Aconteceu também a formação de lideranças e embates com a Polícia Militar:

¹⁴⁴ Geracino França Pinto, depoimento citado.

¹⁴⁵ Geracino França Pinto, depoimento citado.

¹⁴⁶ O estudante Edson Oliveira Fantini prestou grande contribuição aos movimentos de invasão de terrenos que estavam acontecendo em Belo Horizonte. Membro da União Operário Estudantil Camponesa. Respondeu pelo processo de nº 14/66 – oriundo de Belo Horizonte pela 4ª Região Militar, sendo encarregado pelo IPM, o delegado de polícia Raimundo Tomás.

¹⁴⁷ Edson de Oliveira Fantini, entrevista concedida ao autor em 02/09/01.

" A Cabana diferenciava que aí já teve o problema da reintegração de posse, as outras já tinham sido tomadas e houve o problema das lideranças, tavam lá, parece que era estímulo para outros lugares ... então houve um enfrentamento lá. Lá houve um enfrentamento e se eu ficasse lá, eles apontaram para atirar e iam atirar, eu ia ser morto, não tenho menor dívida."

O mês de agosto para os moradores da favela Cabana do Pai Tomás tem "sabor especial", carregado de importâncias e significados, pois é o momento de comemorarem a permanência no local. Esses moradores vivenciaram, presenciaram, sofreram, sentiram e comemoraram a cada instante, cada momento da derrubada que se tornou um marco na vida da comunidade. De acordo com HALBWACHS,

cada grupo se divide e restringe no tempo e no espaço. É no interior dessas sociedades que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais que mantêm por tempo a lembrança de acontecimentos que não tem importância senão para elas, mas que interessam tanto mais que seus membros são pouco numerosos (HALBWACHS, 1990: 79).

De acordo com os moradores, os primeiros barracos na favela Cabana do Pai Tomás foram feitos utilizando tijolos de adobe¹⁴⁸, feitos de barro e colocados para secar ao sol. Utilizavam ainda em alguns barracos os galhos mais fortes dos eucaliptos para fazer a cobertura e para servir de base de sustentação das paredes. Os barracos eram cobertos com folhas de alumínio e de zinco. Eram construídos geralmente no final do dia, adentrando pela madrugada, uma vez que a maioria dos homens trabalhava durante o dia e também devido à repressão das autoridades policiais:

"...meu primeiro barraco aqui foi um pedaço de adobe, um mucado de tijolo, fazia ele de manhã e no outro dia trabalhava com ele...para fazer os tijolo, eu pegava a terra, batia ela, colocava água, pisava. Pisava bastante e fazia aquela forma quadrada e enchia aquele barro bem duro, bem apertado, tirava e o tijolo sai inteirinho e já deixava no jeito de no outro dia empilhar ele, porque ela já tava sequinho e abrir terreno para fazer os outros..."¹⁴⁹

"... a gente tava morando numa barraca de pau né, a barraca era de pau, de alta...tampava com aqueles zinco veio por cima, era aquelas xoxa..."¹⁵⁰

¹⁴⁸ Praticamente todos os barracos no início da favela foram feitos dessa forma, sendo que ainda hoje encontra alguns barracos com paredes que possuem esses tijolos. O morador Divino Machado Ferreira preserva uma parede de tijolos construída dessa forma, pois para ele, toda vez que olha para os tijolos, vem a sua mente a lembrança das "lutas" acontecidas no início da ocupação.

¹⁴⁹ Divino Machado Ferreira, depoimento citado.

¹⁵⁰ Geracino França Pinto, depoimento citado.

“...Tinha um caxambeco que nós mesmo arrumava aí, que nós chamava de abrigo e coisa e tal, as vez arrumava uma lata velha ou um tambor desses grande aberto assim, arrumava pra cobrir um trem lá ou uma coisa de madeira daquele eucaliptal que nós armava um quadrado aí pra poder subir em cima e botava uma cama debaixo daquilo ...”¹⁵¹

“...o meu primeiro barraco foi feito de adobe, feito de adobe. O primeiro eu fiz de pau de eucalipto, morei quase 01 ano num barraquinho de eucalipto e depois eu fui fazendo adobe por aqui mesmo...”¹⁵²



(Jornal Diário de Minas, 25/08/63)

A Foto mostra a construção dos barracos utilizando os tijolos de adobe. Rosalina Silva – a Rosa – que possuía a fama entre moradores de fazer tijolos de adobe para vender, lembra como eram feitos esses tijolos:

“Pegava, massava o barro com o pé e tinha uma forma de dois furo, em cima moicava na areia, outra lavava com água e botava o barro. Socava e pegava ela assim (fazendo gestos com a mão, mostrando como ela virava a forma do tijolo) e o tijolo ficava lá no chão.”¹⁵³

¹⁵¹ Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

¹⁵² Antônio Gomes da Silva – Tonhão -, 68 anos, entrevista concedida ao autor em 09/06/01

¹⁵³ Rosalina Silva – dona Rosa -, depoimento citado.

Continuando suas lembranças, Rosa lembra que existiam na favela alguns barracos construídos com tijolos de adobe, confeccionados por ela, mas que hoje estão sendo destruídos:

“Nos aterros do Eupídio casa. eles derruba .fais casa e aquele material acaba jogando fora ...”¹⁵⁴

Rosa invadia as áreas, fazia os tijolos de adobe, construía os barracos e depois vendia. Na realidade ela também pode ser chamada de “tubarão de tamanco”, pois ela também se aproveitava financeiramente da ocupação. Na época, quando os moradores perdiam a área ocupada ou pretendiam mudar para uma área melhor, mais localizada no centro da favela, era só dar uma “gorjeta” que Rosa conseguia. Hoje, ela vive numa pequena área condenada pelas autoridades, em virtude de a mesma estar situada próxima a um barranco, correndo risco de desmoronamento.

Para não serem importunados pela polícia quando construía os barracos, alguns moradores utilizavam algumas “táticas”, como por exemplo: fazer as paredes de adobe debaixo da lona e retirá-la somente quando o barraco estivesse pronto. O Sr. José Leônidas Resende, o Zezinho, lembra que sua família também usou essa “tática”:

“...eu e minha irmã começamo a bater adobe né ... e fazia as parede debaixo de lona e ai quando ocê tirava a lona era só ocê por a madeira que era do próprio eucalipto do local e botar telha por cima e ta pronto o barraco. pra policia num vê, ocê fazia o alicerce, tudo debaixo das lona, quando ocê puxava a lona já era teia, já era o barraco pronto...”¹⁵⁵

A derrubada dos eucaliptos e a construção dos primeiros barracos, utilizando os tijolos de adobe e outros materiais, é mais significativa para aquelas pessoas que participaram do movimento ou estavam lá naqueles momentos. Assim, HALBWACHS, afirma

que todas as ações de um grupo podem se traduzir em termos espaciais e o lugar ocupado por ele e somente à reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos naquilo que havia nela de mais estável. (HALBAWACHS, 1990:133).

¹⁵⁴ Rosalina Silva – dona Rosa - , depoimento citado.

¹⁵⁵ José Leônidas Resende – Zezinho – depoimento citado.

A derrubada do imenso eucaliptal e a construção dos primeiros barracos foi um marco na história de Belo Horizonte; contou com a participação de seminaristas, estudantes e membros de grupos organizados, mas teve uma importância significativa maior para aquelas famílias que participaram do movimento de ocupação e estão até hoje residindo na favela.

Belo Horizonte, naquela época, passava por uma grave crise habitacional, ocorrendo a ocupação de diversas áreas e de diversos terrenos por aquelas famílias que necessitavam de uma área para morar.

Mas, para os moradores da favela Cabana do Pai Tomás, cada eucalipto derrubado por eles, cada barraco construído tem grande relevância, já que vivenciaram o momento e fizeram com que este acontecesse. A importância dada pelos moradores à derrubada dos eucaliptos e a construção dos primeiros barracos, praticamente, só têm valor para eles e para pessoas ou membros de associações e federações que participaram ativamente.

Para Vicente Gonçalves, mais conhecido como Vicentão, ex - líder da Federação dos Trabalhadores Favelados e que apoiou diretamente os moradores na derrubada dos eucaliptos e na construção dos barracos, hoje, quando ele passa perto da favela, tem vontade de morar, de possuir um barraco na favela. Não naquela época, porque morava na favela morro do Querosene, mas hoje, devido às lembranças que tem da favela nos seus primeiros momentos da ocupação:

"...Hoje eu tenho alguma vontade, mas naquela época não, porque eu já morava no Querosene..."¹⁵⁶

Ainda hoje, em algumas casas da favela, vêem - se paredes feitas com tijolos de adobe, para esses moradores é uma forma de recordar as dificuldades passadas, das lembranças dos vizinhos que mudaram, das crianças pequenas. O Sr. Divino Machado Ferreira, preserva até hoje as paredes feitas de adobe, pois representa para ele uma lembrança do início da ocupação:

"...A gente lembra o tempo aqui no início da Cabana... lembra da história disso aqui todinha, desde o começo que foi no dia 07 de setembro de 1963, foi o dia que iniciou, era num domingo .. até hoje..."¹⁵⁷

¹⁵⁶ Vicente Gonçalves - Vicentão - , depoimento citado.

¹⁵⁷ Divino Machado Ferreira, depoimento citado.

A esse apego às paredes feitas com tijolos de adobe, como no caso específico do Sr. Divino, HALBWACHS explica que,

Por que nos apegamos aos objetos? Por que desejamos que não mudem, e continuem a nos fazer companhia? Afastamos toda consideração de comodidade ou de estética. Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros ... Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos se explicam em larga medida pelos elos que nos prendem sempre a um grande número de sociedades, sensíveis ou invisíveis (HALBWACHS, 1990:132).

2.2 OS “TUBARÕES DE TAMANCO”

Os eucaliptos derrubados eram utilizados na construção dos próprios barracos; alguns galhos serviam de cobertura. Havia ainda a recomendação das lideranças do movimento de ocupação para que todas as árvores derrubadas fossem deixadas no próprio local. Por um lado, alguns moradores e à imprensa afirmavam que havia madeiras que colocavam caminhões próximos a favela e compravam os eucaliptos que, posteriormente seriam revendidos. Os moradores lembram o que era feito com os eucaliptos derrubados:

“...O pessoal cada um carregava os eucaliptos e já fazia as casinhas de madeira deles, servia para fazer caibro, fazia aqueles pontalete, eles arrumava as barraquinhas deles, metia a lona em cima e com pouco tempo vinha com os tijolos...”¹⁵⁸

“Uai?! ... O que a gente fazia com os eucaliptos era cortar e fazer as travas, todo mundo arrastava os pau e preparava de dia e aquela coisa, separava os que tinha pra levar, pra fazer os caibro, as comunheira...”¹⁵⁹

“Eu limpava eles e se servisse assim pra andame para construir, eu deixava pra andame e se num fosse, ele ia ser lenha pra fogão...”¹⁶⁰

“...Ficava amuntado lá, ia limpando só o lugar para fazer as casas e o eucalipto ficava lá, não podia tirar pra fora...”¹⁶¹

“...Bom, houve muita exploração aí. muita gente carregou eucalipto, ganhou dinheiro e isso tá inclusive documentado. Chegou a ser preso aqui, muitos caminhões de eucalipto que tava sendo transportado daqui pra outros lugares aí né? Então o sujeito vinha aqui e comprava do pessoal e ia derrubando e eles já ia comprando e carregando...”¹⁶²

¹⁵⁸ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

¹⁵⁹ José Leônidas Resende - Zezinho -, depoimento citado.

¹⁶⁰ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

¹⁶¹ Rosalina Silva - Rosa -, depoimento citado.

¹⁶² José Martins Sobrinho, depoimento citado.

O deputado Valdomiro Lobo, em entrevista ao Jornal *Estado de Minas*, no dia 10 de Setembro de 1963, afirmava que:

"...caminhões, às dezenas, estão invadindo aquelas propriedades pra retirar eucaliptos, cortados por trabalhadores especialmente contratados para esse fim..."

As denúncias feitas pelo deputado Valdomiro Lobo foram comprovadas pelos jornalistas que publicaram no mesmo dia a seguinte matéria:

"DEZENAS DE CAMINHÕES

As denúncias feitas pelo deputado Valdomiro lobo foram comprovadas com a enunciação de números de placas de diversos caminhões que estão participando ostensivamente dos saques. Entre dezenas, conseguiu o parlamentar anotar as seguintes placas de caminhões e camionetas: 4-23-51, 7-11-72, 39-4-24, 9-71-82, 8-3097 e 98-11-33. Com tais elementos, se assim o desejasse, poderia a Secretaria de Segurança iniciar trabalho de repressão às irregularidades, o que não aconteceu até o momento, para espanto de toda a população Belorizontina."

Também o jornal *Diário de Minas* na sua edição do dia 12 de Setembro de 1963, anunciava a seguinte matéria:

"SETE CAMINHÕES

O contingente do Batalhão de Policiamento Ostensivo, auxiliado pela Rádio Patrulha e elementos do DOPS, de anteontem para ontem aprendeu sete caminhões que conduziam troncos de eucaliptos cortados a destinos diversos. A chefe do Policiamento levou - os, juntamente com seus motoristas e responsáveis, para a Delegacia de Roubos e Furtos, pois a ela caberá a instauração de inquéritos e as medidas necessárias"

Existia também, dentro da favela, pessoas que aproveitavam o movimento de ocupação para tirar proveito comercial dela; eram os chamados "Tubarões de Tamanco". Essas pessoas invadiam, construíam barracos e, depois, os vendiam, tirando lucro com a invasão. Era considerado "tubarão de tamanco" também aquelas pessoas que carregavam madeira, vendiam - na para depósitos de material de construção. O Sr. Nelson Dias de Oliveira, hoje com 78 anos, lembra que havia na favela moradores proprietários de lotes em outros bairros da cidade e só estavam ali com o intuito de conseguir o terreno e revendê - los posteriormente:

"...Aqui tinha umas pessoas que veio pra cá, veio com a intenção de construir e vender para apurar dinheiro. Eles falava que gostava daqui, mas era conversa

*fiada, eles num gostava, num tinha amor era coisa nenhuma e foram muitos que venderam e foram embora. Descobrimo um camarada aqui que só pelo lado de Contagem tinha uns 10 lote. Ele veio marcar aqui para vender, para apurar dinheiro...*¹⁶³

A Polícia Militar apreendeu caminhões com grandes quantidades de “toras” de eucaliptos, que, de acordo com informações, seriam repassadas para terceiros. Uma dessas apreensões foi feita pelo Capitão Vilas Boas, assistente do DOPS, que apreendeu em flagrante cinco pessoas que, estavam infiltradas no meio dos favelados, objetivando saquear as plantações de eucaliptos derrubados durante à noite. O grupo preso comandava a derrubada das árvores de eucaliptos e, para isso, pagava outras pessoas para executarem a tarefa. Foram apreendidos com o grupo os caminhões utilizados para o transporte das árvores, e esses veículos foram levados para as repartições policiais competentes.

Essa preocupação com os “Tubarões de Tamanco” era também uma preocupação das Uniões de Defesa Coletiva - UDC's - que enviaram a moção de nº 2367-61 à Câmara Municipal dos Vereadores onde defendiam o direito de morar para o trabalhador favelado, ou seja, aquele que recebe, que não possui habitação própria e nem tem condições de pagar aluguel. Para os líderes das Uniões de Defesa Coletiva, a favela não deveria servir de meio fácil de enriquecimento para exploradores.

Pelo estatuto das UDC's só é admitido como sócio quem não possui imóvel ou que paga aluguel. Não são admitidos de forma alguma quem possui imóvel de aluguel dentro ou fora da favela. Essa medida é uma tentativa de evitar que se filiem às Uniões de Defesa Coletiva os “Tubarões de Tamanco”.

A exploração dos “Tubarões de Tamanco” era um problema que já vinha acontecendo na administração dos prefeitos Amintas de Barros e Celso Melo Azevedo. O suplemento “O Barraco” - órgão de comunicação da Federação dos Trabalhadores Favelados que circulava junto ao Jornal *Binômio*- em sua edição do dia 06 de Setembro de 1963, publicava a seguinte matéria:

“EXPLORAÇÃO DE FAVELADOS AGRAVA PROBLEMAS DE FAVELAS NA CAPITAL

¹⁶³ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

Não se poderá tratar com acerto o problema de favelas enquanto a Prefeitura (e o DBP) não decidirem, afinal, combater objetivamente - combater mesmo ... - a exploração de favelados.

Toda vez que se inicia uma nova favela - veja esse exemplo da BR - 31 ao lado dos trabalhadores realmente necessitados vão em proporção avançada os "tubarões de tamanco" que são os exploradores de favela, levantando cômodos para vender e alugar.

Ao tempo do sr. Celso Melo Azevedo, até agora o melhor prefeito (para os favelados de Belo Horizonte), criador do DBP e do Serviço de Gastroenterite, deu -se início também ao combate aos exploradores de favela. O primeiro passo: Lei 572, de autoria do então vereador Leopoldo Garcia Brandão".

A solução para o problema dos "tubarões de tamanco", de acordo com a reportagem publicada no mesmo suplemento do Jornal *Diário de Minas*, para os advogados José Gazzinelli e José Raul Passos que representavam o DBP, seria o entrosamento da Procuradoria da PBH e os advogados da DBP, além do Departamento de Fiscalização, onde cada um tomaria providências dentro de um plano eficiente.

De uma forma paralela, o que surgia na Capital com as ocupações eram as "Indústrias de Favela". Com pessoas que se aproveitavam dos momentos de euforia pelas quais passavam os favelados e começavam a vender, principalmente, materiais de construção a preços bem acima do mercado, para que os mesmos viessem a construir os seus barracos. Aproveitavam também para comprar as "toras" de eucaliptos que eram derrubadas e que, posteriormente, seriam transformadas em carvão e vendidas para as usinas siderúrgicas localizadas nas proximidades das favelas.

2.3 DE ONDE VINHAM E PORQUE VINHAM

A população favelada, em sua maioria, é originada das correntes migratórias, como grande parte da população favelada de Belo Horizonte. As causas para essa corrente migratória são variadas.

Quando questionados sobre por que vieram para Belo Horizonte, a maioria cita o fascínio exercido pela cidade grande, a falta de empregos na cidade de origem, muitas vezes até, no dizer dos moradores, de "condição de vida", onde a cidade grande representa "o grande sonho", a redenção da falta de emprego. O Sr. Raimundo Apolinário da Silva, lembra que:

“...Vim, minha família também viero ... eu vim para Monlevade solteiro ... casei ... e de lá eu vim parar aqui em 63. e que foi estarrachado mesmo, o desarranjo mesmo, disparobamento, a companhia dispensa home lá na Belgo Mineira de vinte e tantos anos de casa ...”¹⁶⁴

Na procura pelo novo local de moradia predominava o lugar perto do trabalho e/ou do futuro emprego. Grande parte dos moradores não veio diretamente de suas cidades de origem e foi morar na favela; na realidade eles foram se deslocando até chegar na favela Cabana do Pai Tomás. Mas de onde vieram então esses moradores?

“... eu vim da Bahia e fui morar inicialmente lá no bairro da Glória, depois invadi o Alto dos Pinheiro e do Alto dos Pinheiro é que eu vim para qui...”¹⁶⁵

“...eu vim inicialmente de Monlevade. sou de Santana dos Ferro e antes eu antes morava lá no Nova Gameleira...e no principio da invasão aqui, chegava uma Baianada debaixo daquele viaduto ali, rodopiava, rodopiava e vinha parar aqui...”¹⁶⁶

“...eu morava em Divinópolis e em 1960, eu mudei para Contagem, fiquei lá 01 ano mais ou menos e em 1961 eu mudei pra Cabana...”¹⁶⁷

“...eu vim de Buenópolis, lá perto de Montes Claros no Norte de Minas e o primeiro local que eu morei era aqui... e esse pessoal vieram de vários lugares, de vários estados e mais forte na época era tudo lá de Mantena, Aimorés, era daquela região de Governador Valadares, um mundo de pessoas lá de Mutum ...”¹⁶⁸

“...nós viemo de Itaguara em 59 e primeiramente nós morava lá na Mangueira, sabe onde é aquela escola agora que fizeram no meio da mangueira ali? Nós morava ali, nós pagava aluguel ali...”¹⁶⁹

“...eu vim de Itaguara sozinho e aí a Magnesita me arranjava um quartinho aí no arto do Madre Gertrudes, ali tinha uma Vila, tem até hoje...”

“...sou baiano de Jequié e eu antes de vim para essa Cabana eu morava lá no bairro das indústrias...”¹⁷⁰

“...eu já morava aqui mesmo, agora para Belo Horizonte, eu vim de Uberaba, fui morar no bairro da Graça, do bairro da Graça eu vim para a Pompéia, da

¹⁶⁴ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

¹⁶⁵ Rosalina Silva – Rosa – depoimento citado.

¹⁶⁶ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

¹⁶⁷ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

¹⁶⁸ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

¹⁶⁹ José Leônidas Resende – Zezinho –, depoimento citado.

¹⁷⁰ Afonso José de Oliveira, depoimento citado.

*Pompéia eu fui para o Novo Horizonte na avenida Belém, da avenida Belém eu vim para a exposição e da exposição é que nós viemo pra qui...*¹⁷¹

*“...meu pai morreu em Guanhães, minha mãe ficou viúva lá e minha irmã mais velha trabalhava aqui em Belo Horizonte e buscamos a mãe e pagava aluguel no bairro das Indústrias, mas ela veio mesmo foi de Guanhães para Belo Horizonte e moramos de aluguel no bairro das Indústrias muito tempo e depois é que invadimos aqui...”*¹⁷²

*“...eu sou natural de Rio Espera, isso fica perto de Conselheiro Lafaiete ... e eu morava com meu tio lá atrás do Itaú e aí quando começaram a invadir a Cabana eu vim junto...”*¹⁷³

*“... nós viemos de Itabamcuri, eu morei 01 ano e tanto no bairro das Indústrias, meu marido trabalhava na empreiteira da MANNESMAM e aí nós viemos pra cá...”*¹⁷⁴

Para a maioria dos moradores, morar na favela Cabana do Pai Tomás foi devido às facilidades de acesso em chegar à favela e às proximidades da Cidade Industrial, próximo assim, do local de trabalho. Algumas famílias chegaram à favela através da transferência realizada pelo Departamento de Bairros Populares, onde receberam áreas para a construção da moradia. Outras já moravam em Belo Horizonte, mas pagavam aluguel, e vieram para a favela quando iniciou o movimento de ocupação.

Nesse momento alguns questionamentos se julgam necessários: Porque esses moradores vieram para Belo Horizonte e quais eram as condições de vida na cidade de origem? Sobre tais questionamentos, as afirmações quase sempre são as mesmas: buscar uma vida melhor na Capital. O Sr. Raimundo Apolinário da Silva, lembra dos motivos que o levaram para Belo Horizonte:

*“Vim caçando uma vida melhor, um emprego melhor. Porque se falava muito em companhia né? E a minha vida nunca foi de roça, nunca fui parpiteiro de roça. Toda vida fui... apesar de não ter leitura, fui uma pessoa que queria caminhar né? Queria dar o melhor para a minha família.”*¹⁷⁵

As condições de vida existentes naquele momento no interior, dificultavam a permanência no local, como lembra o Sr. Raimundo Apolinário da Silva:

¹⁷¹ Maria da Conceição – Maria Capeta – depoimento citado.

¹⁷² Maria Sebastiana Eloi Pinto – Dona Zica –, depoimento citado.

¹⁷³ Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

¹⁷⁴ Zúlvia Pereira Dobrowosky, depoimento citado.

¹⁷⁵ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

“É difícil rapar, ocê trabalhar para fazendeiro é a coisa pior que existe. Na época ocê era obrigado a ficar, o camarada falava que te dava arroz e feijão e ocê ficava o ano inteiro trabalhando. Eu não ia a escola porque? O meu patrão falava eu ir ficar trabalhando para ele aqui e ir na escola. Mas quando eu tava lá dentro da escola, daqui a 05 minuto ele me chamava para fazer alguma coisa e a gente ia só perdendo o tempo. Quando eu arresolvi a sair já era tarde demais.”¹⁷⁶

Ir para a “cidade grande”, representava essa tentativa de mudança, de deixar de ser explorados pelos grandes proprietários de terras, pelos grandes fazendeiros. As condições de trabalho no interior eram precárias, faltava emprego. Dessa forma, os grandes centros urbanos, no caso específico dos moradores da favela, a cidade de Belo Horizonte, representava essa mudança, esse “caminhar”.

A produção do espaço urbano é originada por vários fatores, como explica MARIA OZANIRA DA SILVA E SILVA ,

o elevado incremento da taxa de urbanização que se dá no Brasil a partir da década de 50, por exemplo, vem sendo largamente influenciado pela ocupação de áreas agrícolas pelo capital monopolista, através de um modelo de grande propriedade para a produção extensiva, de modo que a introdução de formas capitalistas no campo, ao separar o pequeno agricultor de seu modo de produção, aumenta a proletarianização, gerando enormes fluxos migratórios em direção as cidades.(SILVA;1989:29).

Eva Blay aponta vários fatores como causas para o surgimento das favelas, com destaque para a migração, a lentidão do mercado imobiliário, a expansão do mercado de trabalho que provocou uma euforia com a cidade grande e a falta de um aparato habitacional por parte das autoridades competentes. Percebe - se nos depoimentos dos moradores, que a maioria veio do interior de Minas e da região Nordeste do país, com destaque para o Estado da Bahia, regiões historicamente desprovidas de recursos que possibilitassem a fixação dos mesmos, sendo então necessária a ida para os grandes centros urbanos objetivando uma vida melhor, mais digna.

Essa migração fez surgir as favelas, que se instalaram em terrenos precários, ocupados por moradores que viviam na sua maioria do sub-emprego e de um salário muito

¹⁷⁶ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

baixo nas empresas que estavam sendo instaladas nas Cidades Industriais. Naquele momento, o importante era ter uma casa própria para garantir a permanência e a fixação na cidade, a casa representava “proteção”, “segurança”.

No caso específico dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás, essa migração aconteceu de uma forma homogênea e instantânea e o fato de terem ocupado um terreno é porque muitos não tinham condições de comprar uma área, e quando compravam, muitas das vezes, não tinham condições de pagar por essa área. Essa situação é lembrada da seguinte maneira pelo Sr. Raimundo Apolinário da Silva:

“... a intenção do pessoal era morar mesmo. O pessoal não tinha a intenção de fazer outra coisa a não ser morar, isso eu tenho certeza! Na minha opinião pra mim caçar um pedaço aqui é porque eu não condições de ta comprando nada. Eu comprei vários lote aí e não pude pagar. Tem vez que eu tava doente, o salário né ... desempregado e ocê só tinha movimento quando tava empregado. Quando ocê pifava do emprego, ocê caia no buraco memo ...”¹⁷⁷

Nas lembranças do Sr. Raimundo Apolinário da Silva, fica claro que, morar na favela significava não poder escolher o local de moradia. Para esses moradores habitar na favela era a garantia de ter um local seguro para morar e não ter a frustração de comprar uma área e não ter condições de pagar.

Portanto para EVA BLAY,

o que aparece como o problema habitacional na grande cidade não é senão a consequência dos problemas econômicos do meio rural, da migração rural urbana e da inexistência de mercado de trabalho no meio urbano (BLAY;1979:84).

Para LEFEBVRE,

nos países em vias de desenvolvimento, a dissolução da estrutura agrária empurra para as cidades camponeses sem posses, arruinados, ávidos de mudança. A favela acolhe esses habitantes, funcionando como uma mediadora entre o campo e a cidade, entre a produção agrícola e a indústria, consolidando como abrigo até certo ponto definitivo para aqueles que procuram abrigo nas grandes cidades (LEFEBVRE, 1991:75).

Essa mobilidade populacional fez surgir as favelas modernas, constituindo como elementos humanos o deslocamento no espaço ou na estrutura da própria sociedade, no qual emigrar para um local mais próximo do trabalho significa ter “status”, quanto mais próxima do local de trabalho melhor é a condição de vida.

¹⁷⁷ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

Sobre o problema do êxodo rural que estava acontecendo em Belo Horizonte, que ocasionava a invasão dos terrenos, o Jornal *Estado de Minas* publicava, no dia 08 de Setembro de 1963, a seguinte matéria na qual tentava explicar que o êxodo rural era provocado por outras forças e não pela situação econômica que estavam vivendo esses invasores¹⁷⁸.

“ ... INCÚRIA DAS AUTORIDADES PROVOCOU NOVAS INVASÕES EM BELO HORIZONTE

... o problema que muitos pretendem ser apenas social, é muito mais grave do que se supõe, pois nele se acham envolvidos de forma clara e inequívoca, conhecidos agitadores, elementos inescrupulosos que se estão aproveitando da situação para implantar na cidade a “indústria da miséria”. Acenando com a solução de casa própria, conseguem atrair para a capital, lavradores de diversos pontos do Estado, para que aqui convergem na esperança de melhores dias e melhores condições de vida ...”

Um outro fator que deve ser levado em consideração para o surgimento das favelas, e, no caso específico da favela Cabana do Pai Tomás, era o alto valor dos aluguéis da época, morar na favela então significava economia nos valores gastos com a habitação, além do fato da localização da favela, que estava próxima à Cidade Industrial, onde o morador fazia uma economia com o transporte. As lembranças dos moradores demonstraram de que forma essa realidade era vivida por eles:

“... eu vim com a família e tava pagando aluguel e aí eu tinha um amigo chamado Euclásio e ele falou que nós ia invadir uma favela, tem muito terreno...”¹⁷⁹

“...A casa que nós morava era da Dona Merca e nós pagava aluguel pra ela... nós pagava, ti Cassiano pagava, Ti João pagava, o Nelson do bambu pagava e quando começaro a invadir e falei com meu que eu vou pegar um pedacinho lá pra nós...”¹⁸⁰

“...eu falava com Deus se eu tivesse errado, Deus ajuda que nós num fica aí, que venha as autoridade e tira nós daí e se nós tiver agindo certo, um direito nosso que paga aluguel, que Deus olhasse pra nós...”¹⁸¹

“...nós tava fugindo do aluguel, que nós num tinha condições de pagar o aluguel não, nós num tinha condições de pagar o aluguel não...”¹⁸²

¹⁷⁸ A presente reportagem em sua íntegra, encontra-se nos documentos em anexo.

¹⁷⁹ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

¹⁸⁰ José Leônidas Resende – Zezinho – depoimento citado.

¹⁸¹ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

¹⁸² Zúlvia Pereira Dobrowsky, depoimento citado.

“... A gente sentiu aquele alívio que dava mensalmente, porque a gente tinha de pagar o aluguel ... e aquele pouquinho que a gente ia deixar de pagar aluguel já ajudava... e eu lutei com dificuldade e não podia pagar um lugar maior porque o vencimento num dava, tinha outras despesas e então eu passava aperto...”¹⁸³

De acordo com o Levantamento da população favelada feita pela prefeitura de Belo Horizonte, em 1966, a maioria da população favelada preferia se favelar o mais próximo possível do local de trabalho, visto que dessa forma, economizariam o dinheiro a ser gasto com a condução. Essa explicação é um dos motivos da alta concentração populacional da favela Cabana do Pai Tomás, muitos dos moradores trabalhavam ou pretendiam trabalhar nas indústrias próximas e poderiam ir a pé para seu trabalho. O Sr. Nelson lembra que:

“... eu ia a pé para a Magnesita, que ficava ali pertinho, nuns 15 minuto eu chegava lá...”¹⁸⁴

O Sr. Geracino lembra que rapidamente chegava em casa:

“... eu cortava caminho pelos eucaliptos e rapidinho eu tava aqui...”¹⁸⁵

Sair do aluguel, representa também para o morador da favela Cabana do Pai Tomás, a realização de sonho. O salário pago era pouco e não dava condições de manter uma família. Sendo assim, sair do aluguel, representava um gasto a menos, como lembra o Sr. José Leônidas Resende, o Zezinho:

“... meu pai tinha 07 filhos, trabalhava e ganhava uma mixaria e pagava aluguel. Logo no dia que nós trouxemos nossos trenzinho para debaixo do barraco, sê ta doído rapaz, foi o maior sonho realizado ...”¹⁸⁶

Sobre a problemática de morar na favela e reduzir os gastos, LÚCIO KOWARICK

faz a seguinte afirmação:

Tradicionalmente, a favela apresentava – se como fórmula de sobrevivência para a população pobre em pelo menos dois aspectos: Em primeiro lugar, por significar uma economia nos gastos de habitação que representam pouco menos da quarta parte do orçamento de uma família típica da classe trabalhadora. Em segundo lugar, na medida em que as favelas tendiam a se localizar próximas aos centros de emprego, levariam a uma redução nos dispêndios com transporte, que representam

¹⁸³ José Alves Garcia – Sargento Garcia – depoimento citado.

¹⁸⁴ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

¹⁸⁵ Geracino França Pinto, depoimento citado.

¹⁸⁶ José Leônidas Resende – Zezinho - depoimento citado.

cerca de 9% da cesta de consumo da mão - de - obra que utiliza a condução como meio de deslocamento entre a moradia e o trabalho (KOWARICK;1983:87).

O problema habitacional, de acordo com Lúcio Kowarick, é resultante de dois processos que se interligam, o primeiro se refere às condições de trabalho a que esse morador está condicionado, levando à situação de *pauperização absoluta ou relativa a que estão sujeitos os diversos segmentos da classe trabalhadora*. O segundo processo refere - se ao que ele chama de “espoliação urbana”:

que é o somatório de extorsões que se opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo que se apresentam como socialmente necessários em relação aos níveis de subsistência e que agudizam ainda mais a dilapidação que se realiza no âmbito das relações de trabalho (KOWARICK;1983:59).

2.4 QUEM AJUDAVA

O processo de ocupação da favela Cabana do Pai Tomás foi auxiliado por estudantes¹⁸⁷, seminaristas, sacerdotes do Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, elementos da Ação Popular¹⁸⁸ e da Juventude Operária Católica. Em entrevista ao Jornal Diário de Minas no dia 24 de agosto de 1963, o reitor do Seminário do Coração Eucarístico de Jesus declarava:

“...ninguém estava sendo obrigado a ajudar os operários - favelados, mas que ninguém se negava a pegar numa ferramenta para construir os barracos que agora vem sendo levantados com maior rapidez...”

(Jornal Diário de Minas, 24/08/63)

Esse apoio dado pelos religiosos aos movimentos de ocupação estava ligado às mudanças que a igreja Católica passava a partir do Concílio Vaticano II, quando a igreja

¹⁸⁷ O movimento estudantil tem marcado a vida política e social brasileira. No final da década de 30 foi fundada a União Nacional dos estudantes (UNE), nos anos posteriores foram sendo criadas as Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs), que tinham por objetivo coordenar as atividades da UNE, nascendo daí nas faculdades, os grêmios, os Diretórios acadêmicos. No período anterior ao golpe de 64, a Une desempenhou um papel significativo em prol das Reformas de Base.

¹⁸⁸ A Ação Popular nasceu em 1962, composta de cristãos progressistas ligados a Ação Católica, em particular a JUC. Nesse primeiro momento, definiu - se como um movimento político, inspirando - se em idéias humanistas de Jacques Maritain e Padre Lebreton. Em seu documento base datado de 1963, propõe - se a lutar por uma sociedade justa, condenando tanto o capitalismo, quanto os países socialistas.

começava a se comprometer com os setores marginalizados da população e seus anseios da justiça.

Começavam a adquirir notoriedade bispos com Dom Hélder Câmara e Dom Paulo Evaristo Arns, por sua luta em prol de mudanças sociais e comprometimento com as causas populares.

Movimentos leigos como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC) aprofundaram seu envolvimento com a luta dos oprimidos. Do mesmo modo que se começava a falar, com certo exagero, na existência de "generais do povo" e "almirantes do povo", simpáticos as bandeiras nacionalistas, existindo também os "sacerdotes do povo", como o padre Alípio, padre Lage, frei Josafá e outros (BRASIL NUNCA MAIS;1985:147).

A ajuda para ocupar e derrubar os eucaliptos vinha dos estudantes da Pontifícia Universidade Católica (PUC), dos políticos e da igreja, como lembra o Sr. Jair Rodrigues da Silva:

"... O único grupo que tinha aqui, que ajudava, começou a vim aqui uns estudantes, num sei se era lá da PUC. Vinha uns estudantes de fora para dar umas sustentações assim, orientações assim de Pastoral por intermédio assim do Padre Lage e então vinha por intermédio desse Dimas Perrin, vinha pessoas estudadas mesmo, orientando mesmo..."¹⁸⁹

O Sr. Raimundo Apolinário da Silva, lembra que vários estudantes ajudavam na derrubada e construção dos barracos:

"...estudantes tinha vários aí, quer dizer, vários aqui não, tinha vários, tudo era estudante, fazia aí um movimento danado, só que aqui num teve muita influência ..."

Para o morador José Martins Sobrinho, o movimento de ajuda dos estudantes estava ligado ao momento político que estava passando o país. Nas suas lembranças, os estudantes pretendiam apropriar - se da luta do povo:

"...Os estudantes vieram aproveitar do movimento, isso é que foi a nossa divergência, porque foi a apropriação de uma luta do povo. É claro que esse povo tava se organizando em Belo Horizonte inteiro, mas aqui na Cabana a invasão ia acontecer de qualquer jeito e esse povo veio apropriar de uma luta que o povo já tinha começado aqui ..."¹⁹⁰

¹⁸⁹ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

¹⁹⁰ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

No entanto, as pessoas ligadas aos movimentos que apoiavam a ocupação e construção dos primeiros barracos, afirmam que a intenção deles era fazer justiça social, dar moradia para o povo e lutar principalmente contra o deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho. De acordo com as lembranças do ex - estudante Edson Oliveira Fantini, que na época pertencia ao Partido Comunista:

*"...A grande briga nossa era contra o Luciano e eu pessoalmente tinha um aborrecimento muito grande contra ele. Eu achava que tava dessa forma fazendo uma justiça, resolvendo o problema das terras em Belo Horizonte ... segundo o meu entendimento a maioria dessas terras foram conseguidas de uma forma ilegítima e então eu estar ajudando no processo de distribuição dessas terras, eu achava que tava fazendo a coisa mais legítima do mundo ..."*¹⁹¹

Vicente Gonçalves, o Vicentão, ex - líder da Federação dos Trabalhadores e da Ação Popular, lembra que a ocupação e a construção dos primeiros barracos na favela Cabana do Pai Tomás, tiveram a participação de membros da igreja, da Ação Popular do "Partidão" (Partido Comunista Brasileiro) e da Federação dos Trabalhadores favelados:

*"...Eu organizei os favelados e tudo e junto a Ação Católica e tudo e naquela época eu pertencia ao Partidão e fomo invadir um terreno perto da Vila Oeste ... o Luciano brigou ... e aí eu me organizei, eu padre Lage, Antônio Joaquim e os outros e a Federação dos Trabalhadores Favelados e aí nós começamo a por as coisa pra fora, Padre Lage, Padre Luis Viegas e o pessoal e liguemo e vamos a invadir a Cabana do Pai Tomás e passei a mão num machado e juntei um pessoal lá e junto com a turma de estudante derrubamos os eucaliptos ..."*¹⁹²

Essas ocupações que estavam acontecendo em Belo Horizonte, como por exemplo, a da favela Cabana do Pai Tomás e que tiveram apoio de militantes políticos, seminaristas, jovens de classe média e outros, visavam contestar principalmente o suposto domínio territorial exercido pelo deputado Federal e empresário Antônio Luciano Pereira Filho sobre a cidade de Belo Horizonte.

A ocupação "da noite para o dia" de terrenos (particularmente daqueles plantados com eucaliptos plantados pertencentes a conhecido especulador imobiliário da cidade) por parte da população mais carente, com o apoio de militantes políticos originários de estratos médios, parece haver constituído o fato que mais contestou o "status quo". Dentre os núcleos habitacionais que surgiram, estavam as favelas que então, muito expressivamente se denominaram "Frei Josafá"; "Padre Alípio, "Padre Lage", "Operário - Estudantil" e "João XXIII"(AFONSO,1984:43).

¹⁹¹ Edson de Oliveira Fantini, depoimento citado.

¹⁹² Vicente Gonçalves - Vicentão - depoimento citado.

Para os estudantes que ajudaram no movimento de ocupação e de derrubada dos eucaliptos, o que estavam fazendo era de fato uma “boa ação”, além de estarem promovendo a “justiça social no país”. Nas lembranças do ex - estudante Edson de Oliveira Fantini, o que eles estavam fazendo era a coisa mais legítima do mundo:

“... Era grande a quantidade de terras em Belo Horizonte, e o Antônio Luciano se achava o verdadeiro dono delas, e no meu entendimento a maioria dessas terras foram conseguidas de uma forma ilegítima e então eu estar ajudando no processo de distribuição dessas terras, eu achava que tava fazendo a coisa mais legítima do mundo...”¹⁹³

Foi atribuída aos estudantes da Faculdade de Ciências Econômicas o apoio para a manifestação ocorrida no princípio do mês de setembro, quando a avenida Amazonas teve seu tráfego impedido e fechado com diversas toras de eucaliptos. Para a avenida voltar a ter o seu fluxo normal de veículos foi necessária a presença do Corpo de Bombeiros, de viaturas do DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social) e de diversas viaturas da polícia militar.

Em entrevista ao Jornal *Estado de Minas* do dia 10 de Setembro de 1963, o deputado estadual Valdomiro Lobo, que presenciava a ocupação dos terrenos particulares situados na favela Cabana do Pai Tomás, onde funcionava um dos sanatórios de sua fundação, denunciava os grupos que ajudavam os moradores:

“...O deputado Valdomiro Lobo denunciava que as invasões estão sendo dirigidas e orientadas por funcionários da Prefeitura de Belo Horizonte, por deputados comunistas, estudantes da Faculdade de Ciências Econômicas e por alguns vigários. A participação de servidores municipais nos acontecimentos é realmente lamentável, tanto mais quando se sabe estar o prefeito Jorge Carone em demanda judicial contra o principal prejudicado na questão, o deputado federal Antônio Luciano Pereira Filho...”

(Jornal Estado de Minas, 10/09/63)

Influenciados pelo momento político pelo qual passava o país, e por não saber definir o que era o movimento comunista, criou-se entre os moradores a idéia de que o movimento de ocupação foi comandado pelos comunistas e que eles estariam infiltrados entre os favelados. Esses supostos comunistas eram acusados de articularem um plano para matar entre outras pessoas, o prefeito Jorge Carone Filho e o comandante do policiamento

na favela, o capitão Eustáquio Murilo da Silva. O deputado Valdomiro Lobo, dava entrevista na imprensa, denunciando a possível tentativa de assassinato:

“PLANO COMUNISTA PARA ELIMINAR JORGE CARONE ESTAVA SENDO ARTICULADO NUMA FAVELA DA CAPITAL

Grave denúncia foi feita na noite de ontem, perante as câmeras da TV Itacolomi, pelo Deputado Valdomiro Lobo, sobre o esquema de agitação comunista nas favelas de Belo Horizonte, que culminaria com o assassinato do prefeito Jorge Carone e de outras autoridades.

O plano tinha como centro principal as favelas situadas na margem da avenida Amazonas, proximidades da Cidade Industrial, no local denominado Cabana do Pai Tomás e que há alguns meses passaram a ser conhecidas como Vila Operária Estudantil, Padre Alípio e Padre Lage.”

(Jornal *Estado de Minas*, 09/04/64)

“OFICIAS CUBANOS AGEM NAS FAVELAS DE BELO HORIZONTE

Belo Horizonte (O Globo) – A polícia recebeu denúncia de que dois oficiais do Exército Revolucionário Cubano estão agindo nas favelas Padre Lage, Padre Alípio e Cabana do Pai Tomás, reunindo – se em casa do ex- guarda civil Raimundo Gil da Silva para contatos com os favelados. Esses oficiais participaram, conforme informações levadas à polícia, de uma reunião num matagal, no último dia 27, dissolvida por soldados do Posto Policial da favela Cabana do Pai Tomás e na qual um dos participantes tentou atirar no Sargento Geraldo Alves”

(Jornal *O Globo*, 02/03/64)

Uma das preocupações das autoridades na favela Cabana do Pai Tomás era a presença no meio dos moradores de oficiais Cubanos que estavam conscientizando esses moradores. Além de fazerem ameaças de morte a diversas autoridades, como por exemplo ao comandante do policiamento, Capitão Eustáquio Murilo da Silva e ao prefeito Jorge Carone Filho.

Sobre as ameaças de morte que recebeu, o capitão Eustáquio Murilo da Silva, tem a seguinte lembrança:

“É porque eu tive que ser enérgico com a liderança do Raimundo Gil e de outras pessoas lá, que assim, eram apoiados possivelmente por esses elementos cubanos que estavam alojados por ali e enrustidos por ali, procurando o treinamento de guerrilha, dos grupos de guerrilha e depois parece que se transformou no grupo do Onze e então eles resolveram a melhor prática que eles acharam era praticar o meu assassinato né, porque aí me afastaria e então talvez em elemento para me substituir. E logo para garantir o maior êxito, o programa deles era assassinar outros elementos meus como Sargento Geraldo de Tal, Cabo José Gregório e outros que eu não me lembro ... e eles tentaram fazer umas 03 vezes lá na Cabana

¹⁹³ Edson Oliveira Fantini, depoimento citado.

e Ol vez aqui no portão de casa, mas eu evidentemente tive mais força e não deu em nada. O Padre Alipio acabou fugindo para Cuba e consegui dispersar tudo. O objetivo deles era me tirar, porque eu havia tomado a liderança deles e a ordem do governador Magalhães Pinto era tomar a liderança deles, fazer o que fosse para tomar a liderança deles para poder por ordem e foi até então as palavras dele que o Comandante Geral trouxe: Antes que os comunistas liderem os favelados, nós passamos a fazer e o designado é você!”¹⁹⁴

Existia entre os moradores um certo “terror” do movimento comunista, cuja explicação devia – se ao momento político pelo qual passava o país, bem como a falta de conhecimento do que de fato representava à política comunista. Os conhecimentos dos moradores eram baseados em reportagens divulgadas pelos órgãos de imprensa. Nas lembranças dos moradores percebe – se como era esse temor:

“ Se falar de comunismo hoje não assusta ninguém mais né? Quer dizer, Rússia acabou, Hitler acabou. Cuba foi e acabou. Mas naquela época era diferente. Naquela época ôce sabia que foi pertinho da 2ª Guerra Mundial né, onde morria gente igual qualquer coisa e nenhum valor humano era respeitado, nenhuma religião era respeitada, principalmente a igreja católica era muito perseguida né, por tudo isso aí e onde entrava o comunismo, acabava e o nome de Deus era proibido né ... e naquela época isso era muito forte e então quando falava comunismo era sinônimo de anti – cristo e de coisas que vinham impedir a prática da religião e que matava e isso e aquilo. Nós tinha aqui uma revista chamada “O Cruzeiro”, era uma revista grande e elas vinha assim com aquelas páginas do paredão, onde o Fidel Castro fuzilava as pessoa que iam contra o regime ... ”¹⁹⁵

As reportagens divulgadas pelos órgãos de imprensa distorciam a visão de países como Cuba e União Soviética, em grande parte, em virtude da política da “Guerra Fria”. Assim nessas revistas, Fidel Castro aparecia como fuzilador, que não respeitava religião, principalmente a Igreja Católica, que não respeitava valores humanos, e anti - Cristo.

Por outro lado, não há uma opinião única sobre a presença dos oficiais Cubanos no meio dos favelados. Edson Fantini, lembra que nunca houve essa presença:

“Não, num teve não, nunca houve. É, isso o pessoal falava aí, inclusive tinha um pessoal, a policia naquela época, o senhor Antônio Luciano tava lá e eu conversava com eles e eles falava: Oh, isso aqui é uma ... ocês tão em processo de uma luta revolucionária. Eles falava, o pessoal da policia ia lá ver e coisa, falavam que era uma Cubalização do Brasil e o que tinha lá realmente era estudante igual a eu ... ”¹⁹⁶

¹⁹⁴ Eustáquio Murilo da Silva, depoimento citado.

¹⁹⁵ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

¹⁹⁶ Edson Fantini, depoimento citado .

A afirmação do ex – estudante Edson Fantini não é a mesma dos militares José Alves Garcia, o Sargento Garcia e Eustáquio Murilo da Silva, o capitão Eustáquio Murilo.

Sobre essa questão, Sargento Garcia, tem as seguintes lembranças:

“... Segundo informações, houve pessoas de fora envolvido (oficiais Cubanos), isso foi indiscutível, então teve aquele comício ou encontro da Frutal aqui e naquela ocasião tinha elemento infiltrado aqui para essa finalidade e o incentivo era exatamente isso: A terra para o movimento comunitário.”¹⁹⁷

O comandante do policiamento na favela na época, o capitão Eustáquio Murilo da Silva, lembra que o objetivo do policiamento era tomar a liderança dos “comunistas”, que comandavam o movimento de ocupação, que estava acontecendo nas favelas de Belo Horizonte, pois os mesmos traziam oficiais Cubanos para ensinar táticas de guerrilha para os moradores:

“... A minha finalidade lá era tomar a liderança dos comunistas, porque eles estavam na época lá na época e tavam trazendo oficiais Cubanos era preparar elementos para a guerrilha né, para tomar futuros efeitos na então favela do Padre Alipio, que era próximo lá, no Alto dos Pinheiros e em outros lugares, próximo ao serviço de assistência que tinha ali perto do Waldomiro Lobo ...”¹⁹⁸

Essa suspeita de que existiam oficiais Cubanos dentro da favela, ensinando táticas de guerrilha, levou também a suspeita que existia a proposta de montarem um QG de luta armada dentro da favela Cabana do Pai Tomás. O morador José Martins Sobrinho tem a seguinte lembrança:

“...A Cabana era um ponto estratégico dentro dessa questão de política dentro de Belo Horizonte, próximo da Cidade Industrial, bem próximo de acesso né, de acesso fora daqui, São Paulo e qualquer lugar e também a questão geográfica da região aqui também era muito importante nesse contexto e então a proposta deles era criar aqui na Cabana um QG de luta armada ... não chegou a ser descoberto, mais chegou a ter notícias que armamentos pesados tariam chegando por aqui, em alguns lugares aqui ...”¹⁹⁹

A afirmação feita pelo morador José Martins Sobrinho, revela uma outra questão sobre a ocupação da favela Cabana do Pai Tomás, a localização geográfica. A favela está situada próxima a um dos maiores corredores de tráfego de Belo Horizonte. Nas suas proximidades estão as rodovias que dão acesso aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e

¹⁹⁷ José Alves Garcia – Sargento Garcia -, depoimento citado.

¹⁹⁸ Eustáquio Murilo da Silva, depoimento citado.

¹⁹⁹ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

à capital Federal, Brasília. Além disso, tem em seus limitrofes a avenida Amazonas, considerada uma das avenidas mais importantes de Belo Horizonte.

2.5 OS (RE) SENTIMENTOS

Os moradores sentiam –se alegres por estar conquistando o “eterno sonho” da casa própria, de poder fugir dos altos aluguéis cobrados na época. Sentiam medo porque não sabiam quem era o verdadeiro dono da área ocupada, indagavam se aquela área de fato pertencia ao deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho ou se ela pertencia a outras famílias também necessitadas. Sentiam revolta e questionavam como uma imensa área daquela poderia pertencer somente a uma pessoa. Nas lembranças abaixo ficam claros esses questionamentos:

“ A revolta era a precisão né ... precisão de morar e a falta de moradia, pois ocê na maior precisão de morar aí e um terrenão desse aí tudo ocupado por eucalipto...”²⁰⁰

“... eu tava sentindo que eu precisava de morar né? A época era muito ruim e muito difícil, o emprego era difícil, as coisa era muito ruim e que eu pensei era o seguinte: Que era aqui que eu ia amarrar a minha barraca mesmo ...”²⁰¹

“ ... O que a gente sentia na hora era que a gente tava trabalhando para uma causa justa porque o Luciano tinha invadido aquilo que não era dele...”²⁰²

“Eu tinha assim, um pensamento, meu Deus, será que eu tou errado? Será que isso aqui num é dum pobre que comprou? Será que é do Luciano mesmo? E eu ficava pedindo pra Deus que se nós tiver errado, nós num fica aí, que venha as autoridade e tira nós daí e se nós tiver agindo certo, um direito nosso que paga aluguel, que Deus nos ajudasse...”²⁰³

“... Eu me sentia emocionado (começando a querer chorar), que eu tava fazendo uma coisa boa pra mim e alguma pessoa, uma pessoa de longe, conforme nós tamo aí cheio de gente, gente que eu nem conheço, nem sei quem é, sabe como é que é? Eu não fiz para mim só não ...”²⁰⁴

“ ..O que eu sentia, era que eu estava fazendo justiça social ...”²⁰⁵

²⁰⁰ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

²⁰¹ Geracino França Pinto, depoimento citado.

²⁰² Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

²⁰³ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

²⁰⁴ Afonso José de Oliveira, depoimento citado.

²⁰⁵ Vicente Gonçalves – Vicentão – depoimento citado.

“... Nós sentia a alegria de ta adquirindo um lugar de morar. Que eu morava ali em cima, e pagava aluguel e com a invasão eu deixei de pagar aluguel ...”²⁰⁶

No caso específico da favela Cabana do Pai Tomás, o sentimento de revolta se dava contra o deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, que se considerava dono da área que estava sendo ocupada. Os moradores sofriam com o alto preço dos aluguéis, com a carência de moradia, com a falta de habitações próximas à Cidade Industrial. Sendo assim a ocupação, a derrubada dos eucaliptos e a construção dos primeiros barracos representavam um desafio para os moradores da favela Cabana do Pai Tomás.

Para os moradores da favela Cabana do Pai Tomás, desafiar naquele momento uma das pessoas mais respeitadas de Belo Horizonte, como político e, sobretudo, financeiramente, o deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho, era uma forma de “colocar para fora” todos esses sentimentos de que estavam acometidos, como a emoção, a justiça, a revolta e a alegria. Deste modo, se solidarizavam contra a postura adotada pelo deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho. Quando derrubavam uma árvore gritavam “*ehh Luciano!!!*”. O grito representava o revide, a desforra, o insulto com o político desafeto. Para PIERRE ANSART,

os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade, são um fator eminente de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo e suas expressões, as manifestações (as “explosões de sentimentos”, como diz Nietzsche) podem ser gratificantes. O ódio recalçado e depois manifestado cria uma solidariedade afetiva que, extrapolando as rivalidades internas, permite a reconstituição de uma coesão, de uma forte identificação de cada um com seu grupo (ANSART;2001:22).

Baseados nesses conhecimentos começa - se a entender como era o sentimento de quem não tinha um pedaço de terra qualquer, contra um outro que era considerado um dos maiores proprietários de terras de Belo Horizonte e que não morava nessas terras ocupadas por plantações de eucaliptos. Esse sentimento provocava indignação e revolta. Os moradores tinham necessidade de buscar justiça social. Quando ocupavam e derrubavam os eucaliptos, vinha à tona a alegria, pois estavam vencendo a resistência de um “inimigo comum” para eles, o deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho.

²⁰⁶ Antônio Gomes da Silva – Tonhão – depoimento citado.

Para DAVID KONSTAN, o ressentimento é uma noção bastante complexa e de difícil definição. O ressentimento tem para ele três noções: psicológica, social e existencial:

O sentido psicológico de ressentimento é algo como a raiva ou a irritação perante uma desfeita, além disso P.F. Strawson define "ocasiões para ressentimento" como "aquelas situações em que alguém é ofendido ou injuriado pela ação do outro". Gostaria de acrescentar à descrição de Strawson a idéia de que ressentimento é geralmente um sentimento duradouro, não fugaz: O ressentimento é cultivado e acalentado (KONSTAN;2001:61).

É possível, sob esta ótica começar a entender os sentimentos experimentados pelos moradores da favela Cabana do Pai Tomás, como a revolta contra o suposto proprietário das terras e a necessidade de se fazer justiça social. Esses terão sempre um sentido duradouro para eles, pois apesar de transcorrido um longo tempo, não esquecerão dos motivos que os conduziram até ali. Sendo assim, começa - se a entender e a compreender porque alguns moradores da favela têm, de certa forma necessidade e facilidade de falar sobre o seu passado.

Para o sentido social do ressentimento, KONSTAN cita o ensaio de ROGER PETERSEN para definir o ressentimento,

como a "emoção que deriva da percepção de que o grupo ao qual se pertence está em uma posição injustamente subordinada em uma hierarquia de status". Na compreensão que Petersen possui do termo, enraizada nas teorias de Robert K. Merton, o ressentimento é uma resposta não apenas a uma ofensa ou injúria, como na descrição de Strawson, mas mais particularmente ao que chamaríamos de preconceito ou discriminação (KONSTAN;2001:59).

No caso específico da favela Cabana do Pai Tomás, essa definição social do ressentimento se aplica quando os moradores expressam sua alegria por terem conquistado um local para morar, da felicidade de estarem ali, de reconhecerem que a área poderia pertencer à outra pessoa, mas, que, devido às necessidades do momento, eles estavam ocupando aquela área, superando obstáculos, vencendo preconceitos e a discriminação.

Um dos sentimentos mais presentes entre os moradores da favela Cabana do Pai Tomás é o de justiça social, expressado principalmente nas seguintes frases dos moradores:

“... O que a gente sentia na hora, era que a gente tava trabalhando para uma causa justa ...”²⁰⁷

“... O que sentia, era que eu estava fazendo justiça social ...”²⁰⁸

Para DAVID KONSTAN,

o sentido psicológico de ressentimento é algo como a raiva ou a irritação perante uma desfeita. P.F. Strawson define “ocasiões de ressentimento” como “aquelas situações em que alguém é ofendido ou injuriado pela ação do outro”. Gostaria de acrescentar à descrição de Strawson a idéia de que ressentimento é geralmente um sentimento duradouro, não fugaz: o ressentimento é cultivado e acalentador (KONSTAN;2001:61).

E esse sentimento de fazer justiça social, de agir por uma causa justa ainda está presente entre os moradores da favela Cabana do Pai Tomás, quando eles se organizam para reivindicar seus direitos. A necessidade de fazer justiça contra as atitudes tomadas pelo deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho está presente entre os moradores, quando afirmam que o referido deputado ocupava um terreno que não lhe pertencia:

“... a gente tava trabalhando para uma causa justa, porque o Luciano tinha invadido aquilo que não era dele ...”²⁰⁹

Esses sentimentos presentes no meio dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás são extremamente importantes, para conservar viva a memória e a história da favela. A emoção que sentem ao lembrar dos momentos que passaram e dos sentimentos presentes naqueles momentos, desperta - os para a necessidade de continuar, ainda hoje, a preservar essa memória.

²⁰⁷ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

²⁰⁸ Vicente Gonçalves – Vicentão – depoimento citado.

²⁰⁹ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

3º CAPÍTULO

VIVER E MORAR NA FAVELA CABANA DO PAI TOMÁS

A favela que vai se formando com a derrubada dos eucaliptos e a construção dos primeiros barracos passa a ter vida social como qualquer outro bairro existente em Belo Horizonte no princípio da década de 60, no entanto, essa favela passa ter suas particularidades. Para PIERRE MAYOL,

o bairro é quase por definição um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode portanto apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço (MAYOL;2000:40).

Uma das características dessa mudança na favela é o início da substituição dos barracos, “xóxas”, ou “caxambecos” feitos de tijolo de adobe, por barracos feitos de tijolos de barro, mais conhecido como “tijolinho”, e a utilização de cimento. A cobertura dos barracos também mudava, passando a ser utilizadas telhas nas coberturas.

Essa mudança foi lenta e gradual, tanto que existem ainda hoje barracos na favela construídos de tijolos de adobe. Predominava ainda a construção debaixo das lonas, que eram retiradas após o término da construção dos barracos e a utilização dos troncos mais fortes de eucaliptos na construção dos telhados.

Uma outra característica, que pode ser notada na favela atualmente, refere – se à venda da área ocupada para outros moradores. O Sr. José Mota Martins , o “Mota”, foi um dos moradores que comprou uma área depois de iniciado o processo de ocupação:

(De quem o senhor comprou essa casa) Humm ...? De um tar de sô Franscisco. Aqui era uma sede, desmanchei a sede e fui devargazinho construindo isso aqui.²¹⁰

Uma das justificativas encontradas pelos moradores, para justificar a vinda de outros moradores para a favela, foi a falta de liderança do movimento dos moradores, após a revolução de 1964, como lembra o Sr. Liberato Antônio Vieira:

“ ... Depois da revolução num tinha ninguém mais para mandar não, daí tinha nego que tinha um ... acho que aproveitou de outro que eu acho que a coisa era

²¹⁰ José Mota Martins, - Mota -, 61 anos, entrevista concedida ao autor em 09/06/01.

dele, ele assustou e ele fez qualquer coisa com ele lá e comprou dele por uma mixaria, já coisou, já comprou os terrenos.”²¹¹

Uma outra justificativa para a vinda de outras famílias para a região foi o abandono das áreas invadidas, no intuito de procurar áreas melhores. E essas novas famílias que vinham na favela, não respeitavam as áreas delimitadas, surgindo daí os “becos”, como continua lembrando o Sr. Liberato Antônio Vieira:

“...Outros bobos achou que ia comprar um trem melhor em outro lugar para fazer uma coisa melhor e não fez nada em outro lugar e saia e coisa e tinha vontade de voltar pra cá, mas quando vinha procurar mais num achava mais lugar e aquele outro oportunista que aproveitou da área, fez uma área grande pra ele, maior e então fez esses becos ...”²¹²

Os barracos eram construídos em forma de mutirão, como lembra o Sr. Raimundo

Apolinário da Silva:

“... Nós fizemo muito barraco aqui em mutirão né, muito mesmo, porque o pedreiro cobrava caro. Quem não tinha condições, comprava o material e no dia de sábado e domingo amuntava aqui e fazia dois, três, quatro barraco por dia aí. Era barraco de dois cômodos, três cômodos, era de três para baixo, porque num dava para ser maior não, e o cara ia pelejando ali, fazia uns alicerce ali e quando fosse sábado e domingo metia tijolo por cima daquele trem e levantava mesmo ...”

Os materiais de construção eram comprados praticamente na única loja do gênero existente nas proximidades, o Depósito São João²¹³.

O mutirão era a principal forma de baratear o custo da construção do barraco, além da utilização dos tijolos de adobe nas paredes internas da casa. Os dias da semana em que se observava a maior construção dos barracos era no sábado e no domingo, dias em que os

moradores estavam de folga, reunindo assim a maior quantidade de pessoas no mutirão. Quando a ampliação e a construção dos barracos não eram feitas em sistema de mutirão, mulher e filhos ajudavam, fazendo o serviço de ajudante de pedreiro ou “servente” como é mais conhecido. Dona Zúlvia lembra que ela foi uma das mulheres que ajudou o marido na construção e ampliação dos barracos:

²¹¹ Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

²¹² Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

²¹³ O Depósito de Material de Construção São João está situada na avenida Amazonas, nas proximidades da favela Cabana do Pai Tomás. Seu fundador chama-se João Campolino e sua fundação foi na década de 60, coincidindo praticamente com o surgimento da favela.

“ ... Quem construiu? Meu marido e eu ajudava. Eu chegava em casa e num tinha coragem de levantar os braços de tanta dor que eu sentia, porque eu não tinha costume de mexer com essas coisas, fazendo barro, fazendo massa né, meu marido assentando tijolo e a gente construía tudo à noite. ”²¹⁴

Durante a semana, a construção dos barracos era feita praticamente durante a noite e de madrugada, pois durante o dia os moradores trabalhavam e, também, a repressão policial era maior. Os moradores compravam material de construção, escondia-os no meio do mato e, à noite, começavam a construção e/ou ampliação dos barracos. O Sr. Geracino França Pinto lembra como foi a construção e a ampliação dos barracos:

“ ... Foi um processo. Para nós pode fazer as coisa aqui, nós precisava carrega era escondido. Eles num vinha para judia e bater, num era essa orde, mas a orde era para manter a orde e num deixar construir. Mas nós tapamo a construir a noite ... nós trabalhava e ia lá no depósito São João e carregava o material e deixava ele dentro do mato ... a gente deixava o material dentro do galpão e a noite a gente pegava um saco de linhagem e carregava os tijolos na cagunda pra qui e nos dias de folga a gente ia mexendo... ”²¹⁵

Novamente percebe - se no depoimento do Sr. Geracino França Pinto a problemática da “*ocupação consentida*” e a necessidade da moradia. No dizer do Sr. Geracino, os policiais não estavam ali para bater, mas para não deixar construir, não deixar entrar material de construção, só que a cada dia a favela estava aumentando seu tamanho. Os policiais não conseguiram cumprir função de evitar a construção dos barracos. A necessidade de moradia se expressava pelos meios utilizados pelos moradores, para fazer chegar materiais de construção dentro da favela, esconder o material dentro de um galpão e sendo carregados durante a noite, dentro de um saco de linhagem.

Entrar na favela com material de construção durante o dia, era a maior aventura, devido à repressão policial. Para fugir dos policias, a “*tática*” utilizada pelos moradores era a de passar rápido e no meio da favela, como lembra dona Juraci Esteves de Castro:

“ ...a gente tinha que vim pelo meio da favela afora. Que num podia passar na rua que ficava pulicia lá em baixo e cá em cima e então a gente vinha assim, atravessava a rua com as ripa, essa coisa né, material e atravessava depressa para ele num ver. Se eles visse, eles vinha e embargava mesmo, num deixava a gente fazer mesmo... ”²¹⁶

²¹⁴ Zúlvia Pereira Dobrowski, depoimento citado.

²¹⁵ Geracino França Pinto, depoimento citado.

²¹⁶ Juraci Esteves de Castro, depoimento citado.

Os moradores não possuíam um sistema de abastecimento de água. Para conseguirem água eles tinham que ir a uma mina situada próxima a uma área, onde hoje está situado o cemitério Parque da Colina. No local, de acordo com as lembranças dos moradores, existia uma enorme lagoa. Rosalina Silva, ou dona Rosa, como é mais conhecida, lembra como era a lagoa:

*"... Água aqui perto? Era na cabeceira de uma lagoa que tinha aqui perto do cemitério, era uma lagoa danada de grande!"*²¹⁷

Dona Rosa com o intuito de ganhar dinheiro, carregava água e enchia os tambores dos moradores. Com a compra do terreno, que foi utilizado para a construção do cemitério Parque da Colina, a lagoa onde ela retirava água foi incorporada ao cemitério, impedido – a de continuar sua atividade.

Além da lagoa, os moradores conseguiam água, era nas minas d'água ou através de cisternas. O Sr. Nelson de Oliveira lembra com saudade dessa época:

*"Era cisterna. Tinha que furar cisterna., mas tem uma coisa: aqui dava muita água. Você com 03 metros e pouco, dava uma areia, você tirava aquela areia e descia mais para baixo e saía uma água clarinha, só você vendo..."*²¹⁸

No princípio da ocupação da favela, não existia energia elétrica. A iluminação era feita com a utilização do lampião de querosene. O único local que possuía energia elétrica era a igreja de São Geraldo, com a fiação saindo de um relógio que estava na rua João Pires, rua essa situada, aproximadamente, a 1200 metros da igreja. A fiação passava entre os eucaliptos indo até a igreja.

O morador José Martins Sobrinho, lembra como funcionava essa iluminação:

*"... Luz? A gente puxava luz para igreja São Geraldo lá da rua Chapinha com João Pires. O relógio da igreja era ali e então passava os fio no meio dos eucalipto aqui e chegava até na igreja e o que acontecia: Muitas vezes, tava no meio de uma função lá na missa, aquela coisa e alguém passava e desligava o relógio (rindo) e a gente ficava no escuro..."*²¹⁹

Com o crescimento da favela passaram a existir alguns barracos que possuíam energia elétrica, onde cada relógio instalado, levava energia para aproximadamente 30 moradores. A energia elétrica começou a ser normalizada na favela no princípio de 1964,

²¹⁷ Rosalina Silva – Rosa -, depoimento citado.

²¹⁸ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

com a interferência do deputado Estadual Valdomiro Lobo, que possuía uma fundação nas proximidades da favela, intercedendo junto à Companhia de FORÇA E LUZ, empresa que naquele momento era responsável pela energia elétrica em Belo Horizonte, para que fosse construída uma rede elétrica na rua Independência, partindo da fiação que estava situada na rua João Pires.

Foi feito um acordo entre a Companhia FORÇA E LUZ e a igreja de São Geraldo, onde o controle das pessoas que seriam beneficiadas com a energia elétrica, seria feito através da igreja, como lembra o Sr. Jair Rodrigues da Silva:

“... a igreja São Geraldo assumiu a responsabilidade de colocação de luz ... a rede principal era poste de aroeira e nós colocamos um relógio próprio e fizemos a reserva de domínio e só poderia ligar a luz, quem pagasse a cota estabelecida . Ai foi estipulada uma importância de 25 mil cruzeiros para cada um e foi feita uma comissão aqui na igreja para controlar a ligação de luz. A pessoa tinha que vim aqui, a gente batia o carimbo da Capela São Geraldo . a gente assinava e dava aquela pessoa e eles apresentava aquele recibo lá (na Companhia Força e Luz) para poder ligar a luz...”²²⁰

A assistência médica na favela era feita através do SAMDU, Serviço de Assistência Médica Domiciliar, que tinha um posto de atendimento médico no bairro Nova Suíça, bairro localizado próximo à favela. O posto de atendimento médico funcionava durante 24 horas. O atendimento era feito na própria favela, somente nos casos mais graves, quando o paciente era levado para o posto médico situado no bairro Nova Suíça, como lembra o Sr. Jair Rodrigues da Silva:

“... O SAMDU, era aqui na Nova Suíça e quando não tinha condições de levar a pessoa lá, eles mandavam o médico em casa para atender e se era caso de hospital, o próprio médico encaminhava ...”²²¹

Apesar dos bons serviços prestados pelo SAMDU, existia um grande número de mortes entre os moradores, principalmente de crianças, que não resistiam as enormes dificuldades enfrentadas, como por exemplo, dormiam sobre as folhas de eucaliptos e quando vinham as chuvas, elas ficavam praticamente ao relento.

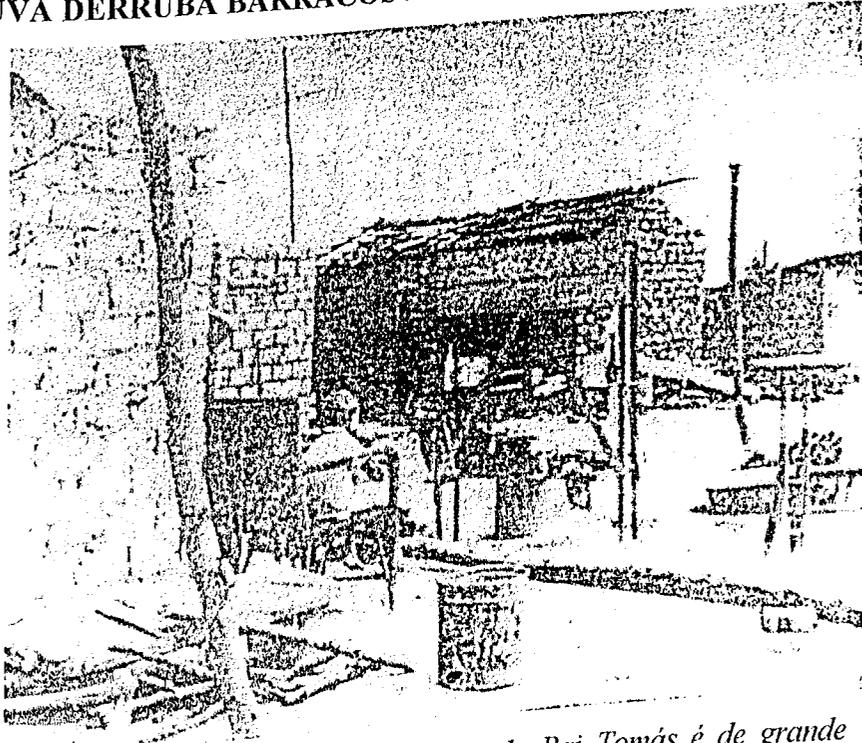
O Jornal *Diário de Minas*, na edição do dia 29/10/63, publicava a seguinte reportagem:

²¹⁹ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

²²⁰ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

²²¹ Jair Rodrigues da Silva, depoimento citado.

“CHUVA DERRUBA BARRACOS DE FAVELADOS E AINDA É AMEAÇA



A situação da favela Cabana do Pai Tomás é de grande receio pela intensidade das chuvas e dos ventos que derrubam os teto de pelo menos oito barracos e molharam a maioria dos favelados, porque mesmo os que reforçam as paredes não puderam impedir que a água entrasse pelos buracos, aumentando as ameaças de doenças ...

Dona Maria de Lourdes Campos, disse ontem que teme pela saúde de seus filhos, porque dois deles estão com gastroenterite e ficaram completamente molhados com as chuvas de domingo...

(Jornal Diário de Minas, 29/10/63)

Nas proximidades da favela, a escola mais próxima localiza – se há cerca de 3 quilômetros, no bairro Nova Gameleira, era a Escola Estadual anexa à Escola de Educação Física, mais tarde denominada Escola Estadual Professora Nair de Oliveira Santana, em virtude do assassinato da ex – diretora, Nair de Oliveira Santana, morta a golpes de faca por um pai de aluno, depois de uma discussão. Atualmente, ali funciona a Academia de Polícia Civil de Minas Gerais. O dito local antes de abrigar a escola, pertencia a um Convento de Irmãs religiosas, que professavam voto de clausura.

No decorrer do tempo, surgiram outras escolas: Grupo Escolar Cabana do Pai Tomás, que funcionava no antigo Centro Social da Cabana; Grupo Escolar Aarão Reis, que

funcionava dentro da Casa das Meninas, Convento de propriedade das Irmãs Sacramentinas de Bérnago; Escola Estadual Jardim Linhares; Escola Municipal João do Patrocínio.

No princípio da ocupação da favela Cabana do Pai Tomás não existia uma linha de ônibus para transportar os moradores ao centro da cidade, para tanto, estes tinham que pegar um ônibus que passava na avenida Amazonas. Para o acesso ao centro da cidade, fazia – se necessária a ida até a avenida Amazonas e pegar ônibus que vinha do bairro Barreiro.

Os ônibus começaram a circular na favela no final de 1965, eram os ônibus da empresa Viação ZURICK²²². A linha que circulava na favela, inicialmente situava - se estava situada no bairro Nova Suíça, depois, após uma intensa mobilização dos moradores, ela teve uma expansão até a favela. O ponto final era na rua Independência, com rua João Pires, no princípio da favela.

No princípio da ocupação, não existiam comércios para os moradores fazerem as compras de alimentos. O primeiro comércio que surgiu na favela era de um comerciante conhecido como “Lopes”, dono do “Armazém Lopes”, depois surgiu o comércio do “Seu Djalma”, vindo depois o “armazém do Seu Zé Quirino”, irmão do senhor Djalma. Antes da existência dos comércios na região, os moradores precisavam ir ao centro da cidade para fazer a compra dos alimentos.

O comerciante José Quirino, mais conhecido como “Zé Quirino”, instalou seu comércio após os primeiros meses da ocupação favela, sendo praticamente um dos únicos comerciantes presentes na favela desde o seu surgimento.

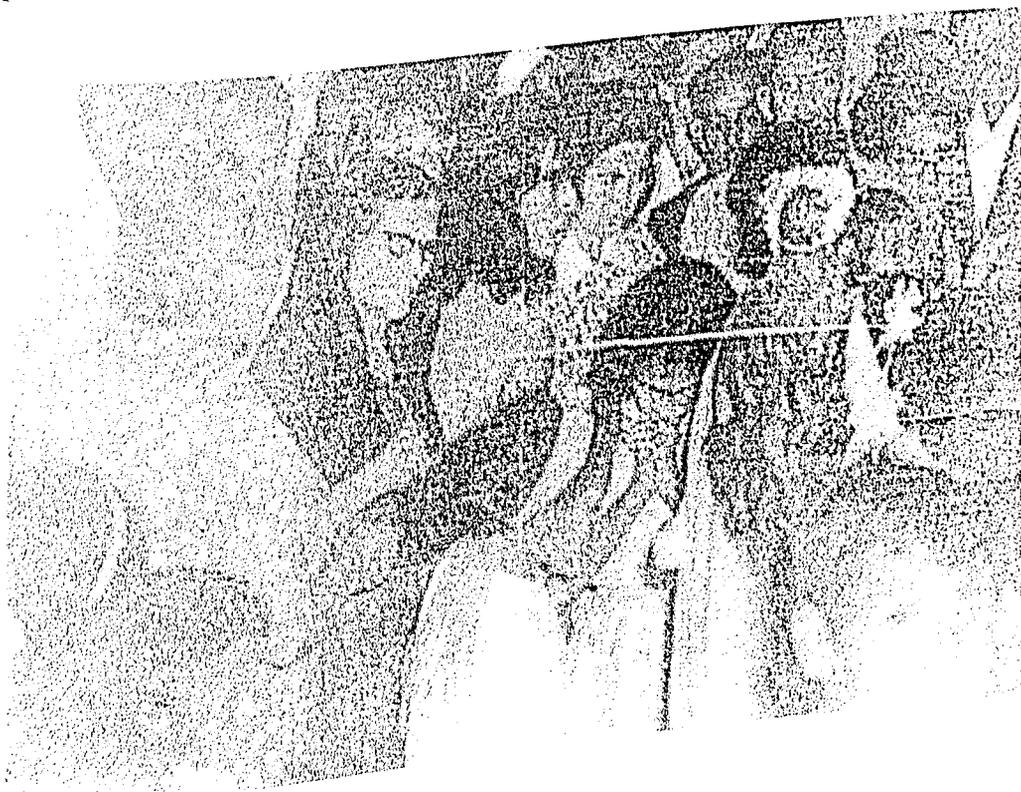
A igreja de São Geraldo, é considerada um dos marcos no processo de ocupação na favela Cabana do Pai Tomás. Inicialmente ela era uma capela, que possuía junto uma gruta. A capela e a gruta estavam localizadas dentro do eucaliptal. Após a ocupação, com o aumento da população, foi necessária a derrubada da capela e a construção da igreja de São Geraldo, cuja realização contou com a participação e apoio dos padres da Congregação

²²² A empresa que colocou a linha de ônibus na favela Cabana do Pai Tomás, chama – se Viação Zurick Ltda. sendo considerada uma das maiores empresas de transporte coletivo de Belo Horizonte. Seu fundador e presidente, chama – se João Lopes de Andrade. A empresa começou suas atividades no bairro Santa Efigênia, transferindo depois sua sede para o bairro Vista Alegre, estando no local até hoje. Para o proprietário, o crescimento da empresa, está diretamente ligado ao crescimento da favela Cabana do Pai Tomás, com a empresa possuindo uma enorme identificação com a região.

SALESIANA, que nesse momento já estavam assistindo a região, com destaque principalmente para o padre Henrique Teixeira.

A Congregação dos Padres Salesianos começou sua participação mais efetivamente na favela em 1965, quando começaram a auxiliar os moradores na construção da nova igreja. Antes sua participação se restringia ao padre Henrique Teixeira, apoiador do movimento dos moradores nas construções da capela e, dos barracos e na disputa interna pela liderança do movimento de ocupação. Um outro representante da Congregação Salesiana que vinha celebrar missa para os moradores, era o Bispo Dom João Resende Costa, hoje com 92 anos. De acordo com a lembrança dos moradores, toda vez que o Bispo vinha celebrar missa na favela, dizia a seguinte frase: Vou celebrar na Cabana do tio Tomé.

Antes da construção da igreja São Geraldo, existia entre os eucaliptos a capela de São Geraldo, onde eram realizadas as reuniões da Sociedade São Vicente de Paula. A mesma promovia diversos eventos como a Festa de São Pedro, conforme ilustram as fotos abaixo:





As missas eram celebradas pelo padre João, mais conhecido como padre João do Itaú. Os outros movimentos fundados na época foram a Congregação Mariano e a Congregação das Filhas de Maria.

A Associação Beneficente dos Moradores da Cabana foi fundada em Junho de 1965. A idéia para a formação da associação partiu do senhor Procópio Henrique Milden, um sargento reformado da Marinha, sendo ele o primeiro presidente da Associação. A sua primeira sede funcionou no Centro Social situado na Vila Antena²²³

Para alguns moradores, participar da Associação de Moradores passou a ser mais importante do que participar das atividades desenvolvidas pela igreja São Geraldo, como lembra o Sr. Raimundo Apolinário da Silva:

“... ocê para adquirir as coisa é que tinha uma Associação que corria atrás. E se ela corria atrás, todo mundo dava preferência. Tinha muita gente que deixava de ir na igreja para ir na Associação...”²²⁴

²²³ O surgimento da Vila Antena é anterior ao surgimento da favela Cabana do Pai Tomás. Ela era conhecida como “Cabana de Cima”. O nome Antena está relacionado à torre de transmissão da rádio Inconfidência, situada no principio da Vila.

²²⁴ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

O lazer dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás era, geralmente, para os homens o futebol, e para as mulheres, sair para dançar nas casas de dança existentes nas proximidades, como lembra dona Raimunda Aparecida da Silva:

“...Aqui não tinha nada e a única coisa que nós fazia era dançar na sede lá no bairro das Indústrias.”²²⁵

Para chegar às “casas de dança”, as mulheres iam a pé ao local, geralmente em grupo, voltando para casa, em torno das 3 horas da manhã.

A diversão predileta do Sr. Nelson Dias de Oliveira, fanático por futebol, torcedor do Cruzeiro Esporte Clube desde a época em que o time chamava Palestra Itália, era ir aos campos de futebol que naquela época ficavam no centro da cidade. Para isso, ele lembra que fazia o seguinte trajeto:

“... Eu ia a pé até ali na Gameleira, pegava o bonde, descia lá na cidade ou na Amazonas, lá pro lado da praça 07 e dali eu desviava pra ir no Campo do Atlético em Lourdes ou se fosse no campo do Cruzeiro que era na Augusto de Lima que eu ia também.”²²⁶

O Sr. Nelson Dias de Oliveira, lembra que fazia uma verdadeira “aventura” para ver as partidas de futebol, pois à distância da favela Cabana do Pai Tomás à estação da Gameleira é de aproximadamente 3 quilômetros. Do centro da cidade aos bairros de Lourdes ou à avenida Augusto de Lima são aproximadamente 2 quilômetros. Uma outra questão que se pode observar nas lembranças do Sr. Nelson, é que os campos citados por ele, hoje já não existem. O campo do Atlético, no bairro de Lourdes, foi demolido, dando lugar a um moderno centro de compras. O campo do Cruzeiro também foi demolido e transformado em clube de lazer.

Porém, o futebol é lembrado com uma certa tristeza pelo Sr. Divino Machado Ferreira, devido às condições em que se encontrava a favela, como por exemplo: à falta de energia elétrica:

“(o futebol) era num campo aqui perto da avenida, onde é aquele Paineiras, ali em cima, tinha um campinho e ali era o local da gente treinar. Ali era o ponto que a turma fervia na pelada. Onde é o posto de gasolina, ali tinha um bar que chamava Rancho Alegre, à tarde, tava aquela tarde bonita assim, a gente ia para lá e chegava turma assim e ficava sentado na grama olhando o movimento da avenida,

²²⁵ Raimunda Aparecida da Silva, entrevista concedida ao autor em 07/07/01.

²²⁶ Nelson Dias de Oliveira, depoimento citado.

*na hora que escurecia, dava aquela tristeza porque aqui não tinha luz e a gente saía daquela avenida toda iluminada*²²⁷

De acordo com as lembranças dos moradores, o primeiro time de futebol que surgiu na favela foi o Benfica Futebol clube. Um de seus fundadores, o Sr. Geracino França Pinto, lembra com ironia do primeiro uniforme do time:

*“O primeiro jogo de camisa que esse time foi eu e o cumpadre Raimundo e um colega que morava aqui perto que compramo. O time era até contra o nosso gosto, pois nós era Athleticano e compramo camisa azul com gola branca, pois um rapazi passou oferecendo essa camisa e foi baratinho e nós compramo essas ...”*²²⁸

Para as crianças, uma das diversões existentes era brincar no meio dos eucaliptos, o Sr. José Leônidas Resende, o Zezinho, na época com 10 anos de idade, lembra que:

*“... Brincava muito, brincava quando era eucalipto, tinha campo de futebol no meio do eucaliptal, tinha ...ahhh, brincava demais! Tinha umas brincadeira de antigamente né? Nego-fugido-presos, disso a gente brincava no meio no eucaliptal, sem perigo, sem ladrão, sem nada ... a gente tinha muito espaço, era da Avenida Amazonas ao Vista Alegre.”*²²⁹

Além do futebol, uma outra forma de lazer existente na favela Cabana do Pai Tomás era o cinema. O cinema funcionava na avenida Amazonas, próximo ao Depósito de Material de Construção São João e foi criado com o intuito de angariar fundos para a construção da igreja de São Geraldo. O cinema pertencia ao empresário Mário Coelho Filho, que o deixava sob a responsabilidade do padre Rubens Vargas Trindade, hoje com 75 anos. A exibição dos filmes se realizava aos sábados, pela manhã (sessão matinê) e à noite. O dinheiro arrecadado, ficava 50%(cinquenta por cento) para a construção da igreja e os outros 50(cinquenta por cento) ficavam com o dono do cinema. As outras diversões existentes eram ir ao Parque Municipal, geralmente aos domingos, e participar das festas promovidas pela igreja São Geraldo, quando haviam infantis.

Para os adolescentes, uma das diversões era ir ao cinema aos domingos, como lembra o Sr. José Leônidas Resende, o Zezinho:

“Catava esterco a semana inteira, vendia pra i no cinema domingo lá no bairro das Indústrias, isso foi na minha época de adolescente e aí era eu e o Balinha, nós era tão amigo e são amigo até hoje né. Mais era ali catando esterco a semana inteira e

²²⁷ Divino Machado Ferreira, depoimento citado.

²²⁸ Geracino França Pinto, depoimento citado.

²²⁹ José Leônidas Resende, - Zezinho - depoimento citado.

quando era no domingo, almoçava e batia pro bairro das Industria, vamo pro cinema.²³⁰

Durante a semana, enquanto faziam os tijolos de adobe, os moradores escutavam as novelas que eram transmitidas via rádio, como lembra o Sr. José Leônidas Resende, o Zezinho:

“É então lá pra nós fazer o adobe. para começar o barraco, fazia era assim. minha irmã massava o barro ... e eu buscava água e ela ficava amassando e escutando aquela novela ainda e que outro dia eu vi ela passando ainda, o Direito de Nascer e na mesma época nós massando o barro, nós dentro do poço massando o barro e escutando novela. (Vocês possuíam televisão?) Não nós escutava era no rádio, aquela novela o Direito de Nascer passava e ela era no rádio, na época não tinha televisão não, nem sonhava com televisão não, já existia né, mas quem tinha televisão na época era milionário”²³¹

Na época, poucos moradores possuíam aparelho de televisão na favela. Os quais cobravam dos demais, como lembra o Sr. José Martins Sobrinho:

“Naquela época para você ter uma idéia, lá em mil novecentos e sessenta e poucos, nós tinha uma televisão na Cabana, que era a da dona Dorides, que morava lá no começo da rua Independência e então os menino pagava 01 cruzeiro na época para ver televisão na casa dela e então ia lá e pagava e a casa dela ficava lotada de gente para ver televisão”²³²

As lembranças dos moradores cumprem essa função de reconstruir um passado em comum, passado que é reconstruído através das lembranças que estão no espírito desses moradores. De acordo com HALBWACHS,

para que nossa memória se auxilie com as dos outros, não basta que eles nos tragam depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastantes pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possam ser reconstruídas sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque eles passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1990:35).

²³⁰ José Leônidas Resende, - Zezinho - depoimento citado.

²³¹ José Leônidas Resende - Zezinho -, depoimento citado.

²³² José Martins Sobrinho, depoimento citado.

Essas lembranças vão aumentando a partir dos lugares comuns freqüentados pelos moradores, como por exemplo a igreja, a rua Independência, os comércios existentes, a linha de ônibus, a energia elétrica, o local da moradia. Esses lugares comuns fazem parte da vida dos moradores, sendo praticamente impossível para eles, hoje, falar da favela no principio de surgimento sem falar na igreja São Geraldo, na rua Independência e na área que estão morando.

A lembrança desses lugares serve também para a comunidade refletir as conquistas, tais como: à extensão da rede de energia elétrica para toda a comunidade, a rede de água, a linha de ônibus que passou a atender toda a favela, a existência do posto de saúde, as escolas, a maior participação na Associação de Moradores, dentre outras.

3.1. A DISPUTA INTERNA PELA LIDERANÇA DA FAVELA

A favela ia crescendo, apareciam as divergências ideológicas entre os grupos que objetivavam obter a liderança do movimento de ocupação. Começava a ficar nítida a existência de dois grupos em busca da liderança, constituindo uma disputa interna pelo poder dentro da favela.

Um grupo pertencia às pessoas que participavam da igreja católica de São Geraldo, tinha apoio dos padres SALESIANOS e o outro contava com o apoio das organizações como a Federação dos Trabalhadores Favelados, estudantes e outros, tendo como grande representante, Raimundo Gil da Silva.

A participação do morador Raimundo Gil da Silva, já falecido, no processo de ocupação da favela Cabana do Pai Tomás gera discussões entre os seus moradores. Para uns ele foi o grande líder do movimento de ocupação, sendo responsável pelas conquistas da comunidade, como lembra o Sr. Geracino França Pinto:

*“Sim, o Raimundo Gil era o grande líder, se não fosse ele, nós não estava aqui ...”*²³³

A mesma opinião é compartilhada e lembrada pelo Sr. Afonso José de Oliveira:

*“ Ohh, meu amigo (gritando), Deus que dê o reino da glória a esta pessoas que tu alembrou, do Raimundo Gil! Ele que ajudava, dava uma força e então tudo aqui era o Raimundo Gil ...”*²³⁴

²³³ Geracino França Pinto, depoimento citado.

²³⁴ Afonso José de Oliveira, depoimento citado.

Para outros, ele não era realmente um líder, mas uma pessoa que articulava o movimento, porém não sabia potencializar essa capacidade de articulação que possuía. O Sr. Raimundo Apolinário da Silva tem a seguinte lembrança do morador Raimundo Gil da Silva :

"... Ele foi um líder partidário. ele era um político, um político esperto né? Tinha muita intervenção política contra ele..." ²³⁵

O morador José Martins Sobrinho lembra que:

"... O Raimundo Gil foi só 07 meses, de julho de 1963 até março de 1964, aí acabou Raimundo Gil, Raimundo Gil foi só isso ... ele não trabalhava, ele vivia por conta do movimento e esses 07 meses passou e sobreviveu às custas do movimento ..." ²³⁶

O ex - estudante Edson de Oliveira Fantini, lembra que Raimundo Gil foi cooptado pelo movimento das ocupações, que estavam acontecendo em Belo Horizonte:

"... Ele era o líder né. Na época ele era o que tava mais na frente e aí eu fui e chamei ele para o nosso movimento, cooptamos ele e ele aceitou numa boa ..." ²³⁷

Para Vicente Gonçalves, o Vicentão, Raimundo Gil foi uma "criação" da Federação dos Trabalhadores Favelados, com o objetivo de manter a ligação do movimento de ocupação que ocorria na favela com a Federação dos Trabalhadores Favelados:

"... a gente tinha que criar as lideranças locais para manter a coalizão certo? E aí nós criamos o Raimundo Gil ..." ²³⁸

Sobre o morador Raimundo Gil da Silva, o capitão Eustáquio Murilo da Silva, comandante do policiamento na época da ocupação tem as seguintes lembranças:

"... Raimundo Gil era um líder autêntico, homem de coragem. Ele contestava a arbitrariedade dos policiais que iam na favela ... era o líder mais forte que tinha na favela." ²³⁹

Pela liderança que exercia na favela Cabana do Pai Tomás e em outras de Belo Horizonte, Raimundo Gil foi perseguido diversas vezes pela Polícia Militar. Pesava contra ele ainda, o fato de contestar as arbitrariedades cometidas pelos policiais, a exemplo da

²³⁵ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

²³⁶ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

²³⁷ Edson Fantini, depoimento citado.

²³⁸ Vicente Gonçalves - Vicentão -, depoimento citado.

acusação de planejar atentados contra o comandante militar e contra o prefeito, além de ser reconhecido pela polícia como a liderança mais forte dentro da favela. Raimundo Gil por diversas vezes foi alvo de tentativas de prisões e em episódios livrou-se de ser morto pela polícia. O Sr. José Leônidas Resende, o Zezinho, lembra como foi uma dessas perseguições:

“... O Raimundo Gil comandava tudo lá e quando a polícia vinha, ele corria e escondia num tambor que era caixa d'água, mas só ficava vazia e aí teve um que denunciou e falou assim: Oh, o homem esconde é lá em cima. E então a Polícia Militar chegou e metralhou o tambor todo e o dedo duro falou assim: Quando num tá dentro do tambor, tá dentro da cisterna, ele só esconde dentro desses dois lugares. Ai da rua os policiais chegaram e o pé de eucalipto era muito alto e pá, pá e pum (fazendo barulho de tiro com a boca) nos eucalipto e onde tava os tambor tudo e furo o tambor todo de bala e aí o cara desceu lá dentro da cisterna e proum (fazendo barulho de metralhadora com a boca) e aí um dos cara gritou assim: Acabou o homem! Os policiais foram embora, só que ele (Raimundo Gil), tava escondido naquele eucalipto do lado de lá (Apontando em direção ao bairro Altos dos Pinheiros) ...”²⁴⁰

Em entrevista ao *Jornal Correio de Minas*, Raimundo Gil fazia as seguintes afirmações:

“Vivemos num regime de terror, implantado por um capitão da polícia, chamado Eustáquio Murilo, que diz residir no terceiro andar da Prefeitura ...”

(Jornal Correio de Minas, 05/02/64)

Tanto Raimundo Gil como o morador Liberato Antônio Vieira, foram presos pela polícia diversas vezes. A prisão dos mesmos, principalmente de Raimundo Gil, causava uma imediata reação dos moradores da favela, sendo que eram organizadas diversas manifestações exigindo sua liberdade ou o relaxamento de sua prisão.

Sobre o motivo das prisões de ambos, o Sr. Liberato Antônio Vieira, lembra que a intenção das autoridades policiais era de acabar com as lideranças do movimento:

“... A revolução também me prendeu ... prendero, eu fui junto com o Raimundo Gil e o Zé do Carmo também, que era vice-presidente e o Raimundo Gil presidente e então era o seguinte: os guarda primeiro ia lançar a mão nos cabeça né? Pra poder levar eles pra lá né e chega lá me condena. Prendero nós e ainda chamando

²³⁹ Eustáquio Murilo da Silva, depoimento citado.

²⁴⁰ José Leônidas Resende - Zezinho -, depoimento citado.

nós de agitador comunista e eu nem sabia que era comunismo (rindo) de que deixava de ser comunista...²⁴¹

"... conforme no caso da gente, quando ia preso um companheiro nosso eu chamava no alto -- falante, eu chamava e reunia o povo As veiz nós ia até num caminhão velho, nós ajuntava nesse caminhão velho e ai ia mulher pelada, quais pelada, com roupa rasgada de um lado de outro, a gente tamém do mesmo jeito, menino quase nu dipindurado num braço e outro no outro (rindo) e ai nós juntava todo mundo e ia lá pra baixo e se tivesse lá no palácio do governo, nós ia lá pro palácio. Se tivesse no D.O.P.S. a gente ia no D. O.P.S. tamém e vinha quando o preso vinha com nós, senão nós ficava lá tamém (rindo) ... e eles soltava o preso, soltava, num pudia ficar lá não, se não o povo ficava tudo lá (rindo)...²⁴²

No processo de nº 14/66, em que são denunciados Edson de Oliveira Fantini e outros, IPM a cargo do delegado de Polícia D.V.S. - Raimundo Tomaz, de Belo Horizonte, constam as seguintes acusações contra o morador Raimundo Gil da Silva:

"Infringiram a Lei número 1802, de 05 de janeiro de 1953 (Lei da Segurança Nacional), infringiram os artigos 4º, combinados com o 7º e o 40º e ainda ainda 11º, 15º, e 17º da mencionada Lei: Edson de Oliveira Fantini, Raimundo Gil da Silva e outros ...

Raimundo Gil da Silva - Felipe Cupertino da Silva e Vicente Gonçalves - dos elementos militantes, agitadores mas também radicados às favelas, os três marginados foram os que mais se revelaram, tanto assim demonstraram bem não terem intencionalmente integrados no esquema, conscientes dos riscos e ansiosos pela conquista final...

Sobre os três ainda mais sobressaiu Raimundo Gil da Silva. Por sua iniciativa própria, tentou formar um "grupo dos onze"; formou na Delegação de Minas Gerais no Congresso da Cutal, o mesmo foi transferido para Brasília. Para fazer sentir sua autoridade e liderança no núcleo da Operário Estudantil, ameaçou, espancou, escorçou a favela quantas recalavam em obedecer. Enfrentou e desacatou os policiais ali destacados, foi detido, conduzido ao xadrez, mas resultou em nova prova de prestígio do homem: cerca de oitenta mulheres da Vila, conduzidas pela própria esposa do líder, por sinal presidente da Liga Feminina Local, postaram - se defronte à Delegacia exigindo a imediata soltura do líder, enquanto Francisco Nascimento, Padre Ozanam, Dimas Perrin e outros numa grande comitiva, perante o Secretário de Segurança exigiam não só a soltura do companheiro, mas a punição dos policiais, civis e militares, inclusive do oficial da Polícia Militar, responsáveis pela detenção..."

²⁴¹ Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

²⁴² Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

Dessa forma, a atuação de Raimundo Gil no princípio de ocupação da favela gera ainda hoje, controvérsias. Para alguns, diante das suas atitudes, ele pode ser considerado o grande líder do processo de ocupação da favela. Para outros, ele foi um agitador político, atrapalhando, de certa forma, o movimento de ocupação, pois atraía para a favela os órgãos responsáveis pela Segurança Pública naquele momento, impedindo os moradores de construir ou continuarem construindo os barracos.

Esses grupos existentes na favela, por diversas vezes, se confrontavam entre si e uma das formas de confronto era a utilização dos altos – falantes, que eram utilizados para a comunicação direta e rápida com os moradores da favela. Qualquer anúncio que fosse necessário, o meio mais fácil era a utilização desses aparelhos. No “grupo da igreja” o alto – falante localiza-se na torre da igreja São Geraldo e no “grupo do Raimundo Gil”, no alto de uma árvore de eucalipto, dentro de sua residência, na rua Independência.

O Sr. José Leônidas Resende, o Zezinho, lembra a utilidade do alto – falante:

“... lá na casa dele (Raimundo Gil), tinha um alto – falante num eucalipto e o alto – falante era para convocar pruma Assembléia, pruma reunião e por alguma coisa que tava acontecendo em alguma parte da favela e aí o alto – falante era pra aquilo ...”²⁴³

Essa “alguma coisa” mencionava pelo morador José Leônidas, o Zezinho, referia – se era a atuação das autoridades policíacas que chegavam à na favela na tentativa de prender os líderes do processo de ocupação ou aquelas pessoas que apoiavam, coordenavam ou simpatizavam com movimentos dos favelados.

Uma das pessoas mais visadas de prisão pela polícia, além das lideranças do movimento como Raimundo Gil, Zé do Carmo²⁴⁴ e Liberato Vieira, era o Padre Lage, por ser este um dos líderes do processo de ocupação de áreas que ocorriam em Belo Horizonte. Uma das dessas tentativas de prisão foi presenciada dessa forma pelo Sr. José Leônidas Resende, o Zezinho, que lembra da solução encontrada pelo Padre Lage para não ser preso:

“... então tava tendo uma Assembléia ali, decida tudo na Assembléia, entendeu? E então tava o Dimas, o Padre Lage, Raimundo Gil. Tava todo mundo lá e a polícia cercou tudo, a Cavalaria chegou por cima, chegou por baixo e cercou e falou

²⁴³ José Leônidas Resende – Zezinho –, depoimento citado.

²⁴⁴ Zé do Carmo é citado por grande parte dos depoentes como um dos principais líderes do processo de invasão na favela Cabana do Pai Tomás. Ele ainda mora na favela, no entanto, não foi possível entrevistá-lo devido ao seu estado de saúde.

*assim: Olha, nós tamo com mandato para buscar o Padre Lage, ele tai e então ele vai ter que passar por esse corredor! Vai sair todo mundo de um em um! Ai tinha um cara no meio daquela multidão de gente e o cara com a máquina de cortar cabelo. Tiraro a roupa dele, meteram a máquina na cabeça dele e ele ficou carequinha e foi embora. Passou na cara da policia e foi embora. E quando saiu o último, a policia falou: O que é isso? O cara foi embora e só tava os cabelos dele no chão e a roupa dele (rindo)...*²⁴⁵

A disputa ideológica através dos altos – falantes, era intensa, quando um grupo colocava o seu alto – falante para funcionar, o outro copiava o ato. Por diversas vezes aconteciam ameaças, como lembra o morador José Martins Sobrinho, pertencente ao “grupo da igreja”:

*“... Então, quando a gente botava música, às vezes, ou qualquer coisa aqui e eles tinham algum movimento aqui, eles mandavam falar que desliga isso ai, senão eu vou arrancar ...”*²⁴⁶

O grupo comandado por Raimundo Gil, incentivava a ocupação dos terrenos onde estava a igreja São Geraldo, alegando que a igreja não precisava de terrenos e quem precisava de casas na verdade eram os moradores. O morador José Martins Sobrinho, um dos líderes do grupo da igreja, lembra que esta não era contra o movimento de ocupação, o que eles não poderiam deixar, era que o terreno ocupado e reservado para a ampliação da capela de São Geraldo fosse ocupado

*“nos chegamos às vezes a ter que passar a noite ali tomando conta de tudo e mais ... a igreja não era contra a invasão, a igreja só não apoiava as idéias que eram apoiadas ali...”*²⁴⁷

O grupo liderado por Raimundo Gil praticamente comandava o processo de ocupação da favela Cabana do Pai Tomás. De acordo com as lembranças do Sr. Raimundo Apolinário da Silva, as pessoas que iam ocupar uma área na favela, tinham que pedir autorização para Raimundo Gil ou para algum integrante do seu “grupo”:

*“... Não era chegar e invadir não, chegava ai e combinava com o grupo, o grupo do Gil (Raimundo), esse grupo era mais ou menos coligado com ele, se ele falasse que não, não tinha jeito ...”*²⁴⁸

²⁴⁵ José Leônidas Resende – Zezinho – , depoimento citado.

²⁴⁶ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

²⁴⁷ José Martins Sobrinho, depoimento citado.

²⁴⁸ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

O Sr. Liberato Antônio Vieira que pertencente ao grupo do Raimundo Gil, lembra como funcionava a divisão dos terrenos:

*" ... nesse momento nós já tinha uma diretoria mais ou menos organizada e então agente aqui da diretoria organizava uma área na base assim ... de 20X12 ... deixando sempre uma rua aberta para um veículo passar ... assim, quando a pessoa chegava, a gente perguntava onde ela morava, o endereço tudo certinho onde ele tava morando ou onde ele tivesse morando e depois mandava 02 membros do nosso conselho fiscal que também era diretor e marcava com a pessoa 07 dias depois para ele ir lá visitar ele e então a gente ia ver essas pessoas que iam lá e iam saber se era dono do próprio terreno, se ele vivia de aluguel ou se era lote dele ou coisa assim e quando era no 7º dia, logo após também nós já tinha membros aqui falando que quem vai marcar a área vai ser fulando de tal que deverá chegar e coisa e tal ..."*²⁴⁹

Essa preocupação com o tamanho das áreas destinadas para cada morador, de uma área de 240m², demonstrava uma preocupação com a organização/urbanização da favela. O tamanho da área proposta era completamente diferente ao que estava sendo proposto pelos estudos da Secretaria do Trabalho, onde pretendiam adotar áreas mínimas de 40m² para os favelados. Esse tamanho da área mínima, 40m², foi considerado pequeno demais pelos moradores da favela Cabana do Pai Tomás, bem como pela Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte.

A preocupação da organização/urbanização relatada pelo morador Liberato Antônio Vieira, de deixar espaços para a passagem de automóveis e de não deixar becos era constante para as lideranças dos favelados da favela Cabana do Pai Tomás, que no entanto, só foi realizado em uma parte da favela, no lado debaixo da rua Independência.

Uma outra disputa envolvendo os dois grupos que disputavam a liderança dos moradores era em relação ao nome da favela. O grupo comandando por Raimundo Gil pretendia dar o nome de Vila Operária Estudantil em homenagem aos estudantes que participavam do momento e fazendo relação ao momento político que passava o país.

O grupo da igreja defendia o nome de favela Cabana do Pai Tomás, atribuído desde o início da ocupação e que já estava familiarizado no meio do povo. Nessa "disputa" acabou vencendo o grupo da igreja com a permanência do nome Cabana do Pai Tomás. O Sr. Raimundo Apolinário da Silva lembra que houve a tentativa de colocar o nome na favela de

²⁴⁹ Liberato Antônio Vieira, depoimento citado.

Vila Operária Estudantil, mas a população não aceitou, pois o nome Cabana já estava “cristalizado” no meio da população.

“... a história da Vila Operária Estudantil ... porque lá tinha um paralelo, uma disputa com a igreja, começou assim a colocar esse nome e exatamente eu num sei porque, tiraram né. O primeiro nome da favela que tinha era esse, Cabana. Depois que passou a ser ... não já tinha a Cabana, já tinha a Cabana, a Cabana nunca acabou. Essa Vila Operária Estudantil eles tentaram colocar, mas a população não aceitou ...”²⁵⁰

Para o ex- estudante Edson Fantini, a mudança do nome de Cabana do Pai Tomás para Vila Operária Estudantil, estava relacionada com a questão cultural. Para ele, o que menos os moradores desejavam eram a mudança do nome da favela. A mudança do nome estava ligada à circunstância política da nação, todavia, grande parte dos moradores não entendia o que estava acontecendo. Ele lembra que os moradores pretendiam tão somente um lugar para construir seu barraco e morar:

“... Não pegou, porque num pegou eu num sei ... nós colocamo na época e num foi pra frente... acho que fundo que explica aí era o problema cultural ... os cara num tava nem aí pra nada, faltava uma consciência política do povo na época ...”²⁵¹

Os moradores que não participavam diretamente da organização do movimento, não sabiam que ocorriam essas disputas internas dentro da favela. Para eles, interessava de fato, a assistência e os, sem se importar recursos, da onde vinham os mesmos. Os recursos poderiam chegar tanto da Prefeitura Municipal, do Governo do Estado, da Igreja, do Exército, da Associação de Moradores, de empresários. O importante para esses moradores, à margem da “disputa”, era receber apoio para construir os barracos e sobreviver na favela, independente da proveniência dos auxílios.

Com o golpe Militar de março de 1964 desapareceram todas as organizações que lutavam e reivindicavam por melhorias no setor de moradia em Belo Horizonte, praticamente encerrando o processo de mobilização que acontecia. Na favela Cabana do Pai Tomás, por exemplo, o grupo liderado por Raimundo Gil praticamente desapareceu do cenário de lutas e reivindicações em prol de melhorias para favela, sobressaindo a partir daí, o grupo liderado pelas pessoas que participavam da igreja São Geraldo, por isso muitos moradores afirmam que a liderança de Raimundo Gil foi somente até março de 1964.

²⁵⁰ Raimundo Apolinário da Silva, depoimento citado.

O desaparecimento do cenário de lutas na favela Cabana do Pai Tomás por parte do grupo liderado por Raimundo Gil, deveu -se principalmente à prisão de seus principais líderes como por exemplo Raimundo Gil, Sr. Liberato, Zé do Carmo. Além da prisão dos líderes, houve também a prisão das pessoas que apoiavam o movimento a exemplo o ex - estudante Edson Fantini, para quem o movimento acabou com o golpe de 1964,

“... (o movimento) acabou para mim a partir de 1964 ... eu viajei para o exterior, voltei e morei no Rio, mas fiquei quieto, porque num podia ficar dando as caras lá e praticamente eu num tinha mais atividade política, num tinha atividade social, de liderança.”²⁵²

Sérgio de Azevedo e Mariza Resende Afonso afirmam que,

com o movimento militar de 1964, todas as organizações foram durante reprimidas. Seus líderes foram presos, torturados, sendo alguns deles condenados a cumprir pena. Suas sedes foram invadidas, vasculhadas à procura de material “subversivo”, sendo, posteriormente, fechadas e entregues à administração da Prefeitura (AFONSO & AZEVEDO; 1987:118).

De acordo ainda com Mariza Afonso e Sérgio Azevedo,

a interventoria tomou algumas medidas que deveriam, supostamente, proteger os moradores das áreas sob sua influência: baixou portaria extinguindo o pagamento dos aluguéis das moradias construídas em vilas e favelas e, sugeriu à Câmara Municipal a instalação, nesses locais, de órgãos públicos de assistência aos favelados (AFONSO E AZEVEDO; 1987:118).

No entanto, nenhuma das medidas chegou a ser realizada, em face dos atos antipopulares tomados pelos governos que assumiram o Brasil no período de 1964 a 1985.

O movimento de 1964, acabou com articulação do grupo liderado por Raimundo Gil da Silva, mas essa desarticulação não significou o fim da organização dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás. A organização e a articulação do movimento, a partir daquele momento seriam feitas pelo “grupo da igreja”, que juntamente com a Associação dos Moradores passaram a reivindicar e a conquistar melhorias para os moradores.

²⁵¹ Edson Fantini, depoimento citado.

²⁵² Edson Fantini, depoimento citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa associação entre o habitar nas favelas e as condições de vida nelas existentes levou um processo de discriminação de seus moradores. Morar na favela, passaria a ser sinônimo de “bandidagem” e criminalidade e não a falta de condições de ter acesso a uma moradia digna.

No entanto, as lembranças dos moradores da favela Cabana do Pai Tomás não está presente essa discriminação:

“Não, eu tenho orgulho de morar aqui”²⁵³

“Que quer dizer essa palavra discriminado? Desasrespeitado? Ninguém nunca desrespeitou minha moral e eu nunca desaspeitei a moral dos outros. L'ico satisfeito de morar na favela, tenho orgulho de morar na favela, sabe porque? Porque eu acho assim, eu sou a pessoa que não tenho dinheiro e o apoio e o que eu achei foi morar na favela e eu me sinto satisfeito, felizzzz de mim se eu não morasse na favela, as veiz eu tava pagando um aluguel brabo aí, sabe como é que é né? Sem poder, que a situação ta meia difícir, sê ta entendendo? E eu me sinto satisfeito em morar na favela, me sinto alegre, tranqüilo de morar na favela.”²⁵⁴

“Muitas vezes, tinha alguma pessoa que tocava sobre esse assunto (morar na favela) e a gente procura conversar e esclarecer as coisa para ele e com o tempo, eles tira a conclusão que num é aquilo que eles ta pensando. A gente vai conversando, explicando, temo isso, temo aquilo e temo isso e temo aquilo e com o tempo eles fala que ocê são bem prejudicado.”²⁵⁵

Percebe – se nas lembranças dos moradores, que eles têm a preocupação de mostrar o que é morar na favela, demonstrando sentimentos como: felicidade, satisfação e de tranqüilidade em morar na favela. Lembram das conquistas, de como conseguiram construir seus barracos e de algumas cenas do cotidiano presentes na memória.

A discussão sobre a marginalidade e criminalidade envolvendo a população favelada de Belo Horizonte reporta – se à construção e o surgimento da nova Capital, quando houve descaso com a habitação dos operários e trabalhadores, existindo a partir daquele momento uma separação nítida e clara entre os bairros destinados para uma suposta elite e para os operários.

²⁵³ Zúlvia Pereira Dobrowinski, depoimento citado.

²⁵⁴ Afonso José de Oliveira, depoimento citado.

²⁵⁵ Divino Machado Ferreira, depoimento citado.

De acordo com Leticia Julião, em Belo Horizonte nesse momento, já existia uma lógica segregacionista, perpetuando as fronteiras entre ricos e pobres. Para ela,

o plano (diretor) apresentava sinais de atomização urbana, uma vez que tendia a classificar os espaços de acordo com funções distintas, isto é, fixavam - se áreas específicas para a moradia, o trabalho, o comércio, o lazer. São curiosas, as denominações, como por exemplo, do bairro dos Funcionários ou da avenida do Comércio, indicativas de lugares na Capital que pareciam reservados exclusivamente para um tipo de atividade ou grupo social (JULIÃO:1996:60).

Para Berenice Martins Guimarães, a primeira vez que a associação entre marginalidade e criminalidade nas favelas apareceu nas manchetes dos jornais foi em 1935. As manchetes eram as seguintes:

"Assassinato na Villa Palmital" (Estado de Minas, 9 ag.1935.p.10): "Facadas na Villa São Francisco" (Estado de Minas, 16 ag.1935. p. 10) : "Ferido a tiro misteriosamente na Acaba Mundo" (Estado de Minas, 25 set. 1935. p. 4). Decorre daí a diferenciação entre as vilas e as vilas - favelas, deixando as primeiras de usar, gradativamente, essa denominação (GUIMARÃES,1991: 196).

De acordo com Sarah Escorel, a marginalidade urbana passou a ser considerada um problema "prático" somente após a 2ª guerra mundial, quando começava a existir no Brasil a falta de habitação para as populações mais carentes:

No começo dos anos 50 a marginalidade apresentava - se como uma realidade espacial, como sinônimo de favela e conglomerados habitacionais precários. A intensidade da urbanização e a segregação habitacional dos novos moradores das cidades aumentou a concentração da pobreza em áreas sem equipamentos urbanos, conferindo - lhe alta visibilidade. Essas áreas constituíam locais de moradias periféricos. seja em relação à centralidade urbana seja em termos de infra - estrutura (ESCOREL;1999:42).

Continuando ainda sua definição de marginalidade urbana, Sarah Escorel, afirma que, em um segundo momento associou - se ao habitat uma maneira de viver e uma situação de vida: baixo nível de renda e educação, subemprego e desemprego, desorganização familiar e falta de participação social. O grupo que vivia sob essas condições era geralmente formado por migrantes, e estaria à margem do dinamismo urbano - industrial (ESCOREL;1994:42).

Essa associação entre favela, marginalidade e criminalidade é questionada por alguns moradores da favela Cabana do Pai Tomás. O fato de morar na favela não significava para eles estar à margem da sociedade; pelo contrário, o fato de morar na favela devia - se, unicamente, à falta de condições financeiras para conseguir um melhor local para morar.

O morador José Alves Garcia, o Sargento Garcia, faz a seguinte afirmação:

*"A principio a gente se via assim, jogado, menosprezado por eles todos. O pensamento que eles tem do povo que vive em favela, que todos são iguais no sentido de marginalidade, pessoas que vivem à margem da lei. Tem pessoas que caçam uma favela porque tem facilidade de esconderijo, de também de usar tráfico de drogas, enfins, ele tem mais facilidade. Na verdade a gente vê que o lugar mais populoso, o lugar de menos influência policial, os marginais tem mais liberdade, tem atividade e por essa razão é que eu acho que mora em favela são discriminados. Tem muitas pessoas formada, boníssima, muitas pessoas que é verdadeiro cidadãos que o principio deles foi em favela, morava em favela, vivero em favela e então a gente vê que num é o lugar..."*²⁵⁶

O morador José Alves Garcia, o Sargento Garcia traz na sua afirmação, algumas afirmações pertinentes: existe essa marginalidade hoje na favela, devido ao aumento considerável da população. E esse aumento da população trouxe consigo a criminalidade, fato que não existia de acordo com suas lembranças. Além da criminalidade que passou a existir na favela, foi incorporada a discriminação ao morador favelado.

Assim, entra em questão uma outra afirmação do "Sargento Garcia": a de que na favela existem moradores que possuem uma boa formação cultural, "pessoas formadas" moram na favela.

Ainda sobre a afirmação do "Sargento Garcia", lembro dos meus colegas com os quais estudei na Escola Estadual Professora Nair de Oliveira Santana e que moravam e moram na favela atualmente. Muitos concluíram o ensino superior nos mais diversos cursos: Publicidade, Turismo, Administração, Engenharias (Elétrica, Civil Mecânica), Ciências Contábeis, Medicina, Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar (CFO) entre outros. Todos afirmam que o fato de morar na favela não foi um impedimento para dar continuação dos estudos, pelo contrário, o fato de morarem na favela servia de estímulo, de fator motivador para que estudassem.

Além do mais, a favela Cabana do Pai Tomás, ainda hoje se destaca em Belo Horizonte pela formação política de seus moradores adquirida desde a época da ocupação, assim, existe um sentimento de tristeza entre os moradores mais antigos, que participaram do movimento de ocupação, quando a favela atualmente é lembrada somente como sinônimo de violência e criminalidade.

²⁵⁶ José Alves Garcia - Sargento Garcia -, depoimento citado.

Alguns, como o Sr. Divino Machado Ferreira, tem orgulho de falar que é favelado, de ter criado praticamente toda a família na favela:

“Sinto (orgulho), graças a Deus. Eu criei minha família quase toda aqui.”²⁵⁷

Ao “dar voz” aos moradores ficava claro para mim, que existia entre eles o sentimento de orgulho de falar que moram na favela Cabana do Pai Tomás, de terem criado praticamente toda a família no local, de terem “lutado” para manter a posse da área ocupada, de valorizarem as conquistas. Para ECLÉA BOSI,

a lembrança de certos momentos públicos (guerras, revoluções, greves) pode ir além da leitura ideológica que eles provocam na pessoa que os recorda. Há um modo de viver os fatos da história, um modo de sofrer – los na carne que os torna indelévels e os mistura com o cotidiano, a tal ponto que já não seria fácil distinguir a memória histórica da memória familiar e pessoal (BOSI;2001:464).

A partir de 1964 com o Regime Militar, os momentos públicos na favela Cabana do Pai Tomás foram praticamente extintos com o enfraquecimento dos trabalhos realizados pela Associação de Moradores, pela Igreja e por outros órgãos que apoiavam os moradores.

No final dos anos 70, os movimentos existentes na favela começaram a se reestruturar, contando com o apoio principalmente da igreja Católica. Para WILLIAN CÉSAR CASTILHO PEREIRA, o que estava acontecendo na favela Cabana do Pai Tomás era o seguinte:

A partir de 1979, com a ajuda de setores da igreja Católica, sob a orientação da Teologia da Libertação, a comunidade da Cabana, mais uma vez reestruturou suas lutas cotidianas. Para quem já tinha história e tradição de embates não foi difícil retomar a prática. Era a força do recalçamento cedendo ao desejo de mudança. (PEREIRA;1999:151).

A igreja Católica também se transformava com o surgimento das CEBs – Comunidades Eclesiais de Base. De acordo com WILLIAM CÉSAR CASTILHO PEREIRA,

Através da formação de inúmeros grupos, surgiram pequenas comunidades (Alto do Vista Alegre, Antena, Cabana Centro, Fundo da Colina, Madre Gertrudes, Nova Cintra, Nova Gameleira, Patrocínio, Pedreira, Vila São José, Vista Alegre) e respectivamente projetos vitais que correspondiam às demandas daquela população. Não se tratava de uma segunda etapa da luta, desvinculada da primeira. Pelo contrário, gradativamente, realizou – se uma releitura da história de resistência e de organização anterior do povo (PEREIRA;1998:39).

E nesse processo de reestruturação das lutas cotidianas, começavam a surgir novas organizações de apoio aos moradores como o Fundo Cristão para a Criança, mais conhecido entre os moradores como "Cruzada", começando a desenvolver suas atividades com os moradores no final na década de 60, através da criação de projetos sociais.

Por parte do governo do Estado, surgem programas que objetivam uma melhoria na qualidade de vida dos moradores, como o PRODECOM – Programa de Desenvolvimento das Comunidades, em 1979 e o PRÓ - FAVELA EM 1989.

Aconteciam também novos projetos comunitários, como a reorganização da Associação de Moradores, que passava a defendê – los das causas impetradas pela Construtora FAYAL no sentido de rever a posse dos terrenos ocupados.

Surgiam novas conquistas, como o posto de saúde, o saneamento básico (água e esgoto) implantado em praticamente em toda a favela, a instalação de telefones públicos, o surgimento de novas escolas e grupos preparatórios para o vestibular, com destaque para o "Barracão" e mais recentemente o curso Pré – Vestibular fundado pelo Padre Sebastião Teixeira. Aconteceu também a extensão da rede elétrica para quase todos os barracos da favela.

Passavam a existir também, projetos de formação política, com os moradores participando e atuando nos processos eleitorais para vereadores, prefeito, deputados e presidente. Acrescenta – se ainda o surgimento de movimentos sociais que visavam à conscientização do negro, da mulher e do menor.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Mariza Resende; SOMARRIBA, Maria das Mercês Gomes, VALADARES, Maria Gezica. Surgimento e evolução do associativismo de base em Belo Horizonte. In: ____ *Lutas urbanas em Belo Horizonte*. Petrópolis: Vozes, 1984. p.30-55.
- AFONSO, Mariza Resende; AZEVEDO, Sergio. Cidade, Poder Público e Movimentos de Favelados. In: POMPERMAYER, Malori José. *Movimentos sociais em Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG, 1987. p.111-140.
- ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1998. p.07-24.
- ARNS, Paulo Evaristo. Repressão contra tudo e contra todos. In: ____ (Prefácio) *Brasil nunca mais*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 85-168.
- BERGSON, Henri. Do reconhecimento das imagens. A memória e o cérebro. In: ____ *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 83-153.
- BLAY, Eva Alterman. Habitação: A política e o habitante. In: ____ (Org.) *A luta pelo espaço: Textos de sociologia urbana*. Petrópolis: Vozes, 1979. p.76-124.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484p .
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: UNICAMP, 2001. 554p.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar e cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2000. 372p.
- D'ALESSIO, Márcia Mansor. Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora. In: *Revista Brasileira de História: Memória, História e Historiografia*. São Paulo, V. 13, n. 25,26, p.97-104, set.92/ago 1993.
- DEPAULE, Jean- Charles; TOPALOV, C. A cidade através de suas palavras. In: BRESCIANI, M.S. (org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2001. p. 17-40.
- ESCOREL, Sarah. *Trajétórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: 1999. 275p.
- GUIMARÃES, Berenice Martins. *Cafuas, barracos e barracões: Belo Horizonte, cidade planejada*. 1991, 323p. Tese de Doutorado. IUPERJ, Rio de Janeiro, 1991.

- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. 189p.
- LEITE, Miriam L.M. Texto visual e texto verbal. In: FELDMAN – BIANCO, B. ; LEITE, M. L.M. (orgs.) *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. 2.ed. São Paulo: Papyrus, 1998. p.37-50.
- JULIÃO, Leticia. Belo Horizonte: Itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: ALMEIDA, Marcelina das Graças. et al. *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: Com Arte, 1996. p.49-118.
- KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação social. In: *Projeto História: revista do programa de estudos pós – graduados em história e do departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, n°22, p.79-104, junho de 2001.
- KOWARICK, Lúcio. *A Espoliação Urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1983. 202p.
- LEFEBVRE, Henri. *O Direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991. 145p.
- MARINS, Paulo C. G. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando A., SEVCENKO Nicolau (orgs.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, V.3.. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.131-214.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história”. Tradução de Yara Aun Khoury, In: : *Projeto História: revista do programa de estudos pós – graduados em história e do departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, n°10, p 7-28, dez.1993.
- PEREIRA, William César Castilho. *Do “direito à vida”: As relações moradores/estado na construção de um projeto de Saúde mental (A história da Cabana do Pai Tomás)*. 1999p.113-188-. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.
- _____. *O adoecer psíquico do subproletariado*. 3.ed. Belo Horizonte: Segrac, 1998. 253p.
- SANTIAGO, Carla Ferreti. *O lugar de morar: Estado, igreja e moradores na produção da habitação popular em Belo Horizonte (O Bairro Dom Cabral, 1959/1981)*. 1993, 134p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1993.

- SECRETARIA DO ESTADO DO TRABALHO E CULTURA POPULAR (Minas Gerais)/Departamento de Habitação Popular. *Levantamento da População Favelada de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, 1966. 68p.
- SECRETARIA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL (Minas Gerais), Levantamento histórico – Aglomerado Cabana do Pai Tomás. Belo Horizonte, 1984.
- SEIXAS, Jacy Alves. Os campos (in) elásticos da memória: Reflexões sobre a memória histórica. In: SEIXAS, J.A.; BRESCIANI, M.S.; BREPOHL, M. *Razão e paixão na política*. Brasília: UNB, 2002. p.59-80.
- _____. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in) atual para a história? In: *Projeto História: revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, São Paulo, n°.24, p.43-63, junho de 2002.
- _____. Halbwachs e a memória – reconstrução do passado: memória coletiva e história. In: *História*, São Paulo, v.20, p.93-108, 2001.
- _____. *Memória e percepção: "... o edifício imenso da lembrança" e a relação presente – passado*. (texto datilografado).
- SILVA, Maria Ozanira da Silva. *Política habitacional brasileira: verso e reverso*. São Paulo: Cortez, 1989. 199p.
- STOWE, Harriet B. *A Cabana do Pai Tomás*. Trad: Herberto Sales. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983. 118p.
- VIEGAS, Luis. Aspecto sócio-econômico das favelas. In: *Desfavelamento em Belo Horizonte*. Departamento de Bairros Populares, 1955. 55p.

ANEXOS

1. Relação dos bairros de Belo Horizonte, por regional, em 1996:

VENDA NOVA	064 - Liberdade	129 - Via Oeste	101 - Nova Granada
001 - Santa Mônica	065 - São Francisco	130 - João Pinheiro	192 - Grajaú
002 - Teflon	066 - Santa Rosa	131 - Dom Cabral	193 - Alto Barroca
003 - Copacabana	067 - Dona Clara	132 - Campus da PUC	194 - Barroca
004 - Cobi Azul	068 - Univeritário	133 - Coração Eucarístico	195 - Califas
005 - Lagoa		134 - Minas Brasil	196 - Nova Suíça
006 - São Paulo	NORDESTE	135 - Padre Eustáquio	197 - Gaveleira
007 - Lagorinha	069 - Maria Virginia	136 - Padre Prates	198 - Salgado Filho
008 - Maria Helena	070 - São Paulo	137 - Carlos Prates	199 - Nova Carneleira
009 - Nova América	071 - Eyman	138 - Bonfim	200 - Patrocínio
010 - Maripocera	072 - Praia	139 - Podriza Prado Lopes	201 - Cabana
011 - Espionador	073 - Maria Getzi	140 - Lagorinha	202 - Jardimópolis
012 - Jardim dos Comerciantes	074 - Dom Sábino		203 - Glória
013 - Europa	075 - São Gabriel	LESTE	204 - Madre Gortuldes
014 - Letícia	076 - Ribeiro de Abreu	141 - Colégio Batista	205 - Vista Alegre
015 - Rio Branco	077 - Paulo VI	142 - Sagrada Família	206 - Nova Cintra
016 - São João Batista	078 - Capitão Eduardo	143 - Horto	207 - Belémia
017 - Venda Nova	079 - Gonzagas	144 - Instituto Agrônomico	208 - Circoantônio
018 - Minas Casa	080 - Jardim Vitória	145 - Santa Inês	209 - Marajó
019 - Santa Vista	081 - Vila Brasília	146 - Nova Vista	210 - Herval
	082 - Avareda	147 - Boa Vista	211 - Nova Barroca
NORTE	083 - São Marcos	148 - Espinácio	212 - Estoril
020 - Canaã	084 - Dona Joaquina	149 - São Geraldo	213 - Bairro das Mandueas
021 - Juliana	085 - União	150 - Casa Branca	214 - Estrela D'Alva
022 - Fim Lencóides	086 - Cidade Nova	151 - Caetano Furquim	215 - Parque São José
023 - Elisbete Carneiro	087 - Ipanema	152 - Vera Cruz	216 - Palmeiras
024 - Jangadeiro	088 - Pombares	153 - Pompéia	217 - Buritis
025 - Área rural Norte	089 - Santa Cruz	154 - Saudade	BARREIRO
026 - Industrial Rodrigues da Cunha	090 - São João Batista	155 - Taquara	218 - Cílios D'Água
027 - Tupy	091 - Cachoeirinha	156 - Balsa	219 - Pílar
028 - Guarani	092 - Rincãoçoça	157 - Novo São Lucas	220 - Vila Carmo
029 - Astor Pires	093 - Nova Floresta	158 - Paraisópolis	221 - Filipe Marques Lisboa
030 - Previdência	094 - Bairro da Graça	159 - Santa Tereza	222 - Araguaia
031 - Primavera do Meio	095 - Corcondia		223 - Bonassesso
032 - Municipalidade	096 - São Cristóvão	CENTRO-SUL	224 - Mêsadas
033 - São Bernardino		160 - Floresta	225 - Novo das Indústrias
034 - Helópolis	NOROESTE	161 - Santa Espérina	226 - Bairro Cms Indústrias
035 - Fioravante	097 - Santo André	162 - São Lucas	227 - Barroco de Baixo
036 - Jardim Felicidade	098 - Nova Esperança	163 - Vila Cafezal	228 - Santa Margarida
037 - Soleneas	099 - Dom Jesus	164 - Parque das Mangabeiras	229 - Vila de Paiva
038 - Monte	100 - Aparecida	165 - Mangabeiras	230 - Conq. João Paulo II
039 - Vila Clara	101 - Nova Cachoeirinha	166 - Serra	231 - Malboroado
040 - Caminho Alegre	102 - Ermeida	167 - Cruzeiro	232 - Conq. Teixeira Dias
041 - Planaltina	103 - Aparecida - Setima Seção	168 - Anchieta	233 - Santa Helena
042 - São Tomaz	104 - Sumaré	169 - Sion	234 - Uruguar
	105 - Caipara	170 - São Pedro	235 - Uruçuara
PAMPULHA	106 - Caipara - Antecissa	171 - Canno	236 - Cerq. Pongelupe
043 - Kapuá	107 - Monsenhor Messias	172 - Savassi	237 - Brasil Industrial
044 - Santa Branca	108 - Jardim Montanhães	173 - Funçãoários	238 - Vila Pinho
045 - Santa Amélia	109 - São José	174 - Centro	239 - Diamante
046 - Jardim Atômico	110 - Inco-silência	175 - Lourdes	240 - Olaria
047 - Garças	111 - Ipanema	176 - Santo Antônio	241 - Tiro
048 - Trevo	112 - Fm Eustáquio	177 - Morro de Papagaio	242 - Lincéia
049 - Nova Pampulha	113 - Primavera	178 - Bolvadere	243 - Durnal de Barros
050 - Xagrijá	114 - Alípio de Melo	179 - Santa Lúcia	244 - Regina
051 - Brancas	115 - Soriano	180 - São Pedro	245 - Túnel da Kuridá
052 - Sarandi	116 - São Salvador	181 - Vila Paris	246 - Itaipu
053 - Barão de Itaipu	117 - Coripemas	182 - Luxemburgo	247 - Marandia
054 - Santa Tereza II	118 - Glória	183 - Coração de Jesus	248 - Jatobá
055 - Castelo	119 - Avano Campos	184 - Cidade Jardim	249 - Vila Cristóvão
056 - Paqueta	120 - Dom Bosco	185 - Santo Agostinho	250 - Santa Cecília
057 - Ouro Preto	121 - Califórnia	186 - Bairro Prato	251 - Vila Santa Rita
058 - Ergulino Norberto	122 - Procerama	187 - Prado	252 - Vale do Jaboti
059 - Campus da UFMG	123 - Fátima	OESTE	253 - Liberdade
060 - São José	124 - Alto dos Figueiros	188 - Gutierrez	254 - Patópolis
061 - São Luiz	125 - Con. Benedito Valadures	189 - Morro das Pedras	255 - Independência
062 - Aeroporto	126 - Camargos	190 - Jardim América	256 - Mineirão
063 - Jaraguá	127 - Vila Virginia		257 - Área rural Sul
	128 - Santa Maria		

02. Reportagem publicada no jornal *Estado de Minas*, no dia 03/04/2002

Traficantes travam guerra com a polícia

NEWTON CUNHA

A morte do pedreiro Ailton Moreira Teodoro, de 23 anos, na madrugada de segunda-feira, na favela do Vista Alegre, no conglomerado do Cabana, Oeste de da capital, uma das regiões mais violentas da cidade, deflagrou uma guerra de moradores e traficantes aos policiais do Batalhão Rotan, acusados do assassinato.

Ontem, no início da tarde, uma viatura da Rotan, ao apontar armas para moradores, foi recebida a tiros por traficantes. O fato foi testemunhado pela reportagem do ESTADO DE MINAS, que estava no Gôgô da Ima, local também conhecido como Praça dos Cachorros. Os moradores acusam os militares de agressão, atirar em pessoas "inocentes" o uso de drogas, principalmente cocaína, em uma casa abandonada no meio da favela, conhecida como "Caverna do Diabo". O comando da PM nega as acusações, mas abriu sindicância para apurar.

O pedreiro morreu por volta das 1h30. Segundo teste-

munhas, ele acabava de sair de casa, na rua Santo Inácio, 50, para colocar um saco de lixo na rua, quando foi atingido por um tiro, supostamente disparado por militares. "Estava na rua e vi tudo; os policiais atiraram covardemente contra um homem que não estava sequer armado", garantiu uma testemunha, que só se identificou para policiais da Delegacia de Homicídios.

O tenente-coronel Rômulo Berbert Diniz disse que o pedreiro foi baleado durante guerra de gangues, e não pelos militares. Mas, durante o enterro do pedreiro no Cemitério da Paz, todos foram unânimes ao afirmar que ele foi assassinado pelos policiais. "Meu filho era um trabalhador e foi morto pela polícia", garantiu a mãe, Maria da Piedade Teodoro, de 47.

O delegado de Homicídios José Arcobispo Filho abriu inquérito para apurar o crime. Ele disse que ainda é cedo para antecipar qualquer informação, mas vai investigar a participação dos militares na morte do pedreiro, baseado nas informações das testemunhas.

3. Carta aberta divulgada ao povo de Belo Horizonte e do interior, pelo empresário e deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho.

Ao Povo de Belo Horizonte e do Interior

Com relação aos lamentáveis atos de vandalismo que se vem verificando em áreas plantadas de eucaliptos, pertencentes a firmas — de que sou acionista, assim como a terceiros, sinto-me no dever de esclarecer ao público o que existe do verdadeiro, principalmente porque elementos suspeitos, de má-fé, procuram deturpar a realidade, para incomodabilizar-me com a opinião pública.

A firma LILIANA, S. A., comprou, em 1933, por Cr\$ 15.000.000,00, os lotes remanescentes da Vila D. Bosoio, ficando sub-rogada nos direitos e obrigações respectivas e, como tal, passou a relatar, não só dos seus lotes, mas também dos lotes dos prestamistas, muitos deles residentes no interior, entre os quais viúvas e pessoas pobres.

Acontece que, em dia de mês passado, a referida vila foi invadida por favelados e, notadamente, por aventureiros não necessitados.

Requerida e concedida a licença de reintegração de posse, de acordo com o desejo do Excmo. Sr. Governador e também meu, nos favelados, aparentemente necessitados, foi cedida uma parte da mesma vila, — com lotes, parte essa litigiosa, de vez que a Prefeitura a reclama como sua, o mesmo fazendo LILIANA, S. A.

E' que, quando da aprovação da vila, foi feito um acordo, pelo qual seria cedida à Prefeitura uma área de cem lotes em troca da urbanização da vila por conta da mesma Prefeitura, mas esta não cumpriu o acordo, deixando de executar a urbanização.

A Vila D. Bosoio estava parcialmente plantada em eucaliptos, que foram quase totalmente roubados, sem que houvesse repressão policial.

Anunciados com o resultado, meus elementos esclaream o roubo de eucaliptos em outra área.

Foi solicitada, inutilmente, a presença da Polícia.

Devido a essa inexplicável omissão, a pilhagem foi-se aguçando, dezenas de caminhões transportam, dia e noite, carregados de toros de eucaliptos, produto de crime impune. Agrava-se a situação, a cada momento, pela intromissão de agitados comunistas, que incitam ao saque, ao incêndio, à violência e à posse criminosa de novas áreas invadidas.

Trata-se de abominável ato de depredação, cujos prejuízos já vão além de cem milhões de cruzetões e aumentam a todo o momento.

Tevo reclamado, insistentemente, ao Sr. Secretário da Segurança e, até, ao Sr. Governador do Estado, mas nenhuma providência foi tomada pelas autoridades.

Agora vamos recorrer, mais uma vez, ao Judiciário, Poder em que repousam as garantias constitucionais, a segurança da ordem e da paz civil, pois que, diante da indiferença das autoridades governamentais, os invasores, depois do saquear e incendiar, ainda estão construindo suas habitações nas áreas espoliadas.

Belo Horizonte, 9 de setembro de 1963.

ANTONIO LUCIANO PEREIRA FILHO.

ESTADO DE MINAS, 10/09/63

NOTA DO GOVERNO DO ESTADO SÔBRE OCUPAÇÃO DE TERRENOS

A propósito da ocupação de terrenos que se tem verificado, nos últimos dias, em determinadas áreas desta Capital, o Governo do Estado emitiu ontem, a seguinte nota:

1 — Não é exato que a Administração haja, em qualquer momento, deixado de atender a requisição de força para o cumprimento de mandado judicial. Especialmente no tocante ao que teve por objeto demanda de ocupação de área invadida por favelados, às margens da BR-31, o Poder Judiciário foi ampla e ativamente prestigiado, sem embargo de se terem tomado todas as cautelas no sentido de proteger os que eram verdadeiramente necessitados.

2 — Posteriormente, teve o Governo conhecimento de que áreas declaradas de utilidade pública pela Prefeitura de Belo Horizonte estavam ameaçadas. O Secretário da Segurança Pública oficiou ao Senhor Prefeito, alertando-o, e declarando que aguardava manifestação de Sua Excelência, para agir.

Nenhuma resposta recebeu, ainda.

3 — Ultimamente, verificado que se convertia em furto e pilhagem a ação contra as referidas áreas, tomaram-se todas as medidas de policiamento indicadas pelas circunstâncias. Desordeiros foram presos. Caminhões apreendidos.

4 — Todas as áreas ameaçadas estão sob completo controle das autoridades. A propriedade legítima acha-se perfeitamente assegurada, na forma da lei e da Constituição.

05.

quando isso continuara.

Incúria das autoridades provocou novas invasões em Belo Horizonte

O preceito constitucional que garante o direito de propriedade está sendo desrespeitado acintosamente em Belo Horizonte, diante dos olhares compassivos das autoridades, tanto municipais quanto estaduais, que não tomaram qualquer providência visando resguardar direitos de numerosas pessoas, que estão vendo nos últimos dias suas propriedades invadidas por favelados, muitos dos quais procedentes do interior. Liderados por elementos inescrupulosos e políticos demagogos, verdadeiras legiões de homens, mulheres e crianças estão ocupando terras particulares situadas na periferia da cidade. Destroem e saqueiam custosas plantações de eucaliptos, dando prejuízos incalculáveis aos proprietários, que até hoje não sabem para quem apelar, pois as autoridades têm sido insensíveis aos reclamos e às ponderações feitas a propósito pelos atingidos.

EXODO

O problema, que muitos acreditam ser social apenas, é muito mais grave do que se supõe, pois não se acham envolvidos de forma clara e inequívoca, conhecidos agitadores, elementos inescrupulosos que estão aproveitando da situação para implantar na cidade a "indústria da miséria". Acenando com a solução da casa própria, conseguem atrair para a Capital lavradores de diversos pontos do Estado, que para aqui convergem na esperança de melhores dias e melhores condições de vida.

Esses infelizes, aqui, chegarão a ser entregues à sua própria sorte. Não conseguem trabalhar, pois há excesso de mão-de-obra na cidade. Resultado: Vão mendigar ou engrassar os bandos de vagabundos e meliantes que infestam a vida belorizontina. Deixam ofertas de trabalho de 800 cruzeiros por dia no interior, para se sujeitarem, os poucos que o conseguem, a diárias de 400 ou 500 cruzeiros em Belo Horizonte. A demagogia, a insinceridade e a falta de escrúpulos dos que lideram as ocupações e os saques não permitem aos seus infelizes seguidores pensar maduramente sobre o assunto. Desconhecem eles que mais cedo ou mais tarde serão obrigados, pela Justiça, a abandonar as áreas ocupadas.

Aí então, sim, estará plenamente caracterizado o problema social. E as centenas de favelados que perambulam pela cidade, ocupando e devastando propriedades de particulares, desiludidas e certamente revoltadas, terão de voltar aos seus plagos. E os demagogos continuarão por aí como se nada houvesse acontecido.

FATOS SE REPETEM

Há dias, como foi amplamente noticiado, dezenas de favelados, orientados por pelegos, políticos, estudantes e alguns seminaristas (quatro), invadiram terras situadas ao longo da BR-31, no bairro denominado D Bosco. Ocuparam lotes pertencentes às mais variadas pessoas, muitas das quais gente humilde como os invasores. Apo-

deraram-se das terras e dali nada os conseguia tirar. Aproveitando-se da omissão das autoridades, tornaram-se inclusive agressivos, ameaçando de represalias aos que tentavam, inutilmente, reaver seus imóveis. Com muito custo, graças à ação de forças federais e da boa vontade de um proprietário, dono de grande número de lotes naquele local, chegou-se a um acordo, com a doação de 100 lotes aos favelados, no bairro D Bosco, e mais uns poucos em terrenos situados na localidade de Cabana do Patão.

DEVASTAÇÃO

A mudança de algumas famílias para a Cabana, foi bastante para que centenas de pessoas invadissem aquelas terras particulares, e iniciassem verdadeira devastação das plantações de eucaliptos ali existentes. Os proprietários dos terrenos, com o saque que ali se verifica, estão tendo um prejuízo diário de 5 milhões de cruzeiros, aproximadamente. Sem qualquer cerimônia, os favelados chegam, escolhem seu lote, cortam os eucaliptos neles existentes, vendem a madeira e depois erigem uma palhoça onde abrigam suas famílias. O que não podem aproveitar quem Muitos dos que ali se encontram praticam apenas a pilhagem da madeira. Já possuem um barracão / imedia-

.../...